



BALANÇA COMERCIAL

Exportações da PB crescem quase 50% de janeiro a maio deste ano

Espanha, França, Portugal, Tunísia, Gana e Argentina estão entre os principais compradores. **Página 17**

Foto: Thiago Marques



Produtos paraibanos estão sendo bem aceitos no mercado internacional e movimentam o Porto de Cabedelo



Ilustração: Tônio

Abelardo Jurema: o político no poder e no exílio

Jornalista, advogado, político e escritor, ele foi ministro do governo João Goulart, sendo cassado pela ditadura. Exilou-se no Peru. Conheça a trajetória do paraibano que também ajudou a promover a Orquestra Tabajara no país.

Páginas 26 e 27

■ “João Pessoa figura entre os 10 destinos mais procurados do mundo para as férias escolares de julho. Essa pesquisa ressalta o potencial do setor turístico”.

Amadeu Fonseca

Página 17

■ “Ando às voltas com Henry James, no seu monumental ‘A taça de ouro’. Grande literatura, algo não muito habitual na dissolução dos tempos líquidos”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

Foto: Marcos Russo



Restaurador de piano: uma profissão rara

Pelo menos na Paraíba. Há só um, Geraldo Filho, que também atua como afinador do instrumento.

Página 7

Pragas urbanas infestam bairros e assustam moradores

Caramujos aparecem em vários locais da capital, além de pombos e ratos. Todos são perigosos à saúde.

Página 5

Aos 90 anos, Gonzaga Rodrigues lança nova coletânea

O aniversário é na quarta, mas o lançamento de “Com os olhos no chão” é amanhã, às 17h30, na APL.

Página 9

Foto: Edson Matos



Memórias

Chico Pinto e a saudade dos “furos” jornalísticos

Ele queria mesmo ser advogado, mas acabou se apaixonando pelo jornalismo quando assumiu vaga de repórter em A União.

Páginas 14 e 15



Pensar

O caderno Pensar traz uma série de matérias sobre o chamado “greenwashing”, que surge como perigosa estratégia de marketing das empresas com divulgação de produtos falsamente sustentáveis.

Páginas 29 a 32

Editorial

Mais reflexão

A humanidade está repleta de fatos trágicos ocorridos devido à falta de uma maior reflexão por parte das pessoas antes de agir. São acontecimentos tantos históricos como corriqueiros no dia a dia das pessoas. A ação impensada, muitas vezes até com objetivos que seriam nobres, pode resultar em situações danosas à vida de outras pessoas, incluindo traumas irreparáveis e até mesmo à morte. Antes da ação, é preciso uma reflexão. Isso em todos os momentos da vida. O agir por impulso só é justificado em casos raríssimos.

“O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete”. Atribuída ao filósofo Aristóteles, a seguinte frase resume a necessidade de se pensar nas atitudes que serão tomadas. Alguns fatos lamentáveis ocorridos demonstram claramente o quão perigoso e danoso são iniciativas tomadas no calor do momento sem o mínimo de reflexão.

Essa semana um pai foi espancado por três homens numa cidade do interior de São Paulo. Era o primeiro dia em que a filha de 13 anos ia sozinha para a escola. O homem combinou com a mãe que seguiria à distância a jovem até o colégio em que ela estuda. No trajeto, três homens perceberam que ele seguia a menina e o abordaram. Até aí tudo bem. Só que o trio não acreditou na história contada pelo pai e, no lugar de conferir se o que ele dizia era verdade ou não, passou a espancá-lo sob acusações de que era “estuprador”, “malandro”. A pancadaria seguiu até o interior da escola e só acabou quando a filha viu o pai apanhando e interveio.

Em outra situação, o desfecho foi ainda mais trágico. Um homem pediu emprestado uma motocicleta a um amigo. Quando este trafegava por uma rua próxima alguém pensou que se tratava de um assalto e gritou. Várias pessoas derrubaram o homem da moto e começaram a espancá-lo. O linchamento prosseguiu mesmo com a vítima desacordada no chão. O suposto criminoso era um trabalhador que, infelizmente, não resistiu aos ferimentos e morreu. E mesmo que fosse um bandido não é dado o direito a ninguém de julgar, condenar e aplicar a sentença de morte.

Jesus Cristo mesmo afirmou: “Quem não tiver nenhum pecado, que atire a primeira pedra”. Contudo, o que se vê muitas vezes é uma sanha por justicamento e vingança, uma ideia errada do que venha a ser justiça. Não há desculpa nesses casos, pois quem participa de atos como os citados acima age como criminosos.

As pessoas precisam aprender a serem cidadãs na plenitude do significado da palavra. Não há justificativa para agir como bandido, mesmo que a desculpa seja de combater o crime. A sociedade necessita amadurecer e cada indivíduo deve refletir sobre seus atos, mesmo quando está em grupo. O outro caminho é a barbárie, um ambiente de insegurança e medo. Só assim será possível construir um ambiente de maior justiça social e de paz.

Artigo

A cantata de Alagamar

A luta em defesa dos agricultores de Alagamar uniu um líder religioso, o Arcebispo Dom José Maria Pires; um argentino/judeu circuncidado, o maestro Kaplan; e um ateu assumido, o escritor W.J.Solha, na produção de um espetáculo musical intitulado “Cantata de Alagamar”. Baseado num texto do camponês Severino Izidro, conhecido como “Hino de Alagamar”, a peça artística pretendia dar maior projeção ao movimento dos trabalhadores rurais envolvidos na disputa com os proprietários das terras daquele latifúndio, denunciando abusos sofridos por famílias camponesas ali residentes. Severino era o responsável para levar as informações, por escrito, para os veículos de comunicação do estado, como ele próprio chegou a declarar, em 2010: “Quando escrevia, a gente tirava muita cópia, não é. Levava pro Jornal, levava pra diocese, deixava no movimento sindical, deixava na federação e, sempre, sempre quando a gente tinha alguma coisa que era pra decidir com a polícia, a gente tinha muito cuidado, levava logo pro jornal, quando era pra decidir alguma coisa com o governo do estado, a gente também levava jornal e tinha muito cuidado, sempre ficava com cópia. A gente nunca teve, assim, muita confiança nesse povo não, porque as coisas são distorcidas, no jornal agente fala uma coisa e cada um faz a sua defesa, não é”. Os agricultores sabiam, portanto, o quanto uma informação errada ou mal interpretada poderia prejudicá-los.

O “Hino de Alagamar”, que inspirou a Cantata, teve um papel importante no sentido de mobilizar, de fazer o povo se reconhecer como filho da terra e parte indispensável naquela batalha. A sua letra tem uma forte convocação para a luta em defesa dos moradores da fazenda: Alagamar, meu coração/ Teu povo unido espera uma solução/ Nossa vitória fica na história; A tua glória é a nossa união. [...] Teu povo forte, sem violência e sem guerra, numa luta pela terra e pela boa produção/ Da agricultura que o nosso povo consome quem consagra esse teu nome não se curva à invasão. Teus filhos querem permanecer no trabalho/sabendo que és o retalho que o pobre ainda arranja o pão; Alagamar de tantas belezas mil/ tu sabes que no Brasil acabou-se a escravidão. Nossa Tensão Social Organizada/ ela nunca foi forjada por quem usa de outros feitos. Foram as prisões e os despejos inimigos que fizeram meus amigos procurarem seus direitos. Não temos ódio nem preguiça nem vingança/ mas temos

a esperança de nossa libertação/ Para o nosso povo ter produtos agradáveis, nós somos os responsáveis por sua alimentação.

O teatrólogo Fernando Teixeira ficou responsável pela direção do jogral, que contava com os atores Buda Lira, Ubiratan de Assis e João Costa. A obra baseada em ritmos e poesia vinculados à nossa cultura, harmonizando-os com a modernidade, teve a participação de artistas da chamada música erudita, tais como solistas, tenores, coro misto e orquestra de câmara, integrantes da Universidade Federal da Paraíba. A ópera camponesa não podia ser apresentada nos teatros, porquanto proibida pela censura em razão do seu conteúdo político de denúncia da perseguição a que estavam sendo submetidos os agricultores pela Ditadura Militar. Por isso, sua estreia aconteceu no dia 17 de junho de 1979, na Capela da Igreja de São Francisco, com um público de aproximadamente 400 pessoas, que aplaudiu de pé o espetáculo.

Na oportunidade também se faziam presentes, como expectadores, o Arcebispo Dom Hélder Câmara, de Olinda e Recife e Dom Frágoso, Bispo de Cratêus, ambos, ao lado de Dom José Maria Pires, apontados pela imprensa aliada ao governo como os “bispos vermelhos”, pela pregação que faziam em favor dos pobres e dos oprimidos. O espetáculo, gravado em disco vinil pouco depois, recebeu a apresentação de Dom Hélder, que, entre outras colocações, afirmou: “A Cantata nos traz a boa nova de que nossa gente sofrida sabe muito bem que seria loucura pegar em armas, cujos fabricantes são seus opressores, mas não está, de modo algum acovardada e sem ação. Aprende sempre mais que a força do povo é a união, não para pisar direitos dos outros, mas para não deixar que ninguém pise direitos seus. Para quem tem ouvidos de ouvir, é cantata de esperança e de amor”.

Em 2014, foi representada no último dia do Festival de Artes de Areia, no Colégio Santa Rita. A cantata, naquela oportunidade, teve a participação do Coro Villa-Lobos, de João Pessoa. Em cena estiveram os solistas Vladimir Silva e Fátima França, os narradores Ubiratan de Assis, Bia Cagliani e Daniel Porpino e na regência, Carlos Anísio.

Quarenta e quatro anos depois, a história da luta do povo de Alagamar demonstra que o poder da união, do direito e da comunicação, consegue vencer o autoritarismo e a força do dinheiro.

Rui Leitão

iurleita@hotmail.com

Foto Legenda



Direção em desequilíbrio

Gonzaga Rodrigues Na Academia

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Foi uma noite como poucas a que vi ontem no ânimo emocional dos oradores e dos que prestigiaram a posse de Tarcísio Pereira na Academia.

Foi o primeiro dueto discursivo a que assisti mais do que ouvi, ajudado pela vibração de algumas palavras chaves que legendavam o rumo dos discursos. Tarcísio aplaudido a cada página (e não foram poucas), Hildeberto Barbosa vibrando a cada achado surgido ou rebentado dos muitos talentos do escritor, ficcionista e de franco e reconhecido domínio nas artes dramáticas.

Tocou-me logo de início a saudação do filho de Pombal aos que, familiares ou conterrâneos, vieram representar sua terra na noite solene.

Orgulhava-se ele, numa entrevista às vésperas da posse, de ser o primeiro pombalense a ingressar na Academia Paraibana. Mas, de Pombal, não foi o primeiro a merecer, ainda que possa, no seu tempo, bem representá-los. Do Pombal de Arruda Câmara e de Borges da Fonseca, revolucionários da liberdade, mal vistos não só pelo Império, como pelos olhos raivosos do imperador do seu tempo. O Pombal de Wilson Seixas, convidado por Afonso Pereira a ingressar na Academia, mas pedindo tempo para merecer, para completar a sua obra, quase toda dedicada ao torrão natal, ao “Velho Arraial das Piranhas”, aos “Pordeus do Rio do Peixe”, além de “Viagem através da Província da Paraíba” e de um título em que se saiu extenuado dedicado à Santa Casa de Misericórdia e sua Igreja, no Ponto de Cem Réis.

Representa bem e legitimamente a sua terra esse escritor e teatrólogo que, se foi buscar na magia autóctone dos prosadores de cordel e na dos narradores hispano-americanos a sua liberdade de tema e de estilo, não fugiu à sua índole de expressão e tenacidade.

Mas Tarcísio não é só representação, seja como escritor e autor dramático. Já não ouço bem e os aparelhos pouco ajudam, mas ainda me sobra uma boa visão. Vi seus olhos minarem a pu-

“

Vi seus olhos
mirarem a
pureza do
sertanejo
comovido pelo
reconhecimento
do auditório e
dos confrades

Gonzaga Rodrigues

reza do sertanejo comovido pelo reconhecimento do auditório e dos confrades que o receberam unanimemente. Chorou e assoou-se.

Foi noite feliz de Academia.

* * *

Antes que varram a casa e se dissipem os vapores que o frio da noite chuvosa pôde segurar, estarei, nesta segunda-feira, lançando nova coletânea de crônicas cujo título não manga das Notas do meu lugar, editado em 1978. Reúne um feixe das antigas, retiradas de livros que não foram reeditados (Notas do meu lugar, Um sítio que anda comigo e Filipeia e outras saudades) e novas crônicas da velhice. Novas pela data, mas com os olhos no tempo, que é meu chão. Daí o título: Com os olhos no chão. Socorrendo-se pretensiosamente de epígrafe furtada da seara de Fernando Pessoa:

“A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou.
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.”

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

INVESTIMENTO NA CULTURA

Governo apoia 550 festas de São João em 120 municípios

Mais de R\$ 18 milhões foram investidos para difusão dos eventos juninos

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Os festejos juninos estão entre as comemorações mais tradicionais da Paraíba. Com apresentações de quadrilhas, forró, comidas típicas e celebrações culturais, o São João movimenta a economia do estado e impulsiona o turismo local. Para que a festa faça jus à tradição, no entanto, o Governo do Estado tem investido na organização dos eventos que acontecem Paraíba adentro e incentivado que, a cada ano, o São João paraibano atinja proporções maiores. Nesta edição da festa, mais de R\$ 18 milhões foram distribuídos como aporte à realização dos 550 eventos, que acontecem em cerca de 120 municípios nesse período. Dentre os planos de ação e investimentos voltados à realização dos festejos juninos, está o investimento de R\$ 9.040.000,00 no Maior São João do Mundo, realizado em

Campina Grande. Mas este orçamento é apenas parte dos R\$ 18.750.601,34 que foram investidos ao todo nas comemorações juninas na Paraíba. A outra parcela deste valor foi revertida para o resto do estado e, segundo o governador João Azevêdo, “quem ganha é a Paraíba toda”. Os recursos foram destinados a todas as festas do estado, da maior à menor, e apoiam, em Campina Grande, a movimentação de quadrilhas juninas, dos barraqueiros do Parque do Povo, dos comerciantes da Feira Central e dos artesãos que, até o próximo dia 2 de julho, estão expondo no 36º Salão do Artesanato Paraibano. Além disso, a quarta edição do Festival São João na Rede também está incluída nos valores investidos. Este ano, a quarta edição do evento, que é organizado e produzido pela Associação Cultural Balaio Nordeste, envolve 12 cidades e em cada uma delas uma potên-

cia das artes e da cultura local está sendo homenageada. Desde que foi criado, em modalidade remota, o evento conta com o apoio do Governo da Paraíba e é uma forma de levantar recursos para a subsistência desses artistas durante a pandemia de Covid-19. Este ano, o evento está circulando pelas cidades contempladas com o Caminhão do Forró, que foi adaptado com palco, som, iluminação e camarins para que 56 grupos locais de forró de pé de serra se apresentem. A festa, que começou no último dia 7, se encerra hoje, em Passagem. A partir das 19h, a população poderá acompanhar a apresentação do projeto e a entrega de certificados aos mestres Nanah Soares e Zélio do Acordeon. Depois, a banda Caactus, Zé Nildo, Títico Bento e Forró Trakino subirão ao palco para animar o público. “Queremos consolidar ainda mais essa grande fes-

ta, garantindo o retorno econômico para o comerciante, para o músico, e junto com Campina, a Paraíba fará o maior São João do Mundo”, afirmou o governador ao explicar que as ações de fomento à festa passam pelos setores de cultura e turismo, mas também estão relacionadas ao oferecimento de microcrédito para empreendedores e ao fortalecimento de saúde e segurança públicas.

■ Estado tem investido nos eventos que acontecem Paraíba adentro para que o São João atinja proporções maiores

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“DÓI NO CORAÇÃO VER ISSO, MAS É NECESSÁRIO O JOGO DE RELAÇÃO ENTRE LEGISLATIVO E EXECUTIVO”



Foto: Reprodução/ PT/PB

Não é a primeira vez que o presidente do PT da Paraíba, Jackson Macedo (foto), se reporta ao fato de que o partido está perdendo espaços para outras legendas no tocante a nomeações para cargos federais, aqui e alhures. Esta semana, o dirigente voltou a falar do assunto, demonstrando certa decepção com os encaminhamentos feitos pelo Lula três nesse particular, mas ao mesmo tempo reconheceu que se trata de uma estratégia para assegurar a governabilidade e construir uma base no Congresso Nacional. “Os espaços para o PT serão diminuídos. Vão ter mais nomeações de partidos que não estiveram conosco na campanha. A preocupação é a montagem de uma base do PT e seus aliados. Dói no coração ver isso, mas, infelizmente, é necessário o jogo de relação entre o Legislativo e o Executivo”, disse, em entrevista a uma rádio. De fato, não houve nenhuma nomeação de peso na Paraíba destinada ao PT. A superintendência da CBTU, por exemplo, estaria sendo pleiteada pelo partido, mas acabou ficando para o Progressistas do deputado federal Aguinaldo Ribeiro.

PROCESSO ESTÁ ACELERADO

Outras legendas do centrão, de acordo com Jackson Macedo, tem conseguido emplacar indicados no governo. “Essas nomeações já estão acontecendo. O que o presidente quer é que se acelere isso, pois a construção dessa base no Congresso passa também pela ocupação dos espaços no Governo Federal”, afirmou.

EM DEFESA DA ALIANÇA

“O vice pode até não ser Léo Bezerra, mas tenho certeza de que será do PSB e indicado pelo governador”. Do presidente da Câmara de João Pessoa, Dinho Doswley (Avante) defendendo a manutenção da aliança entre o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), e João Azevêdo (PSB), em 2024. E acresceu, em entrevista à TV: “Enquanto Poder Legislativo, nos sentimos bem representados na chapa com Léo Bezerra”.

CONVITE DO UNIÃO BRASIL

Não está descartada a possibilidade de Dinho Doswley disputar a reeleição no próximo ano pelo União Brasil – ele foi convidado pelo senador Efraim Filho para se filiar ao partido. “Votei em Efraim para senador, mas quanto à minha ida para o partido dele, ainda é cedo para tomar essa decisão”. Especula-se que ele será candidato a deputado estadual, em 2026.

DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS?

O deputado Cabo Gilberto afirma que não vê nada de extraordinário no fato de Romero Rodrigues participar de um evento do Republicanos, que faz oposição à gestão de Bruno Cunha Lima (PSD) em Campina Grande. “O senhor iria para um evento do PT, se fosse convidado?”, lhe perguntaram. “Aí é diferente, o Republicanos é de centro”, respondeu. Dois pesos, duas medidas?

“ELE NUNCA FOI DE DIREITA”

A direita na Paraíba está rachada? Para o deputado Cabo Gilberto, isso não é verdade, apesar dos indícios que mostram claramente uma incompatibilidade entre ele e o presidente estadual do PL, deputado Wellington Roberto. Agora, para desconstruir a imagem de bolsonarista de Wellington, ele está adotando a tática de vinculá-lo ao PT: “Nunca foi de direita, é aliado de Lula”.

SANTIAGO DESVINCULA NOMEAÇÕES DO APOIO ÀS PAUTAS DO GOVERNO

O deputado federal Wilson Santiago (Republicanos) afirma que fez indicações para cargos no Lula três, mas garante que isso não está condicionado ao apoio do seu partido às pautas que o governo apresente no Congresso: “Eu acho que a questão da aprovação de matérias no Congresso Nacional independe de nomeação de qualquer auxiliar do governo. Essa dependência para quem votou no presidente não existe”.



Foto: Codecom-CG



Foto: Daniel Silva/Secom-JP

Governo amplia distribuição de investimentos em todo o Estado com objetivo de movimentar a economia e impulsionar o turismo

Geração de renda e abertura de empregos

Os investimentos na cultura junina refletem o compromisso do governo com a geração de renda através da abertura de empregos e de oportunidades para o fechamento de negócios. Esse cuidado com a viabilização do São João está, também, na campanha de divulgação prévia dos eventos espalhados pelo estado. Por meio das estratégias de disseminação pública do São João local, o tema “Paraíba Junina” foi impulsionado nas redes sociais e também em outros espaços, como em painéis instalados em aeroportos, publicidades divulgadas em canais privados de televisão e, obviamente, em canais de televisão e em emissoras de rádio locais. De acordo com o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santos, o movimento capitaneado pelo Governo do Estado no impulsionamento do festejunino paraibano é histórico e o apoio oferecido às quadrilhas juninas, inédito. “O Governo do Estado entende a importância do setor para a cadeia produtiva cultural. As ações estão sendo realizadas

Incentivo
Estado repassou aportes financeiros aos grupos de quadrilheiros, considerados fundamentais na difusão da cultura junina

com a Secretaria de Estado do Turismo, com todos os dispositivos que compõem a Secretaria de Estado da Segurança Pública, com a Secretaria de Estado da Comunicação, Empreender, enfim, são muitos agentes trabalhando para que tudo aconteça da melhor forma”, explicou o secretário.

Segurança potencializada
Além dos recursos empregados na cultura e no turis-

mo ao longo deste período, o Governo da Paraíba também se preocupou com o planejamento operacional da segurança pública dos paraibanos e de quem mais estiver curtindo o São João. Através do suporte oferecido pelo Centro Integrado de Comando e Controle (CICC), Polícias Militar, Civil e Penal; Corpo de Bombeiros e Departamento Estadual de Trânsito estão em alerta para garantir a segurança da população. A eficácia do patrulhamento realizado pelos órgãos e entidades de segurança pública do estado é potencializada pelas 421 câmeras fixadas no Parque do Povo e em outros trechos de Campina Grande, bem como às câmeras de reconhecimento facial e às aeronaves colocadas à disposição do público para ocorrências envolvendo necessidades de saúde ou policiais. Além da unidade de Campina Grande, o CICC também opera com unidades em Patos, no Sertão. Em breve, uma unidade também entrará em atividades na capital paraibana.

Quadrilhas Juninas

Para o período de São João, foram firmados convênios com nove entidades diferentes, todas responsáveis pela organização das quadrilhas juninas na Paraíba. A partir dos convênios assinados, foram repassados aportes financeiros aos grupos de quadrilheiros, considerados fundamentais na difusão da cultura junina. Apenas em Campina Grande, R\$ 160 mil foram destinados a estes grupos, que não apenas se apresentam em eventos por toda a Paraíba, mas também integram disputas regionais e nacionais como representantes do estado. Neste mês, entre os dias 3 e 11, 124 quadrilhas participaram de competições realizadas em todas as regiões do estado. Neste domingo, as quadrilhas de Sousa e demais cidades do Alto Sertão se apresentam e, entre os dias 19 e 21, será realizada a final da competição, em João Pessoa, onde o público conhecerá as quadrilhas vencedoras.



Foto: Roberto Guedes

Simone Jordão,
presidente da Funad

“Mais de 30 mil pessoas já acessaram o Censo Estadual”

Pesquisa tem sido realizada em parceria com os municípios para ter dimensão do público com deficiência no estado

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

A história profissional de Simone Jordão se confunde com a própria história do nascimento da Funad - Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência, referência no serviço de habilitação e reabilitação para pessoas com deficiência em todo o estado da Paraíba. Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual da Paraíba em 1989, ela fez parte da primeira equipe de profissionais que atuou no órgão, em 1991.

Em entrevista ao Jornal A União, a presidente da Funad fala de políticas públicas, dos avanços sociais e o que ainda precisa ser conquistado para as pessoas com deficiência. Simone também faz um resgate sobre as ações realizadas pela fundação e conta o desafio de presidir, por mais de 10 anos, um órgão que atende de 500 a 800 pessoas por dia.

Entrevista

■ *A senhora é presidente da Funad desde 2011, e antes disso, foi assistente social do órgão. São mais de 10 anos à frente de um órgão importante na inclusão social e educacional de uma população bastante vulnerável. É possível fazer um paralelo do que eram as políticas públicas naquela época e nos dias atuais?*

A diferença primordial é que a política pública em relação à pessoa com deficiência passou a ter mais visibilidade e efetividade. A política para pessoa com deficiência se concentrou muito nos serviços que foram demandas das organizações da sociedade civil, a exemplos da Apae, Associação Pestalozzi, Instituto dos Cegos, que de alguma forma, já implementavam serviços. Existia uma coordenadoria em nível nacional, mas os serviços de reabilitação eram fragmentados. E quando a Funad surge em 1991, já é de forma muito ousada, concentrando todas as áreas da deficiência com um porte imenso.

Hoje, nós temos uma rede de reabilitação que foi estruturada em 2012; temos uma política nacional de Educação Especial que define a inclusão escolar; a legislação em relação à pessoa com deficiência mudou as terminologias; os PCD's passaram a ser pessoas de direitos e protagonistas de suas escolhas. É uma mudança muito significativa.

Outra questão é que todas as decisões relativas a pessoas com deficiência se concentravam na Funad, hoje é diferente. Temos muitas secretarias e órgãos do governo que tomaram para si a implantação das políticas públicas nas suas respectivas áreas. A Funad tem uma conexão muito forte com algumas secretarias, a exemplo da Saúde, Educação, Desenvolvimento Humano, em um casamento muito sólido porque o governo entende que as políticas precisam atuar de forma transversal. Essa é a grande diferença de antes e a de hoje.

■ *Na sua opinião, qual o maior desafio enquanto presidente da Funad?*

O principal desafio continua sendo garantir que as políticas públicas se efetivem nos municípios de forma mais presente na vida das pessoas, que garantam um sistema educacional e de saúde que possam dialogar e oferecer a integralidade da assistência, já que infelizmente

te esses serviços ainda estão muito fragmentados e isso de alguma forma, reverbera na Funad.

Nós temos ainda um desafio que é o aumento significativo no número de pessoas autistas. O Governo do Estado tem tentando implementar serviços fora da Funad, a exemplo dos Centros de Atendimento aos Autistas.

■ *Qual a sua avaliação sobre a acessibilidade na nossa capital, em especial, nos espaços de cultura e lazer?*

Não temos ainda espaços acessíveis para pessoas com deficiência. Considero que a grande barreira que as pessoas com deficiência ainda convivem é a questão atitudinal, e entender que todos os espaços públicos devem garantir acessibilidade plena para a gestante, o idoso, para pessoas com obesidade, e para pessoas com deficiência. Ainda existe uma cultura de achar que as pessoas com deficiência devem ficar em casa, mas é preciso destacar que as PCD's têm um processo de organização muito mais efetivo. Construir uma cidade efetivamente acessível, ainda é um grande desafio. Existe uma legislação que preconiza que os equipamentos públicos devem ter acessibilidade.

■ *A Lei nº 13.146/2015 instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Na prática, quais avanços ela trouxe para as PCD's?*

O primeiro avanço desse marco foi reunir um conjunto de leis que já existiam, num só documento. Antes de 2015 nós já tínhamos a Lei de Cotas, a Lei de Educação Inclusiva, a ratificação da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Adotar o conceito de pessoa com deficiência da convenção foi um avanço na medida em que se afirma que a pessoa com deficiência é aquela que tem algum impedimento de natureza física, visual, auditiva e cognitiva em contato com as barreiras sociais: tem um conceito da deficiência social. Por exemplo, se um cadeirante for criado numa cidade acessível, ele terá uma maior mobilidade, capacidade de trabalhar, e acessar políticas públicas.

Não são as pessoas com deficiência que precisam se adaptar. É a sociedade que precisa mudar para conviver com a diversidade huma-

na. Temos avanços na acessibilidade para eventos culturais e transportes públicos. O problema é que ainda existem muitas questões da Lei Brasileira de Inclusão que ainda não passaram por regulamentação. Também é importante destacar a criminalização em relação à qualquer tipo de discriminação.

■ *Em 2021, o então ministro da Educação, Milton Ribeiro, afirmou que alunos com deficiência “atrapalhavam” o aprendizado de outros estudantes. Como a senhora avalia a ação do último Governo Federal em relação às pessoas com deficiência e qual a perspectiva para os próximos anos?*

Nós tivemos muita dificuldade porque o Governo Federal fragilizou muito o Conad (Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência). Durante esses quatro anos, a gestão que acabou não se reuniu com o Conad e nem elaborou um plano de governo para pessoas com deficiência (o último foi lançado em 2012). Todos os serviços que temos hoje, veio desse último plano. Houve uma tentativa de retroceder no direito à educação para pessoas com deficiência, na medida em que havia a proposta de retomar o modelo de escolas especiais, e que só não avançou por conta de um movimento muito forte da sociedade civil e do próprio STF. Hoje, já sentimos uma grande diferença no que diz respeito a chamar a sociedade civil e os gestores para a discussão.

O que nos “salvou” foi termos um governador extremamente atuante, que fortalece o diálogo e as políticas públicas inclusivas. O Governo do Estado da Paraíba conseguiu implantar, em plena pandemia, um Centro de Diagnóstico para Pessoa com Deficiência em Campina Grande, que hoje é referência naquela região. Também inauguramos Centros de Atendimento a autistas, serviços educacionais em Guarabira.

■ *Em abril, foi inaugurada a primeira Oficina Ortopédica da Paraíba. Leila Denise Moura Maia Rabelo, que vai produzir órteses e próteses de forma gratuita. Como vai funcionar esse espaço?*

A Funad é um espaço habilitado pelo Ministério da Saúde e nós temos o serviço em quatro áreas, incluindo o serviço de reabilitação física, então nós podemos e devemos ter uma oficina ortopédica. O Governo do Estado encampou essa ideia. É preciso destacar que poucos estados no Brasil possuem oficinas ortopédicas totalmente públicas. Ela foi construída com recursos do Governo do Estado e do Ministério da Saúde, e vai ter um custeio de manutenção com 90% de recursos do governo estadual.

Essa oficina tem uma importância muito grande porque a política de órteses e próteses está muito fragilizada. Nós não tínhamos mão de obra qualificada na Paraíba, então houve um convênio da Secretaria de Saúde através da Escola de Saúde Pública, com a Universidade Estadual da Paraíba, e nós temos um

grupo de profissionais fazendo um curso, em dois modelos: um modelo de produção em 3D, e no modelo clássico.

Os equipamentos já foram todos solicitados e estão em processo de licitação pela Secretaria de Saúde, além da aquisição de cadeiras de rodas (que é uma atribuição dos municípios). Vamos disponibilizar e fazer a manutenção de cadeiras de rodas.

Já estamos produzindo órteses de baixa temperatura (órteses que crianças com paralisia cerebral usam nos braços e pernas). Vamos também começar a produzir órteses para os membros inferiores.

A oficina em Sousa também está prestes a ser inaugurada, sendo que o processo será mais fácil pelo que vivenciamos aqui. Já mapeamos equipamentos, insumos, quais produtos são mais demandados.

É uma tarefa muito desafiadora, mas estamos felizes e não tenho dúvidas que o estado da Paraíba vai ser exemplo na execução dessa política.

■ *Uma das principais dificuldades das pessoas com deficiência é se inserir no mercado de trabalho e garantir independência econômica. A Funad possui um programa de inserção profissional que, só em 2022, alcançou 268 pessoas. Qual balanço a senhora faz desse programa?*

Nós somos a grande referência do acesso das pessoas com deficiência ao mercado de trabalho. Temos aprimorado a interlocução com as empresas e temos um banco de dados de pessoas com deficiência, além de uma parceria com o Ministério Público do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho e Senai. Temos atuado com um processo de profissionalização para inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. O Governo do Estado tem feito sua parte ao garantir que as pessoas com deficiência tenham acesso à educação. Realizamos recentemente o Dia da D da Empregabilidade da Pessoa com Deficiência, em parceria com o Tribunal Regional do Trabalho e o Ministério do Trabalho e Emprego e tivemos a participação de 38 empresas e estamos nos organizando para realizar esse evento em Campina Grande, em setembro, que é um mês simbólico já que celebramos, no dia 21, o Dia Nacional da Pessoa com Deficiência.

■ *Um levantamento do IBGE aponta que 8,4% da população brasileira acima de dois anos – o que representa 17,3 milhões de pessoas – tem algum tipo de deficiência. Em setembro de 2021, o Governo do Estado lançou o Cadastro Estadual da Pessoa com Deficiência. Já é possível apontar um perfil dessa população na Paraíba?*

Nós temos mais de 30 mil pessoas que já acessaram o Censo. Estamos num trabalho com os municípios para que possam colaborar. Importante destacar que o conceito de pessoa do Censo de 2010 (IBGE), aponta que o Brasil tem um percentual muito grande de pessoas com deficiência visual, isso porque en-

tram nessa categoria as pessoas que usam óculos, ou seja, um conceito muito mais amplo. Em 2019, foi feita uma releitura desses dados do IBGE com base num método diferenciado: só foram inseridas as pessoas com grande dificuldade ou não enxergam de modo algum. Então, dos 27% de 2010, passou para 8% o percentual de pessoas com deficiência visual no Brasil. E na Paraíba, o percentual ficou em 10%, acima da média nacional.

No Censo Estadual levamos em consideração aquelas pessoas que, de fato, necessitam de políticas públicas. Então entendemos que o Censo na Paraíba será mais real. O Censo que temos hoje, aponta que temos mais pessoas com deficiência intelectual, uma grande quantidade de pessoas com deficiência física e autistas. Também temos um recorte de renda, com 75% das pessoas com deficiência vivendo com um salário mínimo.

O objetivo é fazer um estudo mais aprimorado do Cadastro Estadual da Pessoa com Deficiência. Inclusive, órgãos de outros estados têm entrado em contato para saber sobre a experiência de implementação desse censo. A resposta é simples: ter uma gestão com articulação em que todos se responsabilizam pelo que tem que ser feito.

■ *Um dos grandes desafios do ensino na rede pública é garantir que todos os estudantes tenham acesso à educação. Como a Funad auxilia nesse processo de capacitação dos educadores?*

Nós temos uma assessoria de educação especial que tem como missão qualificar a rede de ensino nessa área. A Funad possui três núcleos ligados a essa assessoria e durante o ano, implantamos o calendário de formação para a rede de ensino.

Esse ano, estamos investindo no curso de cuidador, a princípio, para os profissionais contratados pelo Estado, mas nós já programamos para o segundo semestre, através de uma parceria com o Instituto Alparkatas, o curso de cuidador para 27 municípios, de 300 a 400 pessoas.

■ *Quais ações estão sendo planejadas para 2023?*

Temos um trabalho em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Humano, Saúde e Educação. Nós fizemos um mapeamento das regiões mais estratégicas, com maior demanda reprimida e com maior vazio assistencial para implantação de serviços em reabilitação em municípios em regiões estratégicas da Paraíba, além de um serviço de formação em Libras e um serviço de orientação pedagógica na região do Sertão do estado. Também pretendemos informatizar os atendimentos e o acesso para a porta de entrada na Funad.

E dentro da própria Funad, vamos passar por um processo de reestruturação. O governador João Azevêdo já autorizou a obra, alçada em cerca de R\$ 5 milhões.



Fotos: Roberto Guedes

No Ponto de Cem Réis, as pessoas costumam oferecer alimento para os pombos, e prédios abandonados na área facilitam que as aves formem ninhos

ALERTA

Pragas urbanas: risco para saúde

Por parecerem inofensivos, pombos, ratos e caramujos acham alimento fácil nas ruas, mas causam doenças

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A presença de pombos é uma cena comum em vários pontos da cidade e um dos locais onde eles são vistos com maior frequência é o Ponto de Cem Réis, no Centro. A ave parece inofensiva, mas é capaz de transmitir doenças ao ser humano, assim como caramujos e roedores que são encontrados na orla, em terrenos baldios, tubulações de esgotos e até mesmo no quintal de casas. Considerados pragas urbanas, eles transmitem doenças que podem matar. Nos últimos dez anos (2013/2022), 20 pessoas morreram na Paraíba vítimas da leptospirose, transmitida pelo rato, de acordo com Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB).

A Vigilância Ambiental de João Pessoa alerta que esses animais procuram sempre alimento, abrigo, água e acesso ao abrigo. Os pombos, por exemplo, gostam de locais onde podem ter abrigo e formar ninhos, como caixas de ar-condicionados e prédios abandonados. Além disso, eles preferem as áreas urbanas porque encontram alimento, principalmente no lixo. O Ponto de Cem Réis é um espaço movimentado e as pessoas costumam oferecer alimento para eles.

O técnico de Vigilância em Saúde de João Pessoa, Fabrício de Souza Silva, explica que várias informações já foram divulgadas alertando para não alimentar os pombos. Segundo ele, a dificuldade no Ponto de Cem Réis é que há prédios abandonados e toda condição para que formem ninhos. “A Vigilância Ambiental realizou ações junto com a Emlur e outras secretarias. A orientação que foi repassada à população é sempre de não alimentar e tentar tirar o mais rápido possível comidas do chão e restos de lixo”.

Ele ressalta que é preciso evitar a formação de ninhos e retirá-los se estiverem apenas com ovos. Se houver filhotes, é preciso esperar que se desenvolvam e saiam. Nesse processo é recomendado utilizar máscara porque as fezes do pombo podem causar danos à saúde. Por fim, fazer a limpeza com hipoclorito. Ao inalar as fezes, o ser humano pode desenvolver infecção por fungos. “Existem duas doenças transmitidas pelo pombo, a histoplasmose e a criptococose”. Elas têm tratamento e cura.

Moluscos encontrados em quase todos os bairros

Quem nunca se deparou com um caramujo no quintal, na calçada ou até na praia? Eles estão por toda parte e, para contê-los, a Vigilância Ambiental realiza um trabalho junto com a Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur). Os agentes de limpeza são responsáveis por fazer a coleta dos moluscos, caso haja uma grande quantidade desses animais.

Os trabalhos de educação e orientação ficam sob a responsabilidade do Centro de Controle de Zoonoses. “É importante entender que eles vão aparecer só no período mais frio. Se chover pela manhã em João Pessoa e no resto da tarde estiver muito quente, eles não vão sair do ambiente úmido. Eles sempre vão aparecer no período mais frio e de chuva”, ressalta o técnico ambiental Fabrício de Souza Silva.

Em praticamente todos os bairros de João Pessoa foi notificada a presença de caramujo em pontos onde há ambientes úmidos, com vegetação e compostos orgânicos, como folhagem.

Para evitar que eles se multipliquem, a recomendação é fazer a capinação em quintais e áreas de casas, evitando a vegetação alta para não haver ambiente onde eles possam se proliferar. “Mas, existem ambientes que, naturalmente, são propícios para eles, que são as reservas naturais, áreas de proteção

permanente onde não podemos retirar a vegetação, a exemplo da vegetação na areia da praia”.

Caso os caramujos apareçam, a recomendação é proteger as mãos com luva ou um saco plástico, fazer a catação e colocar numa solução de água e sabão em torno de 15 minutos. Como ele tem um aparelho respiratório pulmonar, vai morrer afogado. A água deve ser descartada em algum ralo da casa, seguindo para o esgoto. Os caramujos mortos devem ser colocados em um saco de lixo e disponibilizado para a coleta. Fabrício lembra que a catação deve ser feita até que não apareça mais nenhum. “Se cada um tomar conta do seu ambiente, dá para fazer um controle muito bom”, observa.

Em relação à transmissão de doenças, só há risco caso uma pessoa toque nele com as mãos sem proteção e leve a mão suja até a boca. É que eles se alimentam de matéria orgânica em decomposição que são as vegetações, carcaças, secreções e fezes de animais. Os ambientes em que se abrigam, podem estar próximos de esgotos e, com isso, os bichos podem carregar microorganismos patogênicos. O caramujo pode transmitir desde uma infecção intestinal a até uma infecção ocular.

Roedores

Na orla, principalmente durante à noite, é possível se deparar com

Saiba Mais

O rato transmite uma série de males, mas um dos principais é a leptospirose, doença infecciosa, causada por uma bactéria chamada *leptospira*, que está presente na urina do animal. Essa urina contaminada, misturada com a água, principalmente em enxurradas, pode causar contaminação na pele e nos alimentos.

Se alguém vir a adoecer, com febre e, principalmente, dor na panturrilha, procurar um médico e relatar que teve contato com essa água. Felizmente, a doença tem tratamento e cura.

ratazanas próximo à vegetação e aos bancos da calçadinha. Além de assustar algumas pessoas, o rato, que é outra praga urbana, pode transmitir a leptospirose. Eles existem em grande número nas áreas urbanas.

Um esconderijo para eles é na vegetação da praia, que é área de proteção permanente, e não pode ser retirada. Os ratos, conforme Fabrício de Souza Silva, também utilizam os canais pluviais. Além disso, toda a calçadinha da praia tem espaços que servem de abrigo.

O Centro de Controle de Zoonoses realiza, de duas a três vezes por ano, um trabalho intensivo na orla justamente por causa da circulação de pessoas. O técnico lembra que qualquer local que ofereça água, abrigo, alimentos e acesso ao abrigo dá condições para a presença de roedores. Mercados públicos e feiras li-

vres são ambientes favoráveis.

Terrenos baldios, com mato, podem ser um local propício ao surgimento de ratos. Por isso, a recomendação é que os proprietários mantenham esses espaços limpos e que a população evite jogar lixo. “A população tem que entender que os problemas que enfrentamos com todas as pragas urbanas, mas principalmente com os roedores, é a presença do lixo. Por isso, é preciso manter o ambiente limpo e organizado”, ensina.

Ele explica que, se houver a presença de roedores, é possível fazer o controle por meio de produtos químicos aprovados pela Vigilância Sanitária. Chumbinho não é indicado. Ao comprar o produto, a orientação é ler a maneira como deve ser usado. O técnico acrescenta que o uso de produtos químicos deve ser regular.



O caramujo transmite doenças se a pessoa tocá-lo com as mãos sem proteção. No caso do rato, a transmissão é pelo contato com água contaminada por urina



ATRAVÉS DAS GERAÇÕES

Centro de João Pessoa ainda resiste

Grupos se unem pelo fortalecimento da região. Primeiras melhorias devem ser executadas no prazo de seis meses

Nalim Tavares
Especial para A União

Na mente dos pessoenses mais velhos, existe uma lembrança: um ponto de encontro para todos os públicos, onde comércio e lazer convergiam ao ar livre e, do raiar do sol até tarde da noite, os moradores da capital podiam transitar e interagir, resolver pendências ou tomar um cafezinho. Tal lugar era o Centro da cidade, hoje depreciado, mas ainda resistente — organizações de comerciantes e grupos culturais lutam pela revitalização do bairro, repleto de história e cultura pessoense.

“A nossa capital é a terceira mais antiga do Brasil, e o nosso núcleo central é importantíssimo”, diz Nativa Rocha, participante do grupo Reaviva Centro João Pessoa, que organiza protestos pacíficos em prol do Centro, e dona da lanchonete Caldo de Cana Querubim, localizada na Rua Guedes Pereira. Segundo ela, o potencial arquitetônico, econômico e cultural do Centro merece ser reconhecido, e o desejo do grupo é “manter viva as memórias de tantas famílias que passaram por aqui fazendo história, e que essa história possa ser continuada através de cada um de nós e das novas gerações”.

Ações em seis meses

Três dias depois da última manifestação organizada pelo grupo Reaviva, o Comitê de Fomento e Desenvolvimento do Centro Histórico, idealizado pela Associação Paraibana de Imprensa (API-PB), se reuniu na sede da Associação Paraibana de Letras (APL) para discutir e encaminhar as demandas da área. A reunião



O Centro é um bairro repleto de história e faz parte da vida do pessoense

aconteceu na última terça-feira (13), e ações de limpeza, troca de lâmpadas, implementação de cadeiras e outros utensílios, entre outras, foram definidas, com um prazo de seis meses para execução. O agendamento de uma nova reunião com o prefeito Cícero Lucena, para discutir melhorias para o Centro Histórico da capital pesoeense, também foi debatida.

No dia da reunião, além de um representante do próprio Comitê de Fomento, estavam presentes o presidente da APL, Ramalho Leite, o secretário municipal de Segurança Urbana e Cidadania, João Almeida; o representante do Sindicato da Indústria da Construção e do Mobiliário do Estado da Paraíba (Sin-

duscon-PB), Gustavo Amaral; além de Tereza Maia e Taísa Santiago, que participaram enquanto representantes da Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seinfra) e da Autarquia Municipal Especial de Limpeza Urbana (Emlur), respectivamente.

Comércio

Conforme a assessoria de comunicação do Sindicato dos Empregados no Comércio da Grande João Pessoa (Sinecom), “o sindicato vem participando das audiências públicas que discutem as demandas relativas ao Centro, e busca defender os interesses da categoria. Nós queremos a geração e manutenção de empregos, não comércios fechados”.

Para a Dona Zilda, que trabalha há 44 anos na Rua Duque de Caxias, em uma loja de fabricação e consertos de joias em geral, chamada Zilda Joias, “é preciso olhar para o Centro da cidade e pensar em estrutura, segurança e promoção de mais eventos. Esse lugar já foi o ponto de encontro de todo mundo, as pessoas gostavam de se reunir aqui”, diz.

Dona Zilda conta que “as lojas, o comércio local, estão todas fechando mais cedo porque, depois das 16h, o movimento fica muito baixo, e nós sentimos medo. Então fechamos o comércio e saímos em grupo”, relata.

Para Carlos Antônio, que administra uma lanchonete com café na Praça André Vidal

de Negreiros, conhecida como Ponto de Cem Réis, “é preciso organizar as ruas do Centro. Se desse para colocar alguma secretaria, prédios do Estado, trazer alguma repartição pública para reativar a área, se-

ria muito bom. Antigamente, a gente fechava às 21h. Hoje, no máximo às 17h30. Cheguei aqui em 1992, e o Centro ainda era um lugar de reunião. Agora as pessoas têm medo, e a clientela diminui”.

Serviço

A coordenadora do Patrimônio Cultural de João Pessoa (Copac), Daniella Bandeira, esclareceu que as ações de revitalização do Centro da cidade estão concentradas na Seinfra, Seplan e Suplan, responsáveis pela execução de obras. Órgãos como Iphan, Iphaep, bem como a própria Coordenadoria do Patrimônio Cultural, trabalham no contexto de fiscalização, com foco na análise e autorização de novas obras em imóveis privados.

CAU diz que o ideal é requalificar com caráter residencial

Segundo a conselheira Paula Ismael, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), o termo “revitalizar” não é o ideal para se referir à reformas e modificações na região, “porque dá a entender que o Centro não está mais vivo e, apesar de ter abandono em algumas áreas, o nosso Centro é bem vital.” Por isso, ela propõe o uso do termo “requalificação”. Ainda, de acordo com Paula Ismael, existem duas questões principais quando o assunto é requalificar o Centro Histórico: garantir o caráter residencial e a presença de pessoas circulando no local.

“Para garantir que o Centro Histórico seja requalificado e que passe a sensação de segurança que as pessoas querem, precisamos incentivar o movimento humano na área”, conta Paula Ismael. “Isso pode ser feito com políticas habitacionais, garantindo que quem mora ali possa continuar morando, atraindo novos habitantes para a região, dando um destino, um uso, para os edifícios que estão abandonados, que são muitos, mas são todos dotados de valor histórico e cultural”.

Audiências

Já para o vereador Odon Bezerra, que vem partici-

pando das audiências voltadas para a requalificação do Centro, um espaço para estacionamento é fundamental. Outros fatores importantes seriam “proporcionar sensação de segurança através da iluminação pública”, e “uma nova medida para o Mercado Central, para que ele possa oferecer mais atrativos, espaços onde as pessoas poderiam confraternizar, organizar um happy hour, passar um final de tarde com os amigos, tomar um café. Novamente, aqui, entra a questão do estacionamento”.

Efervescência cultural

Para Paula Ismael, o Centro é repleto de “movimentos culturais, artísticos, que ocupam e movimentam a região.” Caminhando pela Rua João Suassuna, pela Avenida General Osório e por tantos outros caminhos que compõem o lugar, é possível encontrar pontos de efervescência cultural que encham o Centro de vida.

Freqüentador assíduo do Centro, Matheus Alves, de 23 anos, diz que a região atende todos os gostos. “De segunda a domingo, eu poderia estar lá fazendo várias coisas diferentes. Acho que, com aquele cafezinho literário, a Livraria do Luiz é um dos pontos mais famosos. Mas eu também passo horas na Arco-íris, que é uma

livraria e papelaria, e gosto de passar na livraria Educar também, porque sempre encontro um livro interessante sobre um tema que estou estudando”, conta

Na opinião de Matheus, “é impossível ser de João Pessoa e nunca ter ouvido falar no Sabininho Bom, que é gostoso demais! E eu estou sempre de olho na programação do Centro, que tem uns rolês muito bacanas. Tem também o Modado, lá no Varadouro, que é muito bom. Ter contato com o Centro da cidade vale mui-

to a pena. Se você andar por lá, com certeza vai descobrir algo que gosta”.

Suellen Ribeiro, de 33 anos, veio de Campina Grande para João Pessoa, e abriu uma loja na General Store, chamada Mystic Bliss. Ela conta que, ao escolher um local para abrir o negócio, priorizou um ambiente que fosse movimentado e pudesse atrair todos os tipos de pessoas. “Aqui, acontecem eventos que integram todas as tribos. O dia do jazz é fixo, toda terça-feira, mas também temos eventos voltados

para o forró, o samba e o rock”.

A própria Suellen já organizou um desfile performático na General Store, chamado Mystic Fashion Show, e uniu quiproquia, moda e cena balroom em um evento que pretende repetir. “O desfile foi temático de estação. Espero poder organizar mais vezes, ao longo das estações do ano”, projeta.

Melissa Lins de Lima, de 20 anos, também trabalha na General Store, e conta que a loja está sempre empenhada em movimentar o Centro de

João Pessoa. “Em fevereiro, por exemplo, temos o nosso bloco, o ‘E Tome Ladeira’. No último carnaval, juntamos nove mil pessoas. Nosso objetivo ao organizar esses eventos é, de fato, trazer o público”.

Para Matheus, que diz “acumular mais e mais vivências do Centro a cada final de semana”, a iniciativa funciona. “Acredito que, enquanto pessoenses, nós podemos buscar a vivência no Centro e lutar por mais segurança e melhorias para o local, porque ele é nosso, é vivo, e pode ser incrível”.



Apesar de precisar de melhorias na infraestrutura, comércio do Centro resiste e eventos movimentam a cena cultural

Fotos: Marcos Russo

PRESERVAÇÃO

Único restaurador de pianos da PB

Geraldo Filho é o último profissional no estado habilitado a consertar e afinar esse tipo de instrumento

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

As expressões em seu rosto demonstram a admiração e paixão pelo instrumento. Geraldo Filho é o único restaurador de pianos da Paraíba e, atualmente, divide seu tempo entre as aulas de química, em uma escola estadual, e a restauração e afinação de pianos. A proposta agora é firmar parcerias para um projeto que popularize o instrumento e proporcionar às pessoas a oportunidade de conhecer e tocá-lo.

Para ter um piano em casa o custo é alto, cerca de R\$ 20 mil. Já a manutenção custa, em média R\$ 400, e a recomendação das fábricas é para que seja feita pelo menos duas vezes ao ano. Apesar da alta rentabilidade, a manutenção de pianos não desperta interesse e poucos profissionais atuam na área, o que ameaça a preservação da atividade. Geraldo Filho é o único restaurador de pianos com oficina na Paraíba e um dos cinco do Nordeste.

Ele começou a desempenhar o ofício no ano de 1992, em Recife, capital de Pernambuco e cidade onde nasceu. Geraldo trabalhava em uma siderúrgica, mas foi sua voz que chamou a atenção de Jonas Chateaubriand, proprietário de uma loja referência em restauração, afinação e transporte de pianos.

“Ele me convidou para fazer a afinação de pianos em sua loja porque eu cantava na igreja e tinha um ouvido bom. Ele me entregou uma chave de afinar, me ensinou, disse que era na escala normal e eu fiz”, lembra Geral-



Fotos: Marcos Russo

Geraldo Filho é professor de química e atua com recuperação de pianos. A intenção dele é firmar parcerias para popularizar o uso do piano no estado

do. Um afinador profissional viu potencial no novo afinador e perguntou se ele tinha interesse em ir pra uma fábrica de pianos em Curitiba. “Eu topei, deixei o trabalho na siderúrgica e fui”, conta.

No ano 2000 Geraldo se mudou para a pequena cidade de Salgado São Félix, na Paraíba, onde continuou com o trabalho, principalmente atendendo à demanda da região de Campina Gran-

de. O trabalho com o piano já foi sua principal fonte de renda, mas atualmente a restauração e afinação do instrumento é feita por lazer.

“Não falta serviço. Não é uma atividade muito evidente, mas toda hora tem serviço. É um mercado crescente, muitos pianos são produzidos pela China, a questão é que não popularizamos o piano”, comenta.

Entre as 20 pessoas que

já trabalharam em sua oficina, incluindo seu filho, nenhuma delas demonstrou interesse em seguir com o ofício. “O aprendizado é demorado e as pessoas querem algo mais imediatista”, diz Geraldo.

Foram necessários cinco anos para Geraldo ter segurança ao afinar um piano. Ele conta que na manutenção é feita a regulagem dos martelos, velocidade da batida e

alinhamento. Todo esse trabalho leva em torno de três horas. Já a restauração demora um pouco mais. Geraldo conta que restaura toda parte física, verniz, mecânica, encordoamento e se for preciso faz a troca do teclado e cabeça do martelo, que se desgastam com o tempo. No trabalho de restauração, o cuidado é para manter ao máximo a originalidade do instrumento.

■
A afinação de um piano dura, em média, três horas. O conserto demora mais devido às intervenções

CRIATIVIDADE

Artista transforma violões antigos em adegas artesanais

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

O artista plástico Alighieri Carneiro uniu a paixão por música e vinhos em um só produto. Ele transforma a estrutura de velhos violões em adegas que são também caixas de som para armazenamento de vinhos e taças. O produto é vendido pela *internet*, principalmente, na cidade onde o artista mora, Salgado de São Félix.

A ideia surgiu durante a pandemia, quando o artista se viu obrigado a parar de pintar por conta da asma. Ele então procurou outras formas de fazer arte: começou com o papel machê e, logo em seguida, migrou para a argila. A intenção de Alighieri era produzir algo diferente e foi durante pesquisas na *internet* que a inspiração surgiu.

“Olhando na internet, eu vi algo parecido, mas era para armazenar bonecos. Eu pensei em utilizar um violão velho, juntar o vinho e a música, que são duas paixões”, contou Alighieri. Todo material para produzir a peça é reciclado, até mesmo as caixas de som. “Eu uso as caixinhas de som que as pessoas não querem mais. Peguei um violão, desmontei, fiz a caixa acústica e embaixo

a prateleira para segurar o vinho”, explicou.

A peça customizada tem o valor de R\$ 700, em média. Mais do que gerar lucro, Alighieri frisou que sua intenção é contar histórias a partir de um violão usado.

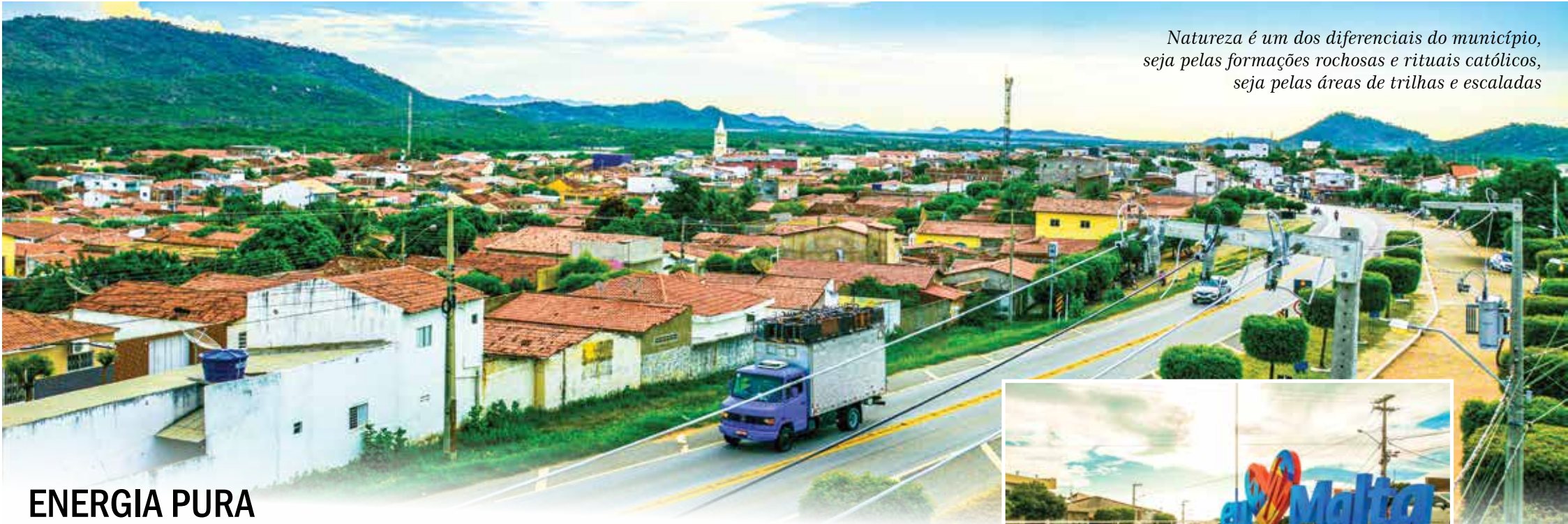
“Geralmente, eu pego violões que já têm história. Eu procuro em *sites*, ou violão de amigos. Como não serve mais para tocar, serve como artesanato. É um material difícil de achar. Não compensa e não tem graça utilizar um violão novo. Prefiro que o violão tenha uma história. Alguém já tocou ali, alguém já aprendeu a tocar naquele violão e ele tocou tanto que o violão cansou. A gente dá uma nova vida a esse instrumento”, disse o artista.

■
Artista plástico gosta de contar e preservar histórias com adequação dos violões. Preços do produto chegam a R\$ 700



Alighieri Carneiro adapta violões antigos para criar adegas modernas e estilizadas, que são comercializada pela internet

Fotos: Hérica Guedes/Prefeitura de Malta



Natureza é um dos diferenciais do município, seja pelas formações rochosas e rituais católicos, seja pelas áreas de trilhas e escaladas

ENERGIA PURA

Malta: cidade solar

Município mantém o diferencial de ter vocação para exploração de energias sustentáveis, aliada às tradições

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Localizado no Sertão paraibano, o município de Malta é um daqueles lugares solares, em que os dias iluminados estão presentes durante, praticamente, todo o ano. Os raios do astro rei atraem empresários do ramo da energia renovável, sendo um dos primeiros lugares paraibanos a instalar, já em 2018, as primeiras usinas de energia solar da Paraíba - Angicos 1 e Malta.

Malta também se destaca pela fabricação de bonés, a religiosidade e elementos naturais como a Serra do Pico, propícia à contemplação e ecoturismo. O município possui menos de seis mil habitantes e também conta com uma indústria que produz tijolos de cerâmica, responsável por cerca de 40 empregos, e outra de produtos de limpeza, que possui 25 funcionários. Já as duas pequenas empresas de bonés, cuja produção é vendida para outros estados brasileiros, geram, aproximadamente, 100 vagas de trabalho para os maltenses.

Mas, são as duas usinas de energia solar - Angicos 1 e Malta, que mais se destacam pela área que ocupam na cidade. Segundo o secretário de Administração do município, Diafrânio Pereira Fontes, as duas usinas preenchem uma área de 556 mil metros quadrados de instalação de áreas solares. A previsão é que até dezembro haja uma ampliação e o número de unidades chegue a oito. Dessa forma, até o fim do ano devem ser instaladas mais seis usinas no local. “Essa ampliação já estava prevista pela empresa”, declarou Diafrânio.

Os benefícios das usinas trouxeram oportunidades de capacitação, emprego e renda para os moradores de Malta. O secretário destacou que no período de instalação, as usinas empregaram mais de 200 moradores da cidade e só não contrataram mais gente porque a população não correspondeu à qualificação solicitada. Com a experiência e capacitação recebida, alguns deles conseguiram outras oportunidades de trabalho fora da Paraíba.

Após o início do funcionamento das usinas, em

2018, Diafrânio disse que o município passou a ganhar com a venda da energia, uma vez que as usinas pagam o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para o Estado, que faz o rateio para o município.

Mas, o que atraiu esses empresários da Proton Energias, de São Paulo, que contam com investidores alemães, até o pequeno município de Malta? Digamos que a terra paraibana tem “matéria-prima” de primeira qualidade, ou seja, a incidência da irradiação solar é totalmente compatível com esse tipo de tecnologia.

“Em 2015, esses empresários realizaram uma reunião em Malta e apresentaram um estudo. Eles mostraram que a captação da irradiação solar tem um eixo, cujo marco central é Malta. Nesse marco central de 10 quilômetros de diâmetro, a melhor irradiação de energia solar é no município, numa linha que pega Malta, Coremas e segue para Piancó”, disse o secretário.

Dessa forma, Malta está na rota das principais cidades do país na produção da energia solar, com potencialidades ainda a serem exploradas. Somente a Angicos 1 e a Malta fornecem energia para cerca de um milhão de pessoas. Quando as oito usinas estiverem em pleno funcionamento, essa produção irá aumentar significativamente.

História

O município de Malta, distante mais de 330 quilômetros de João Pessoa, evoluiu de um dos povoados mais antigos do Sertão paraibano e atingiu o pico populacional de 11.621 habitantes em 1960, quando a população municipal passou a diminuir gradativamente até, aproximadamente, 2010. Uma das explicações para essa queda está na migração e também pela emancipação de distritos, chegando a registrar 5.613 habitantes em 2010. Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para 2020, indicam que a população local aumentou para 5.752 habitantes, sendo esse o primeiro crescimento decenal em quatro décadas.

Um dos filhos ilustres da cidade é o cientista Narcizo Marques de Souza Neto. Com bacharelado em Física pela Universidade Federal da Paraíba (2001), mestrado em Física pela Universidade Estadual de Campinas (2003) e doutorado em Física pela Universidade de São Paulo (2007), Narcizo é conhecido internacionalmente.

Em 2015, Narcizo Marques de Souza Neto recebeu o prestigioso prêmio “Dale Sayers Award” da sociedade internacional de XAFS, por contribuições para experimentos de XAS em condições extremas. Essa foi a primeira vez que esse prêmio foi concedido a um cientista da América Latina.

Melhorias

O município de Malta também recebeu, nos últimos anos, investimentos e melhorias por parte do Governo do Estado. Conheça alguns deles, segundo dados da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan):

2020 - Construção de ginásio coberto com vestiário no terreno remanescente na Escola E.E.F.M Dr. Antônio F. Medeiros. Investimentos: R\$ 696.228,14

2020 - Manutenção da Escola E.E.F.M Doutor Antônio F. Medeiros, em Malta/ PB. Investimentos: R\$ 24.572.

2021 - Implantação de subestação de 150 KVA, destinada a E.E.E.F.M Doutor Antônio F. Medeiros em Malta-PB. Investimentos: R\$ 56.906.

2023 - Reforma da Escola E.C.I. Doutor. Antônio F. Medeiros em Malta-PB. Investimentos: R\$ 1.761.106.

Foto: Hérica Guedes/Prefeitura de Malta



Iluminação diferenciada gera espetáculo no céu durante o dia

Atrativos naturais e vocação para turismo

A paisagem ensolarada de Malta chama a atenção para outros atrativos naturais pouco explorados turisticamente. São as formações rochosas, de altura elevada, chamadas de *inselbergues*, que resultam em monumentos da natureza. Esse tipo de relevo pode ser testemunhado na Serra do Pico, no Cruzeiro de São José e no Cruzeiro de Nossa Senhora da Conceição.

Alguns moradores fazem escalada na Serra do Pico ou incluem essas elevações na programação religiosa da cidade. “Nesses locais, temos trilhas religiosas e há pessoas que fazem escalada. A intenção era a de conseguir transformar isso em atração turística, mas ainda não temos uma infraestrutura que possa levantar esse segmento”, declarou Diafrânio Pereira Fontes.

Um dos eventos religiosos que se destaca é a comemoração alusiva ao

Dia de São José, celebrado em 19 de março. Diz a tradição que se até o dia 19 de março não chover, o ano será de seca. Na data, os agricultores se reúnem para agradecer a chuva que caiu ou para pedir ao santo chuva suficiente para que a produção da lavoura seja farta.

Em Malta, a celebração referente ao santo consiste numa caminhada até o Cruzeiro de São José, elevação onde há uma cruz de ferro. A programação ainda inclui uma missa, celebrada na parte baixa do Cruzeiro, que foi colocado pelo primeiro prefeito (que foi nomeado) de Malta, Sebastião Rodrigues dos Santos.

Na cidade, as principais culturas plantadas são feijão e milho e a produção é revertida para o consumo das próprias famílias de agricultores. As plantações são feitas apenas nos primeiros seis meses do ano, época do inverno.

Tradições mantidas com festa da padroeira e festejos juninos

A festa da padroeira é uma das tradições de Malta. Durante 10 noites, de 28 de novembro a 8 de dezembro, a comunidade religiosa louva Nossa Senhora da Conceição com novenas, missas e quermesses, que contam com a venda de alimentos e outros produtos na Praça Francisco Marques de Souza. No local, está situada a Igreja Nossa Senhora da Conceição, a maior do município.

A história dessa praça tem uma curiosidade. Segundo o secretário Diafrânio Pereira, um antigo prefeito de Malta, Francisco

Marques de Souza, era proprietário de terras e de gado. Na década de 1950, ainda na construção de Brasília, ele foi comprado em Goiás. “Quando ele parou em Brasília, ainda em construção, encontrou Oscar Niemeyer. Francisco se apresentou e disse que queria construir uma praça em Malta. Niemeyer pegou uma folha de papel e desenhou a estrutura da praça. Francisco fez a praça, mas não concluiu”.

Quem deseja visitar Malta pode se hospedar em qualquer uma das três pousadas. “Todos são mui-

to hospitaleiros, convida logo os conhecidos para tomar um cafezinho dentro de casa”, disse Diafrânio.

A data mais festiva é o São João. O número de visitantes é tão grande que a população de Malta, que chega a 5.700 habitantes, quase triplica. “Malta é o lugar mais aconchegante para se comemorar o São João no interior. Aqui estamos com a decoração junina mais bonita da Paraíba”, enfatizou o secretário. A programação conta com venda de comida típica, forró pé de serra, apresentações de quadrilhas e outras danças.

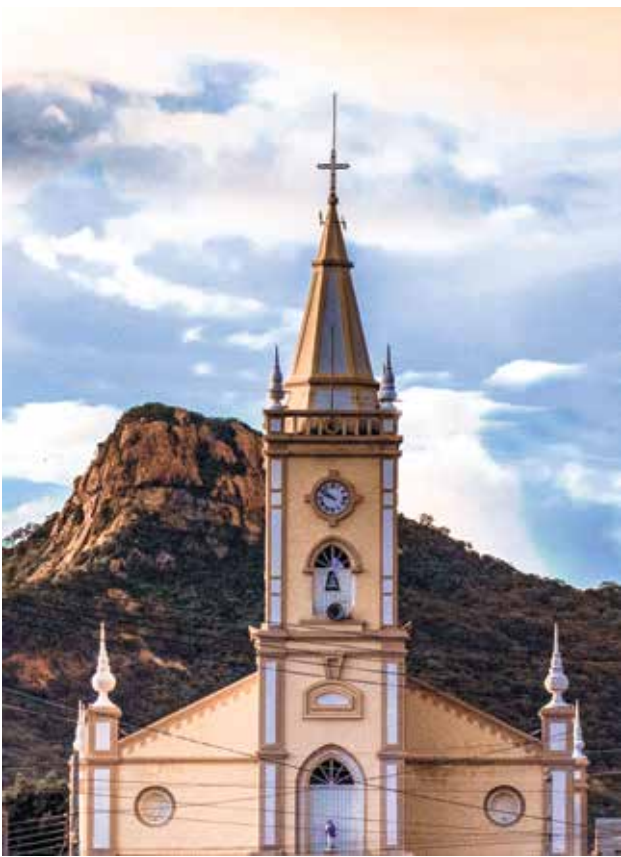


Foto: Hérica Guedes/Prefeitura de Malta

Igreja Nossa Senhora da Conceição: reduto da fé local

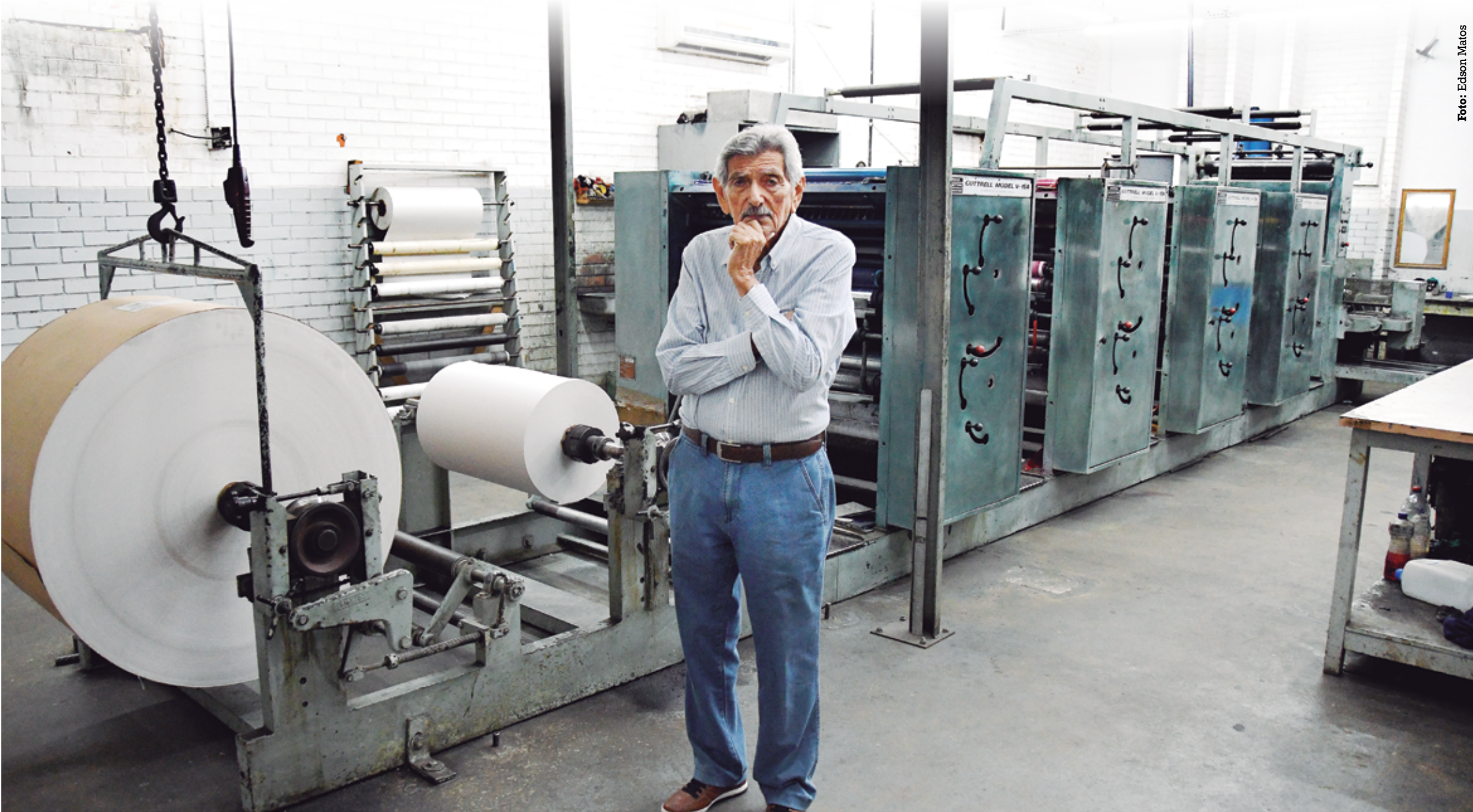


Foto: Edson Matos

Gonzaga ao lado das máquinas rotativas que imprimem as páginas do Jornal A União, a “casa” de suas crônicas semanais: “Sou do jornal que me escaudou na linotipo”

GONZAGA RODRIGUES

Um nonagenário mestre dos mestres

Às vésperas de celebrar nove décadas de vida, jornalista paraibano lança a coletânea de crônicas ‘Com os olhos no chão’

Joel Cavaleanti
cavaleanti.joel@gmail.com

A passagem do tempo é o elemento substancial que dimensiona a narrativa de uma crônica. Ela captura os intervalos de um presente instante enquanto reflete a eterna transitoriedade da existência. “Tal como atravessa o homem, as suas ações e inventos, a vida mesma”, como afirma o jornalista e escritor Gonzaga Rodrigues, que completa 90 anos na próxima quarta-feira (dia 21). De tanto se notabilizar como uma testemunha atenta dos momentos fugidios, Gonzaga transcende a própria ideia de cronologia. “O olhar que o burocrata e o empregado fixam no relógio que amarram no próprio pulso, e que o prendem a seus afazeres, não é o mesmo olhar fixado pelo cronista, cujo relógio é o que pulsa em nossos corações”, defende ele.

Presente, passado e futuro. Nas páginas de um jornal, convivem as diversas dimensões temporais que servem a urgência de um dia. As crônicas de Gonzaga Rodrigues continuam a cumprir a função de ser um resgate do tempo, mas agora estão resguardadas nas páginas do livro *Com os olhos no chão* (MVC/Forma, 240 páginas, R\$ 50), que ele lança amanhã, às 17h30, na Academia Paraibana de Letras (APL), no Centro de João Pessoa. A obra, com ilustração de Flavio Tavares, contém 102 crônicas, integrando uma seleção composta de textos de 1970 a 2022, e cobre mais de 50 anos de exercício literário. Com editoria de Juca Pontes (1958-2023), a publicação não obedece a temas ou a ordens cronológicas. Boa parte dos textos é resgatada de obras anteriores, mas a maioria é inédita em livro. As crônicas foram originalmente publicadas em *A União* e nos jornais *O Norte*, *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba*.

“Tem a crônica de 1954, o portal do *Clube dos Diários* (sede central do Cabo Branco) levando a indagar-me ‘quando poderei entrar aí, mexer nas pedras de xadrez, participar da roda desses homens, ser chamado pelo nome?’. E tem a crônica de hoje, a bela sede fechada, aqueles personagens recolhidos ao porão escuro do tempo. Que significa nada para o rapaz informático ou não de hoje, e muito, quase tudo, para mim, a quem só resta curtir a sua saudade à porta da igreja. E que igreja, a da Misericórdia!”, descreve Gonzaga. Para realizar esse recorte, ele releu dezenas de vezes e em momentos diferentes os seus antigos textos. Em meio século de produção, o número de crônicas pode chegar a cinco mil. O que pesou para definir o que entraria para o livro é o que o escritor descreve como “a ânsia ou a angústia literária”.

“Em nenhuma dessas leituras vi grande coisa em republicá-las. *O que passou, passou* deveria ser o título do livro. Mas terminei achando que não deveria negar a mim mesmo. Por mais que eu tenha pretendido, não fui capaz de fazer melhor. E estão aí”, diz o imortal, ocupante da cadeira 37 da APL. A seleção, que é a última que ele pretende fazer, recebeu o nome de *Com os olhos no chão* porque é sobre os limites da Paraíba que estão as fronteiras espaciais das crônicas de Gonzaga, que jamais saiu de sua terra. Ele nunca tirou os olhos dos lugares por onde passou. Com textos sobre Alagoa Nova, sua cidade natal, e sobre Campina Grande, o destaque maior mesmo é para a capital paraibana, sua “cidade pessoal”. Que é onde o cidadão e a crônica se confundem. O livro explora bastante os flagrantes por esses locais, por onde ele depreende um olhar social e nostálgico e o de testemunha e crítico de episódios políticos.

Gonzaga Rodrigues sonhava em ser romancista. Queria escrever obras parecidas com *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Os*

donos do orvalho, do haitiano Jacques Roumain, e *Pureza*, romance lírico de Zé Lins do Rego. Mas se desenganou do romance para se resignar na crônica. “E crônicas do meu lugar, crônica localizada que, para ser lida fora daqui precisaria que o leitor conhecesse pessoalmente Lindalva da Torre, Nequinho Pintor e Ozildo Mesquita. O leitor precisa conhecer minha cidade, meu personagem e meu jeito de contar para poder me ler”, afirma Gonzaga. É através do lirismo de sua construção literária que ele arquiteta João Pessoa. A imagem da cidade é criada com afeto e respeito pela terra que escolheu viver ainda muito jovem. Apreço pelo povo, história, cultura e espaços físicos que já estavam demonstrados em publicações como *Notas do meu lugar* (1978) e *Filipeia e outras saudades* (1988).

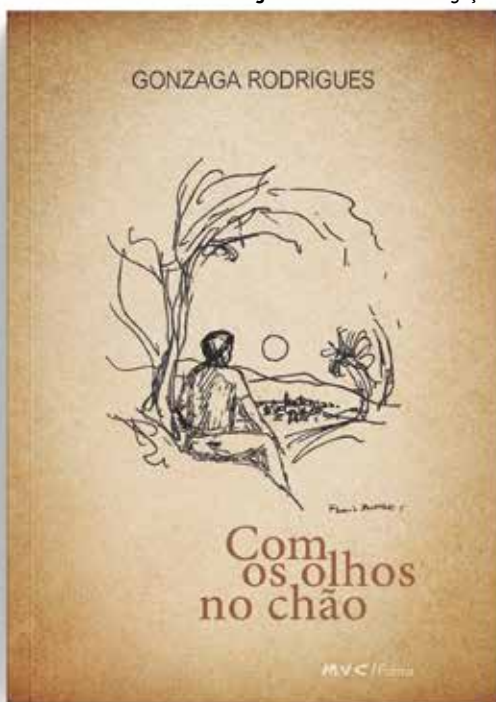
Conhecedor profundo do ser humano, quem narra a crônica é o seu autor, e tudo o que ele escreve de forma subjetiva parece ter a força documental dos fatos. Mas a fonte que conduz tudo isso é a de sua própria memória. “Mesmo nas primeiras crônicas fui mais do passado do que do presente. Não sei dizer por quê. (...) A memória, por mais que me lembre a luz cortada, a sexta-feira sem vale no jornal, as perdas e danos do dia a dia, é o meu sustento. Uma vez ou outra paro o carro no alto da Rua da Areia, subo até chegar ao busto de Aristides Lobo, respiro o ar do dia presente que sempre vem com os da subida dos anos 1950, sem um tostão no bolso, mas me sentindo no amparo de vida e de esperança que o céu verde dos grandes oitizeiros me oferecia. E continuam oferecendo ao nonagenário de hoje como aos esperançosos de todas as idades. É ela, a memória, que vem me sustentando. Raspando a rapadura, mas sem sair dela”.

Assim como foi dito pelo escritor francês Anatole France, para Gonzaga Rodrigues, o futuro parece oculto. O presente, árido e turvo. Só o passado pode ajudá-lo a esca-

par das misérias e de si mesmo. “Não tem sido fácil escrever fora do meu tempo. Não só escrever, viver mesmo. Não é de hoje esta minha dificuldade. Começa com o comportamento externo ao meu, a desatualização no dia a dia, e se agrava com a linguagem, que é outra, de outro mundo, outra cultura, tanto para ler, ouvir, andar e mesmo ver. Sou do jornal que me escaudou na linotipo, hoje um ferro-velho que, não só me lembra, como ainda me causa emoções”.

Mas se a crônica está fadada à obsolescência das perecíveis páginas dos jornais, a de Gonzaga Rodrigues abriga o próprio curso da história. “Hoje eu falo para um público que já não mais existe. Sou um homem de emoções retardadas”.

Imagem: MVC-Forma/Divulgação



Obra, com 102 crônicas, integra uma seleção composta de textos de 1970 a 2022, cobrindo mais de 50 anos de exercício literário de Gonzaga; o livro será lançado amanhã, na APL, em João Pessoa

Fotos: Antonio David/Divulgação



Da esq. para dir.: Gonzaga com o título de Doutor Honoris Causa da UFPB; catando livros na feira livre; na casa onde viu a luz pela primeira vez, em Alagoa Nova (PB); e na capital paraibana, a sua “cidade pessoal”

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Testemunhas de Jeová, Deus e a ciência

O Universo é caótico e tende à entropia? Qual a sua origem? A vida humana tem alguma finalidade ou estamos entregues ao completo niilismo? Há um modo de viver virtuoso em contraposição a uma vida moralmente dissoluta? Existe um Deus? Se sim, possui ele características pessoais? Por que, então, o sofrimento? Como conquistar a felicidade? Por mais que essas perguntas acompanhem os homens desde os tempos imemoriais, sempre foram motivos de controvérsia. São questões tradicionais da religião e da filosofia.

Ao contrário da ciência que vive num permanente estado de dúvida, que se atualiza a cada novo acréscimo de conhecimento, a religião não admite convivência pacífica com a incerteza. Quão aparentemente absurdo é o universo? Quanta angústia isso nos provoca? O desconhecimento e a dúvida são sinônimos de dor e infelicidade, que tão-somente se agravam com o crescente racionalismo científico.

Haveria alguma explicação para que na modernidade tenha aumentado o ceticismo com as questões espirituais? A resposta dada a esse problema, pelas Testemunhas de Jeová, é que as origens do abrandamento da fé têm ligações com as filosofias humanas e o apego desmesurável à razão. Como isso aconteceria? É que por maiores que sejam os avanços tecnológicos produzidos pela ciência, ela não consegue responder as questões fundamentais. Há assim uma sensação de ausência. A necessidade de preenchimento nos leva tentar explicar o porquê das coisas. O fato da ciência não se ocupar de ques-

tões metafísicas é interpretado como fraqueza, um vazio.

No entanto, as Testemunhas de Jeová não pretendem com isso opor abertamente razão científica e fé. Elas procuram deixar claro que não estão em choque com a ciência, mas que suas intenções são de responder temas os quais o pensamento científico mostrou debilidade, bem como questões que não cabem à ciência, especialmente quando ligadas às incertezas da condição humana. As proezas técnicas de nenhuma maneira são contestadas, figuram como grandes feitos e contribuições à humanidade. Há, portanto, duas posições ante uma mesma ciência: a primeira pouco afinada quanto aos aspectos teóricos e especulativos que rejeita, por exemplo, a teoria da evolução. E outra reverencial ante as realizações da técnica e do pensamento instrumental.

A razão instrumental é menos perigosa à religião, na medida em que estaria destituída de implicações metafísicas. A adoção de critérios instrumentais para a validade objetiva do conhecimento deixaria uma lacuna para as questões ontológicas que seriam preenchidas pela religião ou pela filosofia. No livro *Existe um Criador que se Importa com Você*, as Testemunhas de Jeová afirmam a existência de Deus com base numa espécie de atualização do argumento da lei natural. Este argumento se fundamenta na ideia de harmonia e regulação perfeita do Universo que tem raízes no século 18 – resultado da influência newtoniana.

A constatação do equilíbrio cósmico, da complexidade, e dos ajustes

minuciosos para o funcionamento do Universo revelaria a existência de um criador inteligente, capaz de projetar toda a estrutura cósmica. Esse é um dos argumentos racionais mais conhecidos a favor da divindade, ao lado do argumento da causa primeira, do teológico e moral. Muitas vezes eles aparecem combinados.

O argumento é desenvolvido por etapas no livro, a partir dos conhecimentos de diversas ciências. A intenção é demonstrar como elas fornecem provas contundentes sobre o criador, legitimando a tese. São usadas durante todo texto ilustrações de galáxias, do cérebro humano, de tabelas periódicas entre outras imagens que guardam alguma relação com o mundo científico. A argumentação inicia-se tomando como referência a astronomia. Faz-se referência à vastidão do universo e às incertezas sobre a sua origem. A perfeição, como as constantes físicas, opera o número indefinido de galáxias e estrelas. As quatro forças fundamentais: gravitacional, eletromagnética, nuclear forte e nuclear fraca, também são apresentadas como prova de Deus.

A ideia de que a vida só é possível graças a uma regulação delicada, sustenta a tese de que só um ser dotado de inteligência infinita teria a capacidade requerida para garantir as condições essenciais à harmonia do Universo.

Desse modo, lei e ordem são palavras-chaves, porque representariam uma tendência oposta às nossas observações pessoais que indicam a facilidade com que as coisas no mundo encaminham-se para a desagregação e a desordem.

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Moralidade social e humana

Foto: Reprodução



Filósofo alemão Johann Herbart (1776-1841)

A palavra moralidade é a vontade de ser bom e de fazer o bem, ela tem outros significados. O poeta anarquista e crítico de arte e de literatura britânica, Sir Herbert Edward Read (1893-1968), em seu livro *A redenção do robô: meu encontro com a educação*, afirma: “Para Platão, Kant, Rousseau e Ruskin, a educação moral do cidadão é a base dessa filosofia social; no entanto, há poucos vestígios dessa filosofia nos programas políticos modernos” (1986, p. 81). Considerando isso, a maioria dos sistemas educacionais estão mais preocupados com o adestramento vocacional dos cidadãos para o mercado de trabalho, a fim de satisfazer o perverso sistema econômico que não prioriza o bem-estar social. Isso é ensinado de forma a gerar uma obediência alienada à autoridade coercitiva e nunca ao respeito à dignidade do livre-arbítrio. Diante disso, Head apresenta dois conceitos do filósofo e diplomata francês Henri Bergson (1859-1941) com a finalidade de aplicar os conceitos de “moralidade social” e “moralidade humana”. Segundo Bergson (1932, apud Read, 1986, P. 82): “moralidade social” é um conjunto de hábitos, um padrão de comportamento, que é instalado por um processo de treinamento para o proveito geral da estrutura existente de sociedade; “moralidade humana” é um senso místico de obrigação produzido por um rasgo emocional, englobando toda a humanidade, e é ela própria uma das mais elevadas manifestações da força criativa da evolução individual.

Além disso, a essência da moralidade é a obediência. O cidadão moral, em seus atos de submissão, não está consciente de ser o dono da produção dos próprios sentimentos e nem do pertencimento à sua existência. Ele não se expõe diante de si próprio como quem dá uma solução decisiva. A característica dessa moralidade é torná-lo medíocre. Ele deve agir somente a partir da sua necessidade, de forma alienada, entretanto, a moralidade não pode escravizá-lo em nenhuma condição de miséria humana.

potencial ilimitado de força de vontade, que pode liberar onde, quando e como uma necessidade ordena. Essa força, geralmente, é determinada pelo discernimento estético, também pelo gosto que estão presentes desde o nascimento. Essa voracidade impulsiona à moralidade (por ser a vontade de ser bom e de fazer o bem) no sentido de que o bem pode ser identificado com as tendências que respondem pela unidade das associações humanas; e o mal, com as tendências que destroem essa unidade.

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns forma um sistema determinado que tem sua vida própria à média dos membros de uma mesma sociedade, pode ser conceituado por consciência coletiva, que é independente das condições particulares e do *status* social dos cidadãos. Esse conjunto se liga coercitivamente às gerações e representa o enquadre psíquico da sociedade e apresenta suas condições de existência e seu modo de desenvolvimento. Como os termos coletivo e social são absorvidos um pelo outro, é ser induzido a crer que a consciência coletiva é toda a consciência social, por isso, estende-se o perfil da vida psíquica da sociedade. Diante disso, a perda da moralidade gera o comportamento imoral, que é desprovido da percepção de toda dignidade humana, a fim de agir contra a harmonia social, de forma a destruir a própria vontade de ser bom e de fazer o bem.

Sinta-se convidado à audição do 424º Domingo Sinfônico, deste dia 18, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças e a vida do compositor, pianista e regente russo Igor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971). Suas contribuições expõem as crises que moviam a técnica do método científico e artístico no início do século 19, bem como com a construção do senso crítico nos cidadãos como forma de romper o medo e a alienação contra as perversas políticas que escraviza, enlouquece e mata a cultura de um país.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Um thriller psicológico

Vidas incompletas. O silêncio impera no documentário *Diga quem sou*, que o cineasta americano Ed Perkins realizou em 2019, com os irmãos Alex e Marcus Lewis. Na sua contundência urgente e necessária, o filme é belo e triste, de tal maneira avassaladora, que não cabem observações outras, senão a atenção do espectador diante de uma história várias vezes repetida entre pais e filhos. Nunca sabemos quem somos.

Não se trata de revelar o que já sabemos, mas *Diga quem sou* é um retrato falado que vai muito além da relação entre pais e filhos. A noção de *spoiler*, por exemplo, não existe no documentário: está na cara, desde as primeiras imagens.

Estamos todos nesse ciberespaço, muitos na lona onde as descobertas não nos assombram, apesar de tratar de um documentário sobre uma mãe pedófila que abusava de seus filhos gêmeos, Alex e Marcus, e os compartilhava com amigos afins.

Silêncio no mundo não se escuta. Uma mãe pode tudo, menos ser pedófila. Como pode uma mãe transar com os filhos de 12 e 14 anos, deixando máculas que o tempo não apaga. Mãe é mãe, tem por obrigação proteger os filhos. Pai é pai não pode ser descabido.

Repito, não se trata de revelar ou não quem somos, mas de manter a verdade entre amigos e irmãos, mas é tarefa difícil. Um drama, “baseado em fatos”, como dizem os letrados cinematográficos, supera quaisquer veleidades, qualquer loucura, qualquer tragédia.

O filme se alonga além de 90 minutos de duração. A questão é: o que você faria com seu irmão gêmeo, emergindo de três meses de um coma aos 18 anos, provocado por acidente de moto, completamente amnésico? o que você diria a ele, sobre o que se passou?

No hospital, Alex não reconhece a mãe, apenas o irmão. Em casa, Alex não reconhece o pai, nem a namorada, apenas o irmão.

A função da memória com um passado doloroso é inenarrável, bem pesada. E cabe ao irmão Mateus refazer a linha psíquica do seu gêmeo idêntico. O filme deveria terminar aí.

O diretor Perkins estica a ferida viva e acaba mexendo no emocional de quem está em cena ou está assistindo. É como se no espaço minimalista estivessemos todos a discutir sobre o conhecimento de uma das situações de abuso sexual praticado pela mãe.

Até onde queremos seguir e conseguimos, não se faz ideia de como os irmãos Lewis estão ali na tela, os dois perdidos em entrevistas reveladoras, sem a presença dos pais, que já morreram.

Uma imagem bruta – o Alex ainda dentro do útero da mãe, numa cena invertida de dois narradores tentando um salvar o outro, de uma infelicidade eterna em meio a realidade, mas também para se autoimunizar dos traumas – em vez de brincarem de jogar bola, os dois eram abusados sexualmente pela mãe e amigos.

Alex e Marcus são filhos de Jill Dudley, uma debutante – na sociedade inglesa, que frequentava eventos sociais como forma de ser apresentada a outros jovens de posição elevada (cena repetida hoje e sempre) que se casou com John Lewis, um “homem quieto, decente e nervoso”, e teve os gêmeos em 1964. Ponto final.

Kapetadas

- 1 - Neurônios morrem por si, a toda hora. Ainda assim são atacados pelos seus *serial killers*, os idiotas;
- 2 - Passatempo é quando nos divertimos com o tempo; contratempo é quando o tempo se diverte com a gente.

Foto: Netflix/Divulgação



Gêmeos Alex e Marcus Lewis, do documentário ‘Diga quem sou’

Colunista colaborador

Alex Santos

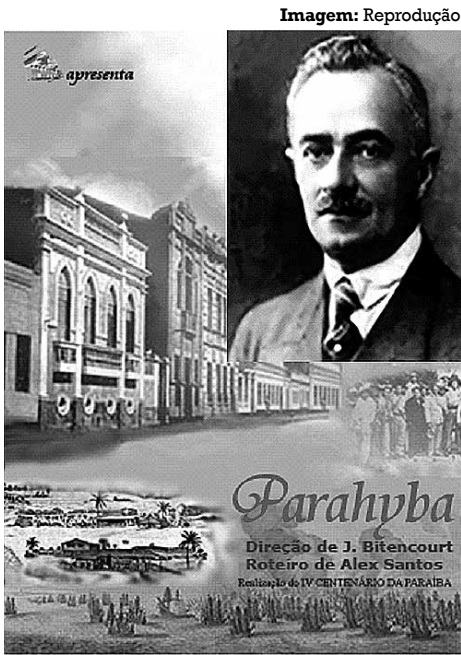
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

No caminho, uma pedra simboliza a nossa história

Na semana passada, aqui mesmo na coluna, falei sobre o meu interesse pela História da Paraíba. Coisa, como já sabem, que não é de hoje. Até revi-vi alguns trabalhos em cinema e vídeo que realizei, inclusive com a parceria de bons amigos. Alguns, já de saudos-a memória.

Em um desses momentos, enquanto discutíamos como homenagear o quar-to centenário da Paraíba, em cinema, encontro então realizado no mesão do Íphaep, uma questão por mim foi posta: *Parahyba* (filme a ser realizado) deveria iniciar “no hoje”, com um marco urba-no da cidade, que nos levasse às origens históricas; ou não?

Desse encontro participou o pro-fessor José Octávio de Arruda Mel-lo – à época na diretoria-geral de Cul-tura –, Barretinho e Juremi Machado Bittencourt, que eu convidara para as filmagens do novo documentário pa-raibano, em 16mm ou 35mm, por ele já dispor da Cinética Filmes Ltda., em Campina Grande. Bittencourt foi então enfático, em sugerir o início do filme já com um invasor português (persona-gem que foi interpretado por meu sau-doso amigo Moacir Barbosa de Sousa) em confronto com um nativo, na sel-va, simbolizando um ato de resistên-cia à dominação estrangeira nas ter-ras tabajara e potiguaras. E que o filme não teria entrevistas, para fugir do ha-bitual modelo televisivo da época dos



Cartaz do premiado filme ‘Parahyba’ (1985)

anos de 1985, mas uma narração, locu-ção que terminou sendo feita pelo ator Othon Bastos da Rede Globo. De pron-to, acatamos a sua sugestão...

Pois bem. Mas, ficou na minha men-te aquela máxima poética de Carlos Drummond de Andrade, que diz: “No meio do caminho tinha uma pedra...” Ora, se tínhamos um marco petróo sin-gular sobre a fundação da cidade de Fi-lipeia, visivelmente ao lado da Catedral Metropolitana, por que esquecê-lo?

Drummond, então, continuava me fustigando mentalmente: “No meio do caminho tinha uma pedra

/ Tinha uma pedra no meio do ca-minho...” Mas uma coisa era certa na ideia de Bittencourt: seria um docu-mentário sem utilização de um dis-curso rebuscado, com o uso de uma “elipse de tempo”, por exemplo. Já que seria um filme também destinado às escolas de ensino médio da Rede Pú-blica do Governo do Estado.

Assim foi a saga de *Parahyba* (o fil-me), que fora montado/finalizado em São Paulo, pelas mãos de um outro pa-raibano de saudosa memória, João Ra-miro Melo. Esse, hoje, sócio benemérito da Academia Paraibana de Cinema. *Pa-rahyba*, à época, conseguiu prêmios nos festivais do Maranhão, Fortaleza e Bra-sília do Cinema Brasileiro.

Esta semana, em matéria de **A União**, novamente sou levado a admitir que existe, de fato e de direito, uma pedra “no meio do caminho”, como diz Drum-mond, a ser considerada em tudo que re-gistremos sobre a História da Paraíba. Uma pedra-símbolo da cidade, que, pelo que nos foi mostrado em fotos, carece de mais cuidados pelo Poder Público.

Em agosto deste ano, *Parahyba* (o fil-me) completa 38 anos de realizaça-ção. Também um marco do cinema paraiba-no de todos os tempos, que me lembra um amigo de tantas sagas. Um Juremi, cujo próprio nome se origina na lógica introspectiva e na comunicação. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.

Letra
Lúdica
Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Ler de acaso e de intervalo

No registro de 25/3/2014, do diário *As palavras e os dias: a memória do caminho 2*, o professor e ensaísta José Rodrigues de Paiva alude a um tipo especial de leitura a que chama de “acaso ou de intervalo, das que se começam sem se saber se serão levadas ao fim”. Isso, para explicar, em meio à urgência de leituras de trabalho, professor que é, o reencontro com as *Anti-memórias*, de André Malraux. Gosto dessa nomenclatura para definir as leituras casuais e intervalares, tão comuns em minha rotina em meio aos livros.

Nunca deixo de lado a leitura cerrada, progressiva, paulatina, da primeira a última página de um livro, seja um longo e exaustivo ensaio filosófico ou de exegese literária, seja a travessia encantatória de um grande romance. Um desses romances de peso, volumoso, credenciado, indispensável à formação cultural e humanística. Um *Em busca do tempo perdido*, por exemplo, no seu fluir lento e minucioso por dentro dos covis da memória e da imaginação.

Agora mesmo ando às voltas com Henry James, no seu monumental *A taça de ouro*, em edição da Nova Fronteira, com tradução de Alves Calado. Romance que não pode e nem deve ser lido depressa, voltado apenas para o desenrolar das ações, uma vez que, decerto, nele, as ações não constituem o ingrediente principal. A não ser que se as vinculem, as ações, às camadas psicológicas de cada personagem, na sua presença e singularidade. Diria que, em certas nuances de estilo e de método narrativos, o escritor norte-americano, depois naturalizado inglês, como que prenuncia certos compassos proustianos, exatamente pela capacidade de alcançar regiões profundas e indevassáveis da alma humana, com suas minudências psíquicas e sigilos inconfessáveis. Seus romances, portanto, são romances analíticos, reflexivos, ensaísticos, atentos ao refinamento da palavra e aos traços existenciais que caracterizam os personagens. Grande literatura, algo não muito habitual na dissolução dos tempos líquidos ou pós-modernos.

Do ponto de vista da leitura, são romances bíblicos, na medida em que é preciso ler e rere-ler cada parágrafo e meditar profundamente acerca de suas ressonâncias significativas. Romances que, devido mesmo ao nível rigoroso de suas exigências, parecem abrir janelas para o convívio com outras leituras, as casuais, as de intervalo, as circulares, as de repouso, as de devaneio, lúdicas, livres, gratuitas, descompromissadas, exercidas no afago do silêncio, leituras distantes do febril turbilhão das ruas.

Trago, assim, para o refúgio da rede no terraço, a gravidade dessa leitura de muitos dias, degustando, aos poucos, porém, progressivamente, a cota de prazer de uma imagem poética ou de um pensamento original. Henry James, como William Faulkner, Henry Miller, Philip Roth, só para citar escritores norte-americanos de minha eleição, enriquece minha experiência de leitor e se deixa, naquelas horas de acaso ou de intervalo, acompanhar da presença, ligeira e fugidia, de outras vozes que ampliam a esfera mágica da leitura.

Ao lado de *A taça de ouro*, que divide seus predicados literários e estéticos com *Samuel Wainer: o homem que estava lá*, biografia escrita pela jornalista Karla Monteiro, na perspectiva das leituras contínuas e cerradas, compulso as páginas de uma série de livros, sem saber se “serão levadas ao fim”, como diz o mestre português-pernambucano, José Rodrigues de Paiva.

Agrade-me ler os aforismos de Emil Cioran, abertos ao acaso, no volume *Nos cumes do desespero*. Sublinhar esta ou aquela frase, dotadas de alguma verdade e de muita beleza. No filósofo romeno, se o conteúdo traz a gosma da amargura e do nihilismo, do pessimismo e da iconoclastia, o manuseio das palavras quase sempre se converte na textura incandescente da melhor poesia.

E por falar em poesia, vejo-me em diálogo com os *Papéis de poesia II*, do acadêmico Antonio Carlos Secchin que, como poucos, no âmbito crítico da atualidade, sabe ler e analisar, com argúcia e elegância, o idioma poético, em suas diversas componentes. Quer nos passeios teóricos, quer nos passeios críticos, quer nos passeios metacríticos, o poeta e ensaísta faz aquela leitura que, em sendo eficaz e efetiva do ponto de vista racional, não deixa de conter a estesia necessária ao discurso poético. Secchin ler bem. Com leveza e densidade.

Refiro estas como poderia referir tantas outras, pois nunca leio somente um livro. O acaso me põe, não raro, na volúpia do acúmulo. Os intervalos me dão o prazer de descobrir e experimentar novas leituras, mas também o prazer de retomar aquelas que vão me acompanhar durante muito tempo. As leituras de acaso ou de intervalo são como viagens de férias, como aqueles furtivos e ardentes encontros amorosos, como uma doce felicidade clandestina.

Colunista colaborador



APC: Cronograma de ações na semana

A Academia Paraibana de Cinema, sob o comando da presidente e atriz Zezita Matos, reunirá sua diretoria na próxima quarta-feira (dia 21), para definir seu cronograma de ações para até o final do ano. Da assembleia participará o vice-presidente da entidade, professor João de Lima, e membros conselheiros. A reunião será pela manhã, na sala do Cine Mirabeau, no Bessa, nesta capital.

Consateds – A atriz Zezita Matos fez parte, na semana passada, do 1º Congresso Nacional dos Sateds, realizado nos salões do Sesc Cabo Branco, em João Pessoa. Promoção do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões, que teve como patronos o ator Stepan Nercessian e a titular da APC e atriz Zezita Matos.

Em cartaz

ESTREIAS

THE FLASH (EUA. Dir.: Andy Muschietti. Fantasia. 12 anos). Depois dos eventos de *Liga da Justiça*, Flash/Barry Allen (Ezra Miller) decide viajar no tempo para evitar o assassinato de sua mãe, pelo qual seu pai foi injustamente condenado à cadeia. O que ele não imaginava seria que sua atitude teria consequências catastróficas para o universo. Ao voltar no tempo, Allen se vê em um efeito borboleta e começa a viajar entre mundos diferentes do seu. Para voltar para seu plano original, Flash contará com a ajuda de versões de heróis que já conheceu, incluindo versões do Batman que já são conhecidas (Michael Keaton e Ben Affleck), para evitar mais quebras entre universos e voltar ao normal. **CENTERPLEX MAG 3**: 15h30 (dub.) - 18h30 (dub.) - 21h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (leg.): 22h10; **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 13h45 - 16h45 - 19h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 5** (dub.): 15h45 - 18h45 - 21h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 6**: 14h30 (dub.) - 17h30 (leg.) - 20h30 (dub.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 9** - MacroXE: 13h (dub.) - 16 (dub.) - 19h (dub.) - 22h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 10** - VIP (leg.): 15h30 - 18h30 - 21h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 13h - 16h - 19h - 22h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 12h40 (sáb. e dom.) - 14h30 - 17h30 - 20h30; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 14h10 - 16h50 - 19h30; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 15h10 - 17h50 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 14h10 - 16h50 - 19h30; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 15h10 - 17h50 - 20h30.

J-HOPE IN THE BOX (Coreia do Sul. Dir.: Jun-Soo Park. Musical. 10 anos). Documentário sobre o jovem Jung Hoseok, que agora é conhecido como J-hope, o dançarino principal e rapper do grupo de BTS. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (leg.): 13h (sáb. e dom.).

SUGAD-DAY (Coreia do Sul. Dir.: Jun-Soo Park. Musical. 10 anos). Documentário sobre o álbum de estreia do rapper sul-coreano Agust D, mais conhecido como Suga, da boyband BTS. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (leg.): 15h15 (sáb. e dom.).

CONTINUAÇÃO

HOMEM-ARANHA ATRAVÉS DO ARANHA-VERSO (Spider-Man: Across The Spider-Verse. EUA. Dir: Joaquim dos Santos, Justin K. Thompson e Kemp Powers. Animação. Livre). Depois de

se reunir com Gwen Stacy, Homem-Aranha é pego através do Multiverso, onde ele encontra uma equipe de Pessoas-Aranha encarregada de proteger sua própria existência. **CENTERPLEX MAG 4** (dub.): 14h45 - 17h40 - 20h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 14h45 - 17h45 - 20h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (dub.): 13h15 - 16h15 - 19h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 15h - 18h - 21h; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 18h10; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 15h20 - 18h20; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 18h10; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 15h20 - 18h20.

A PEQUENA SEREIA (The Little Mermaid. EUA. Dir: Rob Marshall. Fantasia. Livre). Ariel (Halle Bailey) é uma jovem sereia com sede de aventura. De-sejando descobrir mais sobre o mundo além do mar, Ariel visita a superfície e se apaixona pelo anjoado Príncipe Eric (Jonah Hauer-King), ao salvá-lo de um naufrágio. Mas para se aproximar do humano, ela pede ajuda à bruxa do mar, Úrsula (Melissa McCarthy), e aceita ceder sua voz para que a feiticeira lhe dê pernas. Assim, ela entra em conflito com os valores de sua família. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 17h15 - 20h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (dub.): 13h30 - 16h30 (3D) - 19h30 - 22h15 (3D); **CINÉPOLIS MANAÍRA 11** - VIP (leg.): 14h - 17h - 20h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 13h15 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 15h - 17h40; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 15h - 17h40.

TRANSFORMERS – O DESPERTAR DAS FERAS (Transformers: Rise Of The Beasts. EUA. Dir.: Steven Caple Jr. Ficção Científica. 12 anos). Noah (Anthony Ramos), um jovem astuto do Brooklyn, e Elena (Dominique Fishback), uma ambiciosa e talentosa pesquisadora de artefatos, são arrastados para o conflito enquanto Optimus Prime e os Autobots enfrentam o terrível novo inimigo empenhado em sua destruição chamado Scourge. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 15h15 - 18h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 14h15 - 17h15 - 20h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 19h15 (exceto seg. e ter.) - 22h10 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 15h50 - 20h45; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 18h; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 15h50 - 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 18h.

VELOZES E FURIOSOS 10 (Fast X. EUA. Dir: Louis Leterrier. Ação. 12 anos). Dom Toretto (Vin

Diesel) e sua família devem lidar com o adversário mais letal que já enfrentaram. Alimentada pela vingança, uma ameaça terrível emerge das sombras do passado na forma de Dante (Jason Momoa), para destruir o mundo de Dom, tudo e todos que ele mais ama. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 20h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 15h (exceto sáb. e dom.) - 18h - 21h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 16h15 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 20h10; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 20h10.

CINE BANGUÊ (JP) - JUNHO

CORPOLÍTICA (Brasil. Dir.: Pedro Henrique França. Documentário. 16 anos). Filme investiga o vazio de representatividade LGBTQIA+ no cenário político do Brasil. **CINE BANGUÊ**: 19/6 - 20h30; 22/6 - 18h30; 28/6 - 20h30.

EO (Polônia e Itália. Dir.: Jerzy Skolimowski. Drama. 14 anos). O mundo é um lugar misterioso quando visto pelos olhos de um burro. **CINE BANGUÊ**: 21/6 - 20h30; 26/6 - 18h30; 29/6 - 20h30.

NINTENDO E EU (Death of Nintendo. Filipinas. Dir.: Raya Martin. Comédia. 12 anos). No início dos anos 1990, nas Filipinas, um adolescente e seus amigos se aventuram em novas descobertas durante o verão enquanto amadurecem. **CINE BANGUÊ**: 18/6 - 16h; 21/6 - 18h30; 27/6 - 18h30.

OPERAÇÃO HUNT (Heon-teu. Coreia do Sul. Dir.: Lee Jung-jae. Ação. 16 anos). Suspeita de um espião norte-coreano infiltrado no serviço secreto da Coreia do Sul coloca em risco a vida do presidente. **CINE BANGUÊ**: 18/6 - 18h; 20/6 - 20h; 26/6 - 20h30; 29/6 - 18h.

O SEU AMOR DE VOLTA (MESMO QUE ELE NÃO QUEIRA) (Brasil. Dir.: Bertrand Lira. Documentário. 16 anos). Histórias sobre a busca do amor perdido e a crença no poder da magia. **CINE BANGUÊ**: 19/6 - 18h30; 27/6 - 20h30.

ÚYRA - ARETOMADA DA FLORESTA (Brasil. Dir.: Juliana Curi. Documentário. 12 anos). Artista trans indígena viaja pela floresta amazônica passando mensagens ancestrais para ensinar jovens a enfrentar o racismo estrutural e a transfobia. **CINE BANGUÊ**: 20/6 - 18h30; 22/6 - 20h30; 28/6 - 18h30.

AUDIOVISUAL

Mostra promove o olhar feminino

Amanhã, no Cine-Teatro São José, em Campina Grande, será realizada a mostra gratuita Ela Faz Cinema

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O Dia Nacional do Cinema Brasileiro será comemorado amanhã (dia 19). No intuito de celebrar a data, o Cine-Teatro São José, que pertence à Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesco) e se localiza na cidade de Campina Grande, realizará nesta segunda-feira, a partir das 18h30, a mostra Ela faz Cinema. Na ocasião, o público assistirá gratuitamente aos curtas-metragens *Joana* e, em caráter de estreia, *Isso Não é mimimi*, ambos da diretora Patrícia de Aquino, e *A Década em que Nada Mudou*, de Carol Diógenes. Em seguida, haverá debate dos espectadores com as cineastas sobre os temas tratados nessas produções audiovisuais.

Idealizadora do evento, a coordenadora do Cine-Teatro São José, Moema Vilar, explicou que sua intenção é reunir, a princípio, as mulheres que fazem cinema em Campina Grande. “O objetivo é formar público para as realizadoras que atuam no estado, oferecendo a janela do olhar feminino na parte técnica e criativa. É uma janela que se abre”, apontou ela.

Moema Vilar enfatizou que em áreas como edição, fotografia e iluminação, bem como na direção, a presença ainda é mais dos homens. “Só tem dois longas-metragens feitos por mulheres na Paraíba: o *Aponta pra Fé: Ou Todas as Músicas da Minha Vida*, dirigido por Kalyne Almeida, e *Por 30 Dinheiros*, de Vânia Perazzo. A próxima edição da Mostra vai ser com esse filme de Kalyne Almeida e meu sonho é trazer Vânia Perazzo”, disse a coordenadora.

A instituição da data comemorativa ao cinema nacional objetiva lembrar as primeiras imagens em movimento registradas no Brasil, no ano de 1898, pelo ítalo-brasileiro Afonso Segreto (1875-1919), o primeiro cinegrafista brasileiro e diretor de cinema do país. Suas imagens mostram as fortalezas e os navios de guerra da Baía de Guanabara (RJ).

Moema Vilar ainda informou que a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), por meio dos professores Helton Paulino e Fabiano Raposo, em parceria com o Cine-Teatro São José, criará um cineclube que levará o nome de Adélia Sampaio. “É para prestar homenagem a primeira cineasta negra do Brasil, que deverá ser inaugurado no dia 20 de julho e funcionará toda quinta-feira, sempre a partir das 18h”, disse a gestora.

Visibilidade feminina

O primeiro filme a ser exibido na Mostra Ela faz Cinema é *Joana*, curta-metragem com 20 minutos de duração, dirigido e roteirizado por Patrícia de Aquino e lançado em 2021. “O filme aborda a violência contra a mulher, como a doméstica, física e a psicológica. Escolhi o nome de Joana para dar título porque percebi, em pesquisas na história do Brasil, que esse nome estava presente em momentos fortes”, afirmou a cineasta.

A realizadora elogiou a iniciativa da Funesco, por meio do Cine-Teatro São José, em realizar a mostra. “É um evento muito importante para dar visibilidade feminina dentro do mercado do audiovisual. A nossa contribuição é grande, mas o reconhecimento ainda é bem pouco. Tanto é assim que participo do movimento União das Mulheres no Audiovisual (UMA), criado por mulheres como Kalyne Almeida e Cris Fragoso, para buscar esse objetivo”, disse Patrícia de Aquino.

Na sequência, o público assistirá ao filme *A Década em que Nada Mudou*, dirigido e roteirizado por Carol Diógenes, que tem 34 minutos de duração e foi lançado em maio passado, na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em Campina Grande. “O documentário é sobre a Barbárie de Queimadas. O material faz uma retrospectiva da última década com as matérias jornalísticas que saíram em algumas emissoras de TV do estado e traz uma nova perspectiva do caso, ao dividir como foi a vivência dos po-

liciais, jornalistas, promotoria e, também, do judiciário. O documentário conta com o depoimento de jornalistas, policiais, delegados, do judiciário, promotoria e, também, com familiares das vítimas”, afirmou a cineasta.

“O título do documentário é para trazer o questionamento de como o caso teve tantas atualizações, ao longo dos anos; de como tiveram evoluções em diferentes âmbitos, como a criação da lei do feminicídio, mas que, socialmente, ainda não tivemos nenhuma mudança. As mulheres ainda são assassinadas por serem mulheres, por existir, a liberdade ainda não aconteceu, ainda não nos sentimos seguras em andar na rua, em estar dentro de casa e em qualquer lugar. *A Década em que Nada Mudou* muita coisa mudou, mas, realmente, mudou para nós?”, questionou ela.

Carol Diógenes também assina a edição e produção do material, que foi finalizado no início de 2022. As gravações se dividiram entre Campina Grande, João Pessoa e Queimadas – o local da barbárie, ocorrida em 2012, quando cinco mulheres foram estupradas durante uma festa de aniversário, das quais duas, Izabella Pajuçara e Michelle Domingos, foram assassinadas porque teriam reconhecido os agressores.

A cineasta também elogiou a criação do evento. “Ser do Nordeste e trabalhar no audiovisual é bem complicado, o incentivo é pouco e a visibilidade menor ainda. Ser mulher e estar no cinema é ainda mais difícil, o feminino ainda é subestimado nas produções e isso acaba por não promover espaço para que outras mulheres se destaquem na área. O evento é uma oportunidade maravilhosa para a população ter contato com materiais feitos por mulheres e, também, para que se sintam representadas. O evento é para todas as pessoas interessadas, mas é claro que queremos que também seja uma forma de inspirar novas mulheres a se dedicar no audiovisual, mostrar que é possível”, afirmou Carol Diógenes.

Foto: Gabriel Heitor/Divulgação



Abertura de ‘A Década em que Nada Mudou’ (acima), de Carol Diógenes (ao lado): documentário aborda a Barbárie de Queimadas, caso de feminicídio que ocorreu em 2012



Foto: Carla Batista/Divulgação

Foto: Sara Andrade/Divulgação



Atriz Eliana Figueiredo (acima) protagoniza o curta de Patrícia de Aquino (ao lado), que lida com a violência contra a mulher, como as violências doméstica, física e psicológica



Foto: Acervo pessoal

MÚSICA

Orquestra e Coro Infantil da Paraíba apresentam concerto

Fotos: OSPB/Divulgação



Apresentação gratuita da Orquestra Infantil da Paraíba (foto maior) e do Coro Infantil da Paraíba (abaixo, à dir.) terá a participação especial do Coral Ladies (abaixo, à esq.) e irá executar obras que vão de Vivaldi a Gonzagão e Luiz Ramalho



Da Redação

Músicas de Vivaldi, Chaplin, Luiz Gonzaga, Alceu Valença e Luiz Ramalho fazem parte do repertório do concerto de encerramento do primeiro semestre da temporada 2023 da Orquestra Infantil da Paraíba e do Coro Infantil da Paraíba. Será hoje, às 16h, na Sala de Concertos Maestro José Siqueira, no Espaço Cultural, em João Pessoa, com participação especial do Coral Ladies. A entrada é gratuita.

A apresentação começa com os músicos da Orquestra Infantil da Paraíba, sob a regência do maestro Marcelo Vasconcelos, que vão tocar ‘Canções que minha mãe me ensinou’, do compositor tcheco Antonín Dvorak; ‘Lua Branca’, música da instrumen-

tista e maestrina carioca Chiquinha Gonzaga; ‘Smile’, do ator, diretor e músico inglês Charles Chaplin; ‘Let it be’, do ex-Beatles John Lennon; ‘Foi Deus quem fez você’, de autoria do compositor paraibano Luiz Ramalho; e ‘Luiz Gonzaga para OIEPB’, com músicas de Luiz Gonzaga. Os arranjos são de Norma Romano e Marcelo Vasconcelos.

Em seguida, sob a regência do maestro João Alberto Gurgel, as crianças do Coro Infantil se apresentam, cantando ‘Glória In Excelsis Deo’, do italiano Antonio Vivaldi; ‘You Raise Me Up’, do norueguês Rolf Lovland; ‘Maria Maria’, dos músicos mineiros Milton Nascimento e Fernando Brant; ‘Peça Felicidade’, do carioca Diogo Melim, e ‘Suíte Luiz Gonzaga’, com músicas

de Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira e Zé Dantas. Os arranjos e adaptações são do maestro João Alberto Gurgel.

Já as integrantes do Coral das Ladies vão subir ao palco para cantar ‘Anunciação’, de Alceu Valença; ‘Flor e o Beija-Flor’, de Marília Mendonça e Juliano Tchula, e ‘Minerinho’, Alexandre Pires e Lourenço, com arranjos do maestro João Alberto Gurgel.

O Coral Ladies é um grupo de senhoras pertencente ao Clube Cidade Verde. O coral promove várias atividades voltadas ao bem-estar desta faixa etária, desde aula de música e teatro, a ginástica, dança, laboratórios e eventos específicos. Atualmente, o grupo conta com 15 integrantes com idades entre 70 e 95 anos.

Foto: Câmara dos Deputados



Foto: Roberto Guedes



Foto: Câmara dos Deputados



Foto: Câmara dos Deputados



Foto: Roberto Guedes



Foto: Câmara dos Deputados



Foto: Câmara dos Deputados



Aguinaldo Ribeiro, relator da PEC nº 45/2019 na Câmara, e os deputados federais Wilson Santiago, Cabo Gilberto, Murilo Galdino, Hugo Motta, Romero Rodrigues e Ruy Carneiro

MODELO TRIBUTÁRIO

Bancada paraibana defende reforma

Deputados que representam o estado na Câmara demonstram otimismo e revelam tendências de votação

Juliana Teixeira
julianaaranjoteixeira@gmail.com

O relator da Reforma Tributária, o deputado federal paraibano Aguinaldo Ribeiro (Progressistas), assegurou que a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 45/19 deve ser votada na Câmara dos Deputados na primeira semana de julho, antes do recesso do Legislativo. Alguns parlamentares que representam a Paraíba no Congresso Nacional já se debruçam sobre a temática e até esboçam uma tendência para a votação.

O deputado federal Wilson Santiago (Republicanos) defendeu a aprovação da reforma tributária, com a criação de um imposto único para pessoas físicas e jurídicas. Na opinião do deputado, o Brasil terá melhores condições para crescer sem o aumento na quantidade de impostos. Ele classificou a simplificação do sistema tributário como essencial.

Na avaliação do deputado

Wilson Santiago, a reforma tributária é uma responsabilidade intransferivelmente dos membros do Poder Legislativo. O parlamentar ressaltou que é preciso ficar em alerta para que o desenvolvimento do Brasil seja pautado pela superação das desigualdades regionais e sociais. “Temos que trabalhar em prol de uma Reforma Tributária que venha a beneficiar o povo brasileiro, devolva o poder de compra, gere empregos e crescimento econômico. Melhores condições para o país crescer”, destaca Wilson Santiago.

O texto ainda não representa o parecer definitivo, mas apresenta diretrizes e pontos de consenso que orientarão o substitutivo a ser votado. Um dos destaques é a criação do Imposto sobre Bens e Serviço (IBS), que unificará o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), o Programa de Integração Social (PIS) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins), arrecadados pela União; o Imposto sobre

a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), de responsabilidade dos estados; e o Imposto sobre Serviços (ISS), administrado pelos municípios. Segundo Aguinaldo Ribeiro, os deputados e o governo vão fazer cálculos para identificar quais seriam as alíquotas do novo Imposto sobre Bens e Serviços necessárias para manter a carga tributária atual, aplicando alguma diferenciação por setores de atividade.

O deputado federal Ruy Carneiro (PSC) disse que, apesar de não ter recebido o relatório ainda, vem acompanhando as discussões. Ele se mostra extremamente favorável à matéria e diz que é preciso simplificar sistemas e ter transparência em todos os processos, para que o contribuinte tenha condições de saber o quanto de impostos vem pagando. “Eu tenho preocupação com a oneração de alguns setores, mas acredito que a tendência é de aprovação da matéria. Este é o sentimento no Congresso Nacio-

nal”, comentou o parlamentar.

Um dos pontos destacados pelo deputado Wilson Santiago é a execução do projeto da Zona Franca do Semiárido, necessário para incentivar o dinamismo econômico da região que ainda sofre com indicadores sociais abaixo da média nacional e regional, desemprego elevado, analfabetismo, baixa densidade pluviométrica, degradação ambiental que aflige o frágil ecossistema, entre outros problemas que afetam diretamente a qualidade de vida da população.

“Esses fatores não podem ser ocultados nem esquecidos em uma Reforma Tributária justa e séria, que busque aperfeiçoar os mecanismos federativos de diminuição das defasagens regionais. Os estados do Nordeste têm uma grande oportunidade para geração de emprego e renda, além de criar alternativas de crescimento em diversos setores da economia com a criação da Zona Franca do Semiárido”, assegurou.

Secretários municipais querem que ISS seja mantido

Na última quinta-feira (15), secretários de Finanças de todo país se reuniram na capital para discutir a proposta. O vice-presidente da Abrasf e secretário da Fazenda de Porto Alegre, Rodrigo Fantinel, defende outra proposta, a PEC 46/2022, que já tramita no Senado. “Acreditamos que esta PEC traz a solução viável para os municípios neste momento. Somos favoráveis à Reforma Tributária, desde que seja mantida a autonomia dos municípios e, principalmente, que seja mantido o ISS, que é a nossa principal fonte de receita e, sem ela, teremos dificuldades para manter a prestação de serviços e políticas públicas”.

Além dos secretários, governadores do Nordeste e prefeitos de todo país também estiveram na capital discutindo os rumos da Reforma Tributária para cada um desses segmentos da administração pública.

Propostas devem ter impacto na desburocratização de atividades

Presidente da Comissão de Turismo da Câmara dos Deputados, o deputado federal Romero Rodrigues (PSC) tem se debruçado sobre os impactos no setor da Reforma Tributária (que, além da PEC 45/19, também envolve a PEC 110/19, do Senado). “A importância do turismo para a economia do Brasil e do mundo é inegável, uma vez que promove geração de empregos e renda para milhares de brasileiros que atuam direta ou indiretamente no setor, bem como a conservação e promoção de patrimônios materiais e imateriais do nosso país”, justificou o deputado.

“Saímos com propostas importantes para contribuir com a desburocratização das atividades comerciais do turismo, por exemplo, além da criação de uma lei que possa unificar a arrecadação de tributos no país. O próximo passo é dialogar com os deputados do GT para uma construção conjunta em torno do tema”, ressaltou Romero Rodrigues.

O líder do Republicanos, deputado Hugo Motta, afirmou que a prioridade do partido para este ano é a aprovação da Reforma Tributária, cujo texto está sendo construído na Câmara dos Deputados. “Queremos discutir, melhorar, simplificar o sistema tributário brasileiro e, quem sabe, caminhar-mos para o futuro com a redução de impostos”, disse o parlamentar.

À frente de uma bancada de 41 deputados, Motta afirmou que a nova âncora fiscal que vai substituir o regime do teto de gastos, a ser enviada à Câmara pelo governo ainda neste ano, também vai estar na mira do partido. Segundo ele, é importante garantir “que as contas públicas seguirão controladas e que o Brasil está pronto para seguir crescendo”.

Escolhido como um dos vice-líderes da oposição a Lula na Câmara Federal, o deputado Cabo Gilberto (PL) disse que está atento à tramitação da Reforma Tributária desenhada pelo governo. O

paraibano afirmou que integra a comissão que avalia a proposta, que está sob relatoria do deputado e colega de bancada Aguinaldo Ribeiro (PP), e tem acompanhado as discussões.

“Vamos aguardar a proposta que ele vai apresentar na Câmara dos Deputados na comissão, que eu faço parte. Obviamente todo encontro eu participo, para que a gente possa chegar a uma Reforma Tributária que seja boa para todos, não da forma que o governo Lula sempre faz, e o governo do PT, que é arrecadar”, afirmou Cabo Gilberto.

Já o deputado federal Murilo Galdino afirmou ter certeza de que o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), vai conseguir fazer a Reforma Tributária andar no Congresso. Galdino ressaltou a importância do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP), na condução da matéria. “Tenho certeza de que essa Reforma Tributária vai andar e vamos fazer produzir o Brasil”, declarou.

Entenda

Principais pontos

■ Eliminação de impostos

Substituição de cinco tributos (IPI, PIS, Cofins, ICMS e ISS) por um Imposto sobre Bens e Serviços e um Imposto Seletivo

■ Novo IBS

Imposto a ser cobrado no local de consumo dos bens e serviços, com desconto do tributo pago em fases anteriores da produção

■ Gestão

O IBS terá uma parcela gerida pela União e outra por estados e municípios

■ Imposto seletivo

Será uma espécie de sobretaxa sobre produtos e serviços que prejudiquem a saúde ou o meio ambiente

■ Alíquotas do IBS

Haverá uma alíquota padrão e outra diferenciada para atender setores como o da saúde. Isso porque esses setores não têm muitas etapas, como a indústria

■ Exceções

A Zona Franca de Manaus e o Simples manteriam suas regras atuais. E alguns setores teriam regimes fiscais específicos: operações com bens imóveis, serviços financeiros, seguros, cooperativas, combustíveis e lubrificantes

Correção de desequilíbrio

■ Cashback

A emenda constitucional deve prever a implantação de um cashback ou devolução de parte do imposto pago. Mas as faixas da população que seriam beneficiadas e o funcionamento do mecanismo ficarão para a lei complementar

■ Fundo de Desenvolvimento Regional

Para compensar o fim da guerra fiscal, será criado um fundo com recursos da União para promover regiões menos desenvolvidas

■ Transição federativa

Será feita uma transição, que pode ficar entre 40 e 50 anos, para manter a arrecadação de União, estados e municípios. Sem a transição, estados e municípios “produtores” seriam prejudicados com a cobrança do IBS no local de consumo

■ Transição dos tributos

Apesar de serem feitos modelos, a arrecadação dos novos tributos não é conhecida. Então, essa transição (em torno de cinco anos) terá o objetivo de calibrar as alíquotas de forma a manter a carga tributária.

Efeitos esperados da reforma

■ Fim da guerra fiscal

A redução de impostos para atrair fábricas não se justifica mais, porque o imposto será cobrado no destino do bem ou serviço

■ Crescimento econômica

O IBS simplifica o sistema, eliminando custos para as empresas. A indústria é mais favorecida porque pode ter mais créditos de tributos pagos por insumos

■ Desoneração das exportações

Como o imposto só é cobrado no consumo, as vendas externas podem ser totalmente desoneradas. Por outro lado, as importações terão a mesma taxa de produto nacional

■ Segurança jurídica

Cai a diferenciação entre produtos e serviços, evitando conflitos sobre qual alíquota deve ser aplicada sobre determinado consumo

■ Transparência

O consumidor vai saber quanto está pagando de imposto em cada produto ou serviço

Chico Pinto

“A União foi e ainda é uma escola de caráter, de vida, de amizade”

Depois de um início de carreira quase accidental, ele ganhou espaço no jornalismo político e testemunhou episódios que marcaram época na Câmara de João Pessoa e na Assembleia Legislativa, onde fundou o Comitê de Imprensa

Luiz Carlos Sousa
lucsjp@gmail.com

O jornalista Chico Pinto abriu o coração e suas inusitadas histórias como repórter de **A União** para o programa Memórias. Falou sobre o início despretensioso de sua carreira no jornalismo, quando, muito jovem, sequer imaginava que trabalharia em um jornal, já que seu sonho era ser advogado. Contou histórias sobre as grandes amizades feitas na redação do jornal, o que contribuiu para a sua formação como repórter. E ainda trouxe algumas histórias inusitadas de quando cobria o caderno de Política na Assembleia Legislativa e Câmara Municipal de João Pessoa.

Entrevista

■ *Como é que começou a história com A União?*

Eu nunca tive pretensão de ser jornalista. Eu morava no interior, na cidade de Sousa. Terminei o meu Ginásio [antigo Ensino Fundamental] e vim para João Pessoa com a cara e a coragem. Meu pai não tinha condições de me manter aqui, então eu tive que procurar emprego. Eu tinha um amigo que era deputado estadual, então o procurei para ver se ele conseguia alguma coisa para mim. Sai do Sertão com a mala e um dinheirinho no bolso que só dava para passar um mês. Então eu fiquei *office boy*, estudando no Liceu à noite. Um belo dia, eu chego na Assembleia Legislativa, no gabinete dele, e ele diz: “está aqui o seu emprego”. Ele disse pegando o jornal **A União**, e tinha um edital convocando pessoas para fazer teste de repórter. Peguei aquele jornal e fui para onde funcionava a reportagem, que era na Praça 1817, em cima do cartório de Garibaldi. Quando chego, me deparo com Frutuoso Chaves. Frutuoso, com aquela diplomacia dele, aquela calma, disse: “Tudo bem? Você senta aí que eu vou preparar uma pauta para você”. Eu não sabia o que era pauta, nem tinha a mínima noção de jornalismo. Então ele preparou essa pauta e explicou: “Nós temos duas vagas. Se você pegar o jornal no outro dia e a sua matéria estiver publicada na primeira página, venha para o jornal, traga sua Carteira de Trabalho, que o emprego é seu”. A pauta foi para fazer uma matéria no matadouro público, que, nessa época, funcionava onde hoje é o Distrito Mecânico, lá na Ilha do Bispo. O carro do jornal me deixou lá no local. Procurei o diretor do matadouro. Eu já tinha um certo manejo de conversa, aí perguntei a quantidade de abate, como era aquela situação, aquelas perguntas que você realmente tem que fazer. Voltei para a redação. Então eu me lembro que a matéria era de 40 linhas. Eu já era datilógrafo. Fiz o texto, entreguei. Quando deu 4h, no outro dia, eu já estava impaciente, porque precisava desse emprego, estava passando necessidades. Então às 5h já estava no Ponto de Cem Réis para esperar o jornal chegar. Quando eu abri, estava lá

na primeira página: “Chico Pinto”, a assinatura na matéria e o texto de chamada feito por Barreto Neto. Voltei para a república, tomei banho, botei a melhor roupa que eu tinha, peguei minha carteira profissional e fui. Fui recebido por Frutuoso. Ele foi aquele chefe de reportagem, não desrespeitando os demais, mas Frutuoso era aquele cara exigente e ao mesmo tempo carinhoso com o repórter. Ele, quando via que você estava perdido em alguma matéria, já vinha em seu socorro. Então Frutuoso foi dando muito conselho, inclusive conselhos morais. Para além da chefia. A gente chamava ele de mestre, ninguém chamava de Frutuoso. A vida de repórter naquela época era muito dura. Aquele que não gastasse no mínimo cinco quilômetros por dia não produzia. Era apenas um telefone na redação, não tinha internet.

■ *Você também é daqueles que considera que A União foi uma escola?*

Quem não passou por **A União**, me desculpe, mas jamais será um bom jornalista, será um jornalista mediano. Eu não quero dizer que eu seja bom jornalista. Mas **A União** tinha cuidado com a informação, tinha responsabilidade com o texto e com a notícia. Eu guardo na lembrança um fato que me marcou como jornalista. Foi fazer uma matéria de denúncia, diz o texto, entreguei no birô de Frutuoso, ele leu e disse: “pode colocar na gaveta a matéria. Você já ouviu o outro lado? Enquanto você não ouvir o outro lado, a sua matéria não será publicada”. Então ele formou esse caráter na equipe, que você não podia fazer uma denúncia contra qualquer pessoa sem ouvir a outra versão. Isso era fundamental, porque você não criava problema para o cidadão. Então esse era o jornalismo que se fazia na época. Inclusive se baseava muito naquele manual de redação da Folha de São Paulo que, naquela época, exigia esse tipo de coisa.

■ *Você trabalhou em quantos governos?*

Eu comecei no governo de Ernani Satyro, depois Burity, Wilson Braga. Vai ter um intervalo de quando eu fui para [o jornal] O Norte. Eu fui convidado por Pedro Moreira para ir para O Norte. Passei a minha

temporada lá, depois voltei para **A União**.

■ *Você tem hoje amigos da sua intimidade, amizades que nasceram nessa época?*

Todos os meus amigos daquela época continuam meus amigos. Inclusive, aqueles que eram guerreiros. Porque, naquela época, havia dois tipos de repórter: aquele repórter mais comedido, que era mais para dentro da redação, então ficava mais na dele - você mesmo era um desse tipo, Lula, sempre ali estudando - e tinha aquele repórter de rua, que era a turma da “bagaceira”, aquele cara que ficava morrendo em cima da notícia. Eu tenho grandes amizades daí. Cardoso, Werneck, Fodinha, Frutuoso. Hoje, um grande amigo que eu tenho é Agnaldo Almeida. O cara está no meu coração, quero muito bem a ele. Têm vários que faleceram e deixaram uma grande saudade.

■ *Como você começou a cobrir política?*

Eu tenho um ciclo de amizade muito bom graças a **A União**, porque, logo em seguida, fui designado para cobrir a Câmara Municipal. Têm muitas histórias. Eu lembro de uma vereadora que soltou uma piada e, em seguida, um cara que estava presente começou a roncocar como um porco dentro da Câmara Municipal. A gente conseguiu fotografar nesse momento, e eu fiz essa matéria. A matéria deu uma repercussão muito grande. O prefeito era ligado ao governador. E a Câmara foi em cima do prefeito. Eu sei que resolveram retirar a matéria e não deu mais repercussão sobre o assunto.

■ *Foi quando você ficou impedido de entrar na Câmara Municipal?*

Eu fiquei impedido de entrar. Fiquei fazendo as matérias nas cadeiras que tinham na lateral.



Após registrar a história de uma pessoa que roncou “como porco” na Câmara, Chico foi proibido de entrar na local



Chico Pinto mudou-se de Sousa para João Pessoa “com a cara e a coragem” e terminou na redação de A União

Tinha um amigo, Lucena, que, de vez em quando, me passava o “bizu” do que tinha acontecido.

■ *Foi aí que você deixou o jornalismo diário?*

Eu consegui uma assessoria na Assembleia. Na época, eu era repórter de política d’O Norte. Então eu tinha que ter o pudor de não permanecer nas duas funções. Cheguei e falei: “agora não vai dar para eu continuar na política porque estou com essa assessoria”. O salário da assessoria era maior do que o do jornal, então eu decidi ficar só com uma coisa. Mas fui transferido de política e permaneci nos dois. Eu voltei para **A União** logo em seguida. Passei uma temporada na Rádio Brás e fiquei trabalhando lá e trabalhando na Tabajara. Foi quando começou o governo Collor, que fechou a Rádio Brás. Foi todo mundo para o meio da rua. Eu tinha um salário bom na Rádio Brás. Foi na época em que foi criado o quadro do Governo do Estado da Secom [Secretaria de Comunicação]. Eu era repórter da Secom. Logo em seguida, veio o quadro e eu fiquei. Gonzaga Rodrigues era secretário e, na época, me incluiu. Só tinha uma vaga como redator. Eu me aposentei pelo quadro.

■ *Mas e na Assembleia?*

Na Assembleia eu fui fundador do Comitê de Imprensa. Inclusive coloquei o nome de Natanael Alves em homenagem a Natanael, que tinha sido presidente d’**A União** na minha época, inclusive meu amigo. Quando eu fundei o comitê, consegui uma sala lá na Assembleia e consegui colocar o nome desse comitê de Natanael. Ele tinha morrido há pouco tempo. Eu fui presidente umas três ou quatro vezes desse comitê.

■ *Alguma história boa desse tempo?*

Ali quase toda semana tinha briga de deputado. Sebastião Calixto, Luiz de Barros e Zé Lira entravam no plenário da Assembleia cada um com uma pistola, mas todos eles se respeitavam. Mas era como se fosse uma casa da pólvora ali. A briga seria foi entre Aécio Pereira e Levi Olímpio. Aécio, com o jeito dele brabo que só. Saiu todo mundo do Comitê de Imprensa para ver, com medo de levar bala. A Assembleia tinha essas coisas. Eu me lembro que o primeiro secretário era o deputado Aloysio Pereira. Ele determinou que se colocasse uma corrente de ponta a ponta na frente da Assembleia. E só tinham duas vagas pré-estabelecidas, que eram do presidente e do primeiro secretário. Quem fosse chegando primeiro, o cara ia abrindo e os carros iam sendo colocados. Aí chega Zé Gaioso. Era um rapaz bruto que só ele. Chegou querendo botar o carro na vaga de Aloysio. Aí o menino disse que a vaga era do primeiro secretário. Zé Gaioso perguntou: “ele é mais deputado do que eu? Coloque esse carro atravessado aqui”. Isso na Praça João Pessoa. O trânsito enlouqueceu ali no Centro. Ele entrou para o plenário e chamou Aloysio: “Você é mais deputado do que eu? Eu quero colocar meu carro e você deu ordem pra eu não colocar meu carro em frente da Assembleia?”. Aloysio disse: “pera aí”. Saiu do plenário, mandou arrancar a corrente do estacionamento e disse: “pronto, Gaioso, o estacionamento é todo seu agora”. Naquela época, os deputados não deixavam passar nada. Ali era uma briga ferrenha. Zé Lacerda e Assis Camelo só faltavam trocar tapas por conta de Rio Tinto e de Mamanguape, porque eles eram votados nessa região. Depois eu descobri que era tudo ensaiado. Para não deixar ninguém entrar na área deles, eles faziam oposição

um ao outro. A briga era ferrenha para alimentar as bases. É isso que acontece ainda hoje.

■ *Dessas histórias todas desse tempo de A União, que ensinamentos você aprendeu aqui na redação, testemunhou ou foi orientado? Algo que você levou da redação para a sua vida?*

Eu volto a afirmar que **A União** foi uma escolinha, não só escolinha de jornalismo. **A União**, para a gente daquela época e hoje ainda, é uma escola de caráter, de vida, de amizade. Nós tínhamos nossas desavenças, mas éramos como irmãos. Se acontecesse um negócio contra você, a redação todinha ia a seu favor. Então **A União** era uma família. A gente aprendeu a reconhecer os valores dos outros. **A União** nos ensinou a valorizar o talento dos demais companheiros. Na minha opinião, não menosprezando os demais, o maior repórter vivo da história da imprensa paraibana chama-se Hilton Gouvêa. Ele olhava para você e dizia: “eu apostei com qualquer um como o furo de reportagem amanhã será meu”. No outro dia era. Naquela época, o furo era a coisa mais fundamental na vida do repórter. O objetivo do repórter era chegar com uma notícia em primeira mão, que ninguém tinha, e soltar aquilo. Ali o seu ego ia lá para cima. Você olhava para os outros com aquele olhar de deboche. Você fazia jornalismo, não era por obrigação, era por diletantismo mesmo. Você queria ver a notícia, você valorizava a notícia. Coisa que hoje infelizmente não acontece.

■ *Você atribui isso a essa evolução?*

Todo mundo hoje é jornalista. Recentemente, há uns seis a oito meses, a Polícia Federal soltou um release de uma operação que ela fez aqui. Eu fui para os portais e para os blogs. Fiquei envergonhado com

o que vi. De seis a oito portais, era o mesmo texto e o mesmo título. O cara não teve coragem de mudar nem o título. Isso é uma preguiça mental. Nos principais portais de João Pessoa, tinha o mesmo texto da assessoria da Polícia Federal com o mesmo título. Ninguém teve a ousadia de mudar pelo menos o título. Isso não é jornalismo, não. Isso é um “*control c, control v*”. Na nossa época, a gente era repórter pé no chão, cada um tinha o seu texto. O carro da reportagem deixava você em determinado local e, dali, você que se virasse. Você tinha que andar pelo menos cinco quilômetros. Se você não fizesse isso, chegava de mão vazia na redação. Você tinha a produção de, no mínimo, cinco matérias boas. E não era uma materiiazinha de três linhas. Era de 40 linhas para cima. Então o sujeito tinha responsabilidade com o jornalismo. A gente seguia os exemplos dos nossos chefes. Porque os nossos chefes eram responsáveis. Ninguém pode chamar o Agnaldo Almeida de irresponsável, muito pelo contrário.

■ *Como está a sua relação com o jornalismo hoje?*

Hoje, eu trabalho com o ramo comercial. Deixei a imprensa para lá e trabalho com uma loja de colchão. Eu tenho duas lojas e vivo nesse negócio aqui e contando histórias. Só que dá muita saudade da minha época. Quando eu entrei aqui, eu me emocionei. Eu tive duas opções de carreira na vida. Eu saí do Sertão para vir fazer vestibular de direito. Resultado: entrei no jornalismo por acaso, por conta daquele edital. Fiz vestibular, passei para o curso de direito que eu queria, mas fiquei dividido entre as duas opções. Eu fui um jornalista mediano, mas sempre responsável. Eu bebia, mas tinha responsabilidade, nunca deixei de levar meu material. Quando eu não podia ir, redigia lá na Assembleia,

mandava pelo fotógrafo. São essas coisas que o jornalismo fez por mim, foi uma formação de caráter. Você vai observando, você observa o caráter de um, de outro, e ali você vai formando o seu caráter. São coisas fundamentais na tua vida. O bom do jornalismo - não sei hoje, mas na minha época - era você preservar as suas fontes de notícia, porque diminui o seu esforço de trabalho. Você pegava o telefone, ligava e as fontes contavam. Tinha uma fonte, um deputado que queria me contar as coisas, e a gente sentava para tomar uma cerveja no Cassino da Lagoa. De lá, eu saía com uma matéria pronta que dava para guardar para o domingo. Então é isso: o bom jornalismo é você sempre ter um bom caráter. Não adianta querer fazer jornalismo sem ouvir os dois lados. Você pode ter seu lado, sua posição, mas faça jornalismo para o leitor, não faça para você. Faça jornalismo para o leitor, que é a parte mais fundamental da Imprensa. O jornalismo que envereda para um lado vai perdendo leitor. O exemplo maior disso é a Veja. Por que **A União** nunca cai? Porque o leitor sabe que **A União** é um jornal oficial, do governo. Para passar as informações do governo, as boas informações do governo. Eu nunca vi **A União** fazer “lenga lenga” com o governador. Geralmente mostra o trabalho que o governo da época está desenvolvendo. Agora é João. Quando eu vejo **A União**, eu vejo o trabalho que João está fazendo pela Paraíba. Se amanhã for outro, é a mesma coisa. Porque **A União** é o órgão do Governo e não do governador. Nós trabalhamos as informações das secretarias, programas e políticas públicas. É por isso que **A União** vai viver mais 100 anos, porque ela continua com a sua linha editorial. **A União** permanece até hoje e eu leio semanalmente. O Caderno de Cultura d’**A União**, o Correio das Artes, meu amigo, é um negócio fabuloso, rapaz! Dá prazer você ler. Todo sábado eu pego na Livraria do Luiz. Vou lá, levo para casa e vou ler. Vou me deliciar com a matéria dos companheiros.

■ *Alguma história sobre as suas amizades em A União que poderia contar?*

Tem uma história interessante comigo. Uma aposta que eu fiz. Apostei um pacote de cigarro como eu pegaria um toco do Arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires. Comecei a conversar com ele e, quando já estava bem no final da entrevista, fiz aquela cara de choro, né? Então ele perguntou: “o que está acontecendo que você está assim tão triste?”. Eu disse que era porque as inscrições de vestibular terminavam naquele dia e **A União** atrasou o pagamento, por isso eu iria perder meu vestibular, porque não tinha dinheiro para fazer inscrição. Safadeza minha, não é? Eu já tinha feito a inscrição, inclusive. Ele disse:

“não seja por isso, rapaz, você vai pagar o seu vestibular. Você vai passar e vem comemorar com o bispo”. Ele me deu um envelope branco: era o dinheiro que eu recebia no mês inteiro. Eu saí da casa do Palácio do Bispo, entrei numa loja e comprei uma calça e uma camisa bem bacana. Saí da loja, encontrei com um amigo e a gente foi para “Biuzinho”. O garçom, quando me viu, pediu para eu não passar um “xêxo” nele naquele dia. “Fale com o seu Marivaldo (que era gerente). Ele gosta muito de vocês e vai liberar uma cerveja para vocês”. Aí eu mostrei o dinheiro para ele. Essas coisas que **A União** me deixou, muita experiência. Mas agora já faz 30 anos que eu não bebo. Vai completar 31 no dia 27 de setembro. Ainda hoje eu tenho problemas de colesterol alto, gordura no fígado e pressão alta por conta do álcool.

■ *O álcool era a realidade de muitos jornalistas da época. Como foi para você?*

Eu parei de beber e parei de fumar. Parei porque cheguei a um nível de alcoolismo muito violento. Isso aconteceu quando um belo dia cheguei em casa embriagado e, quando entrei, estava lá a minha mulher deitada na cama com minha filha mais nova e a minha filha do meio, e meu filho no outro quarto. Aí eu olhei para mim e disse: “meu Deus do céu, que pai de família sou eu?”. Chegar uma hora dessas, deixar minha família? Eu fui para o banheiro, sentei e chorei de remorso feito uma criança. Aquele filme passando na minha cabeça. Eu sou muito devoto de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, então eu pedi para Nossa Senhora que, se fosse para continuar daquele jeito, que eu não vivesse mais. Isso foi em 1992. Aí minha mulher chegou, bateu no banheiro, a porta estava fechada. Eu saí com a cara inchada de tanto chorar. Ela perguntou se eu tinha brigado na rua e eu disse que não. Geralmente eu chegava, ia deitar no pedacinho, dava um cochilo até 9h, 10h e ia para a redação do jornal. Nesse dia, eu disse à minha mulher, que era médica e trabalhava lá na Torre, que ia tomar café e deixar ela no trabalho. Eu deixei ela na Torre e fui para a redação. Fiquei na redação e fiz uma horinha, depois fui para a Assembleia porque eu tinha um vício comigo. Geralmente o álcoolatra tem todo santo dia eu ia para o Ponto de Cem Réis, comprava um jornal, colocava o bicho debaixo do braço, sentava no bareo e garçom já vinha com a cerveja. Com pouco tempo ia chegando a turma, a “mundica” todinha. Mas nesse dia 27, eu saí com propósito de não beber, não fui comprar o jornal. Eu ia para casa, tinha deixado o carro no estacionamento ali por trás do Banco do Brasil. Quando vi, um desembargador e um juiz que eu conhecia estavam bebendo e me chamaram para conversar. Veja o poder de Nossa Senhora.

Eu sentei numa mesa vaga ao lado dele, a garçonete me trouxe uma cerveja. Era a mais bonita porque foi a última, mas foi a mais linda que eu já vi na minha vida toda. Loira, suada. Quando eu peguei nesse copo, vi a força do poder superior, olhei para a porta e vi passando um primo meu que fazia mais de oito anos que eu tinha visto. Me abraçou e comprou a cerveja dele. Até hoje nunca mais coloquei um copo de cerveja na boca. Parabéns. Eu tinha pedido no dia anterior a Nossa Senhora para morrer. No outro dia ela me deu a vida, porque eu parei de beber. Voltei a ser um pai carinhoso, amoroso, presente, que dá assistência. Comecei a me preocupar com a educação dos meus filhos, porque a educação era responsabilidade toda da mulher.

■ *Você gostaria de acrescentar algo?*

É uma satisfação, uma alegria retornar a essa casa onde eu vivi, por vários e vários anos, fazendo entrevista, e, hoje, estou na condição de depoente para esse programa espetacular. Além de servir de história, também serve de exemplo para as novas gerações. Isso serve para pessoas que estão ingressando no jornalismo agora. **A União** sempre foi pioneira, é por isso que vai viver mais 100 anos. Porque **A União** sempre se renova na sua linha editorial, ela não quer envelhecer. Apesar de ser a velhinha de todos os tempos, não envelhece. Ela permanece firme e forte e andando com suas próprias pernas.

■ *Você gostava de trabalhar em A União?*

Eu me lembro de uma vez que eu fui escalado, eu e Antônio Davi, para fazer uma matéria no Cariri sobre a seca violenta na Paraíba. Nós saímos para fazer essa matéria e, na volta, paramos no Cajá para almoçar e tomar cerveja, quando chega o prefeito de Cajá, que eu já conhecia. Conversando com ele, chega para mim a história de uma mulher que diz ser a mãe da cantora Fafá de Belém. Peguei o carro e fui ver a mulher. Eu acho que os arquivos d’**A União** têm essa matéria. Conversei com ela para saber essa história. Ela disse que não tinha condições de criar a menina. Esqueci a matéria da seca, cheguei na redação e fiz o texto todinho dizendo que Fafá de Belém era de Arara. Porque tem uma repercussão nacional. Publicamos a matéria e o jornal ficou toda hora recebendo telefone. “Que história é essa que Fafá de Belém nasceu na Paraíba?” Eu sei que o advogado de Fafá de Belém ligou para a redação, falou com Agnaldo e disse que o registro dela dizia que ela nasceu em Belém do Pará. Aí eu fiz a matéria contando a história, e o título era que Fafá não é de Arara, é de Belém. Eu não voltei a ver essa mulher, mas, pelas características, a mulher era a cara de Fafá. Eu acredito que ela não mentiu.





Lindolfo Pires, Cumpade João Barreto, Otto Melo Cruz, Vandique Coutinho, Leuza Valadares, André Lima, Madeleine Braga, Clóvis Júnior e Genesio Souza Neto são os aniversariantes da semana.

Rose Costa, esta colunista e um grupo de amigas vivenciaram, na última quarta-feira (14), interessante Bate e Volta à Rainha da Borborema. Nosso grupo almoçou no Rancho do Cowboy, visitou o Museu dos Três Pandeiros e, por último, a Vila Sítio São João. No Rancho do Cowboy, segue o registro desta colunista entre as amigas Ivane Pinto, Roselma Virgulino, Marcélia Leal, Rose Costa e Mércia Mota.



A desembargadora e escritora Fátima Bezerra Cavalcanti lançou seu mais novo trabalho “O Voo do Amor”, uma coletânea de textos sobre a vida do ex-governador José Maranhão, durante evento no Centro Cultural São Francisco. Na sessão de autógrafos, registrei a magistrada ao lado da presidente da EPC, jornalista Naná Garcez.



É com imensa alegria que celebramos os 90 anos do escritor, professor, procurador e político Evaldo Gonçalves, que por tantos anos colaborou com o Jornal A União. Parabenizamos o nosso amigo velho pela sua saúde e notável sabedoria acumulada ao longo dos anos.

A convite da PBTur, por meio do presidente Ferdinando Lucena e da assessora de imprensa Michelle Souza, participei de Press Trip à cidade de Campina Grande, destino turístico paraibano que realiza o Maior São João do Mundo. No roteiro, visitamos o Salão do Artesanato, a Vila Sítio São João e o São João no Parque do Povo. No Salão do Artesanato, precisamente no estande da Rádio Tabajara, tive a oportunidade de entrevistar a secretária de Turismo e Desenvolvimento da Paraíba, a executiva Rosália Lucas (foto).



Na visita que fiz à Rainha da Borborema, precisamente ao Salão do Artesanato Paraibano, encontrei o escritor Everaldo Nobrega que, ao lado da poetisa Stephanny Lee, se encantou com o rico e diversificado artesanato paraibano. Ele, no livro Crônicas, lançado recentemente, faz uma homenagem ao saudoso deputado e jogador de futebol patoense, Zéu Palmeira.



A professora aposentada da UFPB, Ana Olímpia Souto Ferreira, festejou seu aniversário de 80 anos, com missa na Igreja Santa Júlia e, logo após, com magnífico evento nos salões do Ultramar Class Residence, no Altiplano Cabo Branco, em João Pessoa. Cercada pelo carinho de familiares e amigos queridos, a grande dama recepcionou a todos com a fidalguia que lhe é peculiar. Confira alguns dos melhores momentos com as fotos de André Lima.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br

+55 83 99302-7071

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.

O Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP), conhecido como Museu dos Três Pandeiros, localizado em Campina Grande, está com uma novidade super interessante: um boneco gigante do Sansão, o mascote da Mônica, personagem de Mauricio de Sousa, que chama a atenção de quem passa ou visita o prédio que foi a última obra do arquiteto Oscar Niemeyer. É por isso que eu digo: eita Paraíba arretada!

Durante evento no Centro Cultural São Francisco, na capital paraibana, registro o médico Antônio Teixeira, ao lado de sua mãe, a empresária Teresa Bezerra Cavalcanti. Ele, que atualmente reside em Brasília e preside a Associação Brasileira de Ozonioterapia, atua nas áreas da geriatria e medicina integrativa.

O CASACOR Paraíba foi palco de um evento exclusivo para convidados, promovido pela Coral e Mundo das Tintas. Na noite quarta-feira (14), um grupo de arquitetos, designers de interiores e profissionais da área foram recebidos no ambiente Café Terrário para conhecer a Cor do Ano da Coral 2023. A apresentação foi feita por Érica Saraiva, embaixadora da Colour Futures 2023 (CF23), arquiteta e artista visual.

A Casa de Cumpade, espetacular destino cultural e turístico localizado no distrito de Galante, em Campina Grande, será o local do nosso próximo Bate e Volta. No bucólico cenário, teremos o autêntico forró pé de serra, regado à tradicional gastronomia nordestina, by Cumpade João.

A querida poetisa Carolina Lins vai se apresentar na ação cultural Poesias Encenadas, durante evento no Lima Penante, teatro localizado na avenida João Machado, no Centro de João Pessoa.

Neste domingo (18), no Centerplex do MAG Shopping, parte da imprensa paraibana terá a oportunidade de assistir o piloto da série “Fest Nordeste”, projeto audiovisual que tem roteiro escrito pelo paraibano Apolônio, feito em parceria com o carioca Lucas Domingos. Claro que estarei lá.

Selic Fixado em 3 de maio de 2023 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial +0,36% R\$ 4,820	Euro € Comercial +0,25% R\$ 5,271	Libra £ Esterlina +0,76% R\$ 6,181	Inflação IPCA do IBGE (em %) Maio/2023 +0,23 Abril/2023 +0,61 Março/2023 +0,71 Fevereiro/2023 +0,84 Janeiro/2023 +0,53	Ibovespa 118.758 pts -0,39%
--	---	--	--	---	---	--

ALTA NAS EXPORTAÇÕES

Produtos da PB ganham o mercado internacional

De janeiro a maio deste ano, subiu 48% o envio de bens para outros países

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

A Paraíba obteve resultado positivo em todos os meses deste ano na balança comercial mensal, divulgada pelo Centro Internacional de Negócios da Paraíba (CIN-PB). Nos cinco primeiros meses deste ano o estado exportou US\$ 86.149.472. O volume é 48,04% maior que o exportado no mesmo período do ano passado, quando o estado alcançou US\$ 58.194.605.

Entre janeiro e abril o valor das exportações totalizou US\$ 75.481.071, um crescimento de 54,20% quando comparado ao mesmo período de 2022. Já de janeiro a março, a Paraíba exportou US\$ 66.647.687, 88,62% a mais do que no ano passado. De janeiro a fevereiro o estado somou US\$ 49.666.477 em exportações, um aumento de 119%. Por sua vez, em janeiro, as exportações somaram US\$ 30.607.499, o que resultou em um crescimento de 212,43%.

Quando analisado o período de janeiro a maio, os países que mais compraram produtos da Paraíba foram Espanha, Gana, França, Portugal e Tunísia. Em maio os principais países de destino dos produtos foram República Dominicana, Argentina, Estados Unidos, Austrália e Espanha.

Já entre os produtos mais exportados estão calçados de borracha ou plástico; outros açúcares de cana; outro álcool etílico não desnaturado; ilmenita (minérios de titânio); outros calçados com parte de borracha ou plástico; outros calçados de matéria têxtil; mamões frescos; água de coco; outros sucos de abacaxi e granito.

O analista corporativo do CIN-PB, Tainã Fernandes, avaliou que o resultado da balança comercial mostra a retomada da economia na Paraíba, tendo em vista que no ano passado o estado ainda lidava com os efeitos da pandemia. Indica ainda que a venda dos produtos paraibanos no mercado internacional está maior, resultando em um impacto positivo no mercado local, o que mostra os produtos nacionais com competitividade no mercado global.

“Esse resultado obtido nunca é um único fator, são fatores diversos, como a qualidade e competitividade desses produtos, principalmente os mais exportados, que são os calçados de borracha produzidos aqui e enviados para o mundo inteiro. Com a indicação de recuperação da economia teremos agora um ritmo de crescimento maior”, pontuou Tainã Fernandes.

A balança comercial é divulgada mensalmente mostrando os resultados da Paraíba no comércio exterior.



Calçados de borracha ou plástico estão entre os produtos mais exportados do estado

Acumulado de Ano

Principais produtos exportados pela Paraíba:

1. Calçados de borracha ou plástico	25.785.704
2. Outros açúcares de cana	16.291.287
3. Outro álcool etílico não desnaturado	13.310.481
4. Ilmenita (minérios de titânio)	6.408.424
5. Outros calçados com parte de borracha ou plástico	4.465.701
6. Outros calçados de matéria têxtil	4.007.721
7. Mamões frescos	2.792.593
8. Água de Coco	1.733.380
9. Outros sucos de abacaxi	1.557.690
10. Granito	1.447.214

Resultado positivo favorece negócios

A doutora em Economia, Camila Oliveira, explicou que a balança comercial é a união das contas de importação e exportação do país, sendo um importante indicador econômico. Uma balança comercial favorável contribui para o ingresso de moeda estrangeira no país, mais investimentos na eco-

nomia, geração e manutenção de emprego e renda, e consequentemente, crescimento do PIB.

Capital estrangeiro

“Para as empresas locais é um movimento muito bom, pois uma maior exportação pode intensificar a entrada de capital estrangeiros,

ou seja, mais investimento para as empresas locais, emprego e renda”, afirmou.

Ela destacou que o resultado obtido se deve à pandemia e à guerra da Ucrânia, que, por sua vez, tem impactado nos preços das commodities e, consequentemente afetado positivamente a balança comercial.

Pandemia e guerra causam impacto

De janeiro a maio deste ano as importações no estado foram reduzidas em 25,52%. No período o estado importou US\$ 377.920.087, enquanto nos cinco primeiros meses do ano passado foram contabilizados US\$ 507.431.156 em importações. O resultado da balança comercial mostrou que os produtos mais importados no mês de maio foram óleos brutos de petróleo, malte não torrado, células fotovoltaicas, outros óleos e produtos da destilação do alcatrão de hulha, além de transformadores de dielétrico líquido.

Entre os principais países fornecedores em maio estão China, Estados Uni-

dos, Uruguai, Índia e Rússia, enquanto no acumulado do ano aparecem China, Estados Unidos, Uruguai, Argentina e Rússia.

O analista corporativo do CIN-PB, Tainã Fernandes, avalia que a explicação para a queda na importação depende do setor afetado. Segundo ele, a redução na aquisição de insumos pode estimular a produção e fortalecer algumas indústrias pela necessidade de suprir o mercado com os produtos. No entanto, com base nos produtos importados pela Paraíba, a queda na compra de matéria-prima e insumos internacionais também afeta as indústrias paraibanas.

“A indústria petroquímica que pega esses insumos e transforma em plástico, a indústria de asfalto, que cuida das nossas estradas, a indústria de lubrificantes usados em motores e máquinas, além da indústria siderúrgica. Todas essas indústrias podem ser afetadas pela diminuição desses produtos. Não temos a redução de um produto pronto, como o computador, no que poderíamos deduzir que as empresas brasileiras estão suprimindo a demanda. A diminuição de produtos que são matéria-prima indica que setores da indústria estão afetados. Importar também indica que a economia está girando”, frisou.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

O impacto do turismo em João Pessoa

João Pessoa, a encantadora capital da Paraíba, tem se destacado como um dos destinos mais procurados não apenas por suas belas praias e riqueza cultural, mas também pelo impacto positivo do turismo em sua economia. De acordo com um levantamento da Azul Viagens, a cidade figura entre os 10 destinos mais procurados do mundo para as férias escolares de julho. Essa pesquisa ressalta o potencial do setor turístico, que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico da região, atraindo investimentos e impulsionando a geração de emprego e renda.

O crescimento do turismo em João Pessoa tem sido notável nos últimos anos. A cidade tem se consolidado como um destino turístico de destaque no Nordeste brasileiro, atraindo um número cada vez maior de visitantes nacionais e internacionais. Esse fluxo turístico tem contribuído diretamente para o aquecimento da economia local.

Um dos principais impactos econômicos do turismo é a atração de investimentos para a região. Empresas do setor hoteleiro, gastronômico, de transporte e lazer têm identificado o potencial de João Pessoa como um mercado promissor e têm investido na expansão de seus negócios na cidade. Esse influxo de investimentos não apenas cria novas oportunidades de emprego, mas também impulsiona o desenvolvimento de infraestrutura turística, como a construção de novos hotéis, pousadas e restaurantes.

A geração de emprego é um dos principais benefícios do turismo. Com o aumento da demanda turística, há uma crescente necessidade de mão de obra nos mais diversos setores, desde a hotelaria e a gastronomia até o transporte e o comércio local. Essa demanda por empregos impulsiona a criação de oportunidades de trabalho para os moradores da cidade, contribuindo para a redução do desemprego e o aumento da renda familiar.

Além dos empregos diretos, o turismo também gera empregos indiretos, especialmente na cadeia produtiva relacionada ao setor. Pequenos empreendedores locais têm a oportunidade de fornecer serviços e produtos para atender às demandas dos turistas, como artesanato, souvenirs, alimentos e bebidas típicas. Isso fortalece a economia local e estimula o empreendedorismo.

O setor de turismo também tem impactos positivos em outros setores da economia.

O comércio varejista, por exemplo, pode experimentar um aumento nas vendas devido ao maior fluxo de turistas que consomem produtos locais. Os serviços de transporte, como táxis e aplicativos de mobilidade, também são beneficiados pelo aumento da demanda.

Além dos benefícios econômicos, o turismo contribui para a valorização do patrimônio cultural e natural da região. A preservação do meio ambiente e a valorização da cultura local são fundamentais para atrair os turistas e manter a sustentabilidade do setor a longo prazo. A conscientização sobre a importância da preservação ambiental e do patrimônio histórico-cultural também são estimuladas pelo turismo, o que contribui para o desenvolvimento sustentável da região.

Por fim, João Pessoa tem conquistado seu espaço como um destino turístico de excelência. Sua combinação de praias deslumbrantes, patrimônio histórico-cultural, gastronomia e infraestrutura em constante desenvolvimento fazem da cidade um lugar único e especial. Seja para quem busca momentos de tranquilidade à beira-mar, para os apreciadores de cultura e história, ou para os aventureiros em busca de novas experiências, João Pessoa oferece um leque de possibilidades e encantos. Não é de surpreender que esteja entre os destinos mais procurados pelos viajantes em busca de uma viagem inesquecível.

DIVERSIDADE NAS EMPRESAS

Vagas afirmativas visam equidade

Postos de trabalho para os grupos que ainda são minoria nos negócios aumentaram 33,2% no ano passado

■ Mudança de visão tende a representar maturidade e estratégia dos negócios para agradar o mercado

Agência Estado

Embora haja um longo percurso a ser percorrido para lidar com questões históricas de reparação no mercado de trabalho, o ambiente organizacional vem passando por mudanças, sobretudo com o aumento dos números de vagas afirmativas para grupos que ainda são minoria dentro das empresas.

A plataforma Vagas, fez um levantamento no qual mostrou que o número de vagas afirma-

tivas para a comunidade LGBT-QIAPNB+, mulheres, negros e pessoas com deficiências aumentou em 33,2% no ano passado, totalizando aproximadamente 26 mil novos espaços de trabalho.

Renan Batistela, especialista em Diversidade e Inclusão na Vagas.com afirma que esse avanço “pode significar uma maior maturidade por parte das empresas, buscando serem mais estratégicas, já que muito tem se falado que organizações mais diversas performam melhor”.

O levantamento também leva em consideração o impacto das novas demandas, surgidas a partir dos debates propostos na sociedade. Novas gerações têm surgido no mercado de trabalho e com elas novos questionamentos passam a surgir.

Mudança de perspectiva

A geração Z, constituída pelos nascidos em meados dos anos dois mil mostra que atualmente aqueles que começam suas trajetórias profissionais buscam não

somente por grandes salários e planos de carreira, mas também por empresas que ofereçam ambientes diversos e inclusivos.

Segundo um estudo realizado pela Catho, empresa de recrutamento e seleção para o encaminhamento de pessoas ao mercado de trabalho, no ano passado houve um crescimento de publicações de vagas afirmativas na plataforma, com um aumento de mais de 300% desse tipo de ação, e um total de 2,7 mil vagas afirmativas no país.



Foto: Freepik

Pesquisas identificaram que a maioria da população concorda com a aplicação de vagas afirmativas dentro das empresas e se mostra favorável a ações exclusivas para pessoas negras

Desigualdades ainda imperam no mercado de trabalho

Outro problema verificado no Brasil é que ainda há desigualdades quando se fala em presença no mercado de trabalho e em salário. Em outro levantamento feito pela Catho, em 2021, foi constatado que pessoas negras recebem cerca 34,15% a menos quando comparadas com as remunerações recebidas por colaboradores brancos que ocupam os mesmos cargos.

Já outra pesquisa da Mind-sight, com a consultoria Indique, identificou que a maioria da população concorda com a aplicação de vagas afirmativas dentro das empresas, em que 74,6% dos

entrevistados mostraram-se favoráveis a ações exclusivas para pessoas negras. Na contramão dessa mudança de mentalidade, a revista Exame divulgou, numa matéria publicada em 2022, que cerca de 60% das empresas ainda não alcançaram a marca de ter um time com pelo menos 50% de funcionários negros.

Thalia Sousa, analista jurídica na Lexly, empresa que aplica tecnologia para questões jurídicas, explicou sobre as leis específicas para vagas afirmativas e dá alguns exemplos presentes na legislação brasileira.

“No Brasil existem algumas

leis que garantem as vagas afirmativas para grupos vulneráveis e minoritários quando se fala no ambiente de trabalho, tanto estaduais quanto municipais. A Lei nº 12.990/2014 garante a reserva de 20% das vagas para pessoas negras em concursos públicos, por exemplo”, esclareceu Thalia.

Thalia conta sobre o que é política e o que é lei quando o assunto são as vagas afirmativas. A profissional explica que a política, que pode ser tratada como a ação para vagas afirmativas, existe há muito tempo, “é o primeiro passo para discutir medidas a serem tomadas, mas

só agora está em evidência e com isso, a abertura de mais projetos de leis voltados para minorias e grupos vulneráveis”.

Ao ser questionada sobre como os recursos humanos podem ser um agente nesta mudança, Thalia elucida que trazendo diversidade ao ambiente de trabalho, as oportunidades para pessoas com vivências diferentes são ampliadas. Os colaboradores se sentem valorizados, visados e acolhidos e entendem que aquele ambiente trata com respeito todas as pessoas, sem distinção e com inclusão, promovendo a igualdade e inclusão social.

Respeito

Com a diversidade no ambiente de trabalho, as oportunidades para pessoas com vivências diferentes são ampliadas e os colaboradores se sentem mais valorizados

Nova geração recebe a responsabilidade por renovação

Há 20 anos trabalhando como consultor de carreira com foco em gerações, jovens potenciais e mentoria, o escritor Sidnei Oliveira analisa, em seus estudos, que a diversidade vem sendo abordada desde gerações anteriores, porém, que a geração atual será a responsável por uma renovação.

O consultor, que reflete sobre o exercício da mentoria em seus livros, já afirmou em entrevistas que, a nova geração “vai transfor-

mar essa pauta não apenas em uma pauta de discurso de marketing - que a gente vê com muita frequência - mas, sim, uma pauta de justiça social, em uma pauta de realidade social, onde a gente vai ver leis novas, transformações de comportamento, adoção de outras realidades que já incluam essa pauta”.

A expectativa é que as distorções ainda presentes na sociedade atual possam ser corrigidas ao longo de pouco tempo.

Direitos LGBTQIAPNB+

Criado em 2013, o Fórum de Empresas e Direitos LGBT-QIAPNB+ atua com 170 empresas de diferentes setores, impactando em mais de 1,5 milhão de profissionais. A partir da denominada agenda “10 Compromissos das Empresas com a Promoção dos Direitos LGBTI+ (as novas letras da sigla foram acrescentadas anos depois)”, o movimento busca construir melhores práticas em harmonia com estra-

tégias de ESG, onde empresas buscam mudanças e melhorias para toda a sigla.

“Estamos em constante trabalho para quebrar fronteiras e avançar na promoção dos direitos humanos LGBTQIAPNB+ dentro das empresas e fora delas. Precisamos avançar no mapeamento de quesitos voltados às pessoas da comunidade e de realização de pesquisas”, comentou Reinaldo Bulgarelli, secretário executivo do Fórum de Empre-

sas e Direitos LGBTQIAPNB+.

De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa Great Place To Work, um ambiente de trabalho mais diverso pode apresentar maior crescimento de receita, além de uma retenção de talentos 5,4 vezes maior. Os estudos mostram que as vagas afirmativas e os recursos humanos podem ser um agente de inclusão social por meio de processos seletivos voltados para a diversidade.

ECOSSISTEMA

Campina vai ganhar *hub* de inovação

Encontro une agentes e empresários de instituições públicas e privadas em prol do desenvolvimento da cidade

Renato Félix
Assessoria Seeties

Ecossistema, segundo o dicionário Michaelis, é um “sistema formado por um meio natural e pela comunidade de organismos animais e vegetais, assim como as interrelações entre ambos”. Esse termo usado na biologia ganhou um significado metafórico em uma área bem diferente: são os ecossistemas de inovação, redes que unem órgãos de governos, entidades de ensino e empresários de uma determinada região, todos em busca por criar um ambiente que propicie o desenvolvimento de empresas que lidam com a inovação e que isso leve ao desenvolvimento econômico e social dos locais em que atuam. Na última quinta-feira, vários desses agentes estiveram reunidos em Campina Grande em um encontro que teve por objetivo modular ações para o estímulo desse ambiente de inovação na cidade. O encontro aconteceu no Sebrae Lab, no bairro do Catolé, em Campina.

O secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, a coordenadora do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, Francilene Garcia, e a coordenadora de Empreendedorismo e Inovação da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), Layse Sobreira Bento, participaram do evento.

À plateia de empresários e representantes de órgãos públicos, o consultor do Sebrae Marcos Suassuna falou, principalmente, sobre a necessidade de ação coordenada e com um propósito em comum, que é causar impacto positivo no desenvolvimento econômico e social da região de Campina Grande. “Como é que a gente discute ou implementa objetivos para um ecossistema se cada um tem seus objetivos independentes?”, perguntou ele. “A gente



O secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado (E), e o consultor do Sebrae, Marcos Suassuna (D), participaram do evento



Fotos: Mateus Medeiros

precisa trabalhar de formas a entender que está fazendo um trabalho coletivo e cooperado pelo ecossistema. A gente não está aqui desenvolvendo A, B, C ou D. A gente está desenvolvendo nossas ações para implementar o ecossistema. E o modelo de organização que a gente compreende que é mais fácil e mais interessante e adequado para a gente desenvolver isso é o modelo de *hub*”.

Essa expressão, “*hub*”, no caso, também é uma metáfora. A palavra original inglesa define algo que está no centro de alguma coisa ou de alguma atividade intensa. Na computação, é uma peça que transfere dados entre equipamentos. Nesse ambiente de mercado, é a reunião desse grupo de empresas e instituições.

“A gente está falando de *hub* de inovação de Cam-

“
Se você olhar para cidades do tamanho de Campina em número de habitantes, aqui o percentual da população que faz parte desse polo de inovação é grande

Claudio Furtado

pina Grande’ no sentido de uma organização composta por elementos do ecossistema para a implementação daquilo que diz respeito coletivamente ao desenvolvimento econômico sustentável do ecossistema”, definiu Suassuna. Os encontros debateram as aspirações dos envolvidos, procurou definir um propósito comum, um modelo de negócios e, finalmente, ações a curto prazo.

“Na medida em que a gente tem esse grupo cada vez mais consolidado, mais dinamicidade a gente dá ao ecossistema de inovação. Isso é fato”, afirma o consultor. “Muitos ecossistemas têm problemas porque as relações são frágeis. São ‘ecossistemas’. Na medida em que vamos implementando essas ações, com essa organização, vamos con-

tribuir com um nível de maturidade nas relações”.

“Ter participado da implementação do *hub* de inovação em Campina Grande foi um momento enriquecedor”, comentou depois a representante da Fapesq-PB. “Foi possível, junto com atores locais, traçarmos objetivos e ações para que possa ser consolidado esse ambiente de inovação que tanto a cidade e o estado precisam. Através de atividades de construção coletiva foi possível principalmente detectar as possíveis dificuldades e como nós poderíamos construir esse ambiente. Nos próximos meses já devemos ter algumas ações consolidadas, para que o *hub* de inovação possa sair do papel e de fato virar uma realidade”.

A tradição de Campina na área da inovação provoca um

bom prognóstico. “Se você olhar para cidades do tamanho de Campina em número de habitantes, aqui o percentual da população que faz parte desse polo de inovação é grande. São estudantes ou pesquisadores, empreendedores...”, analisa Claudio Furtado. O que você tem em Campina é um ecossistema praticamente já estabelecido: tem um parque tecnológico que é um dos mais antigos do Brasil, a presença das instituições públicas de ensino superior, Fiep, sistema S... Agora é potencializar cada vez mais. Houve um tempo em que as ações começaram a ficar isoladas e hoje é importante, com a ação do Governo do Estado e com essa criação do *hub*, juntar os atores para que essa força possa ser potencializada”.

Parque Tecnológico tem ações que se estendem para todo o estado

O Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, embora tenha sede física em João Pessoa, tem ações que se estendem para todo o estado, por isso a presença no evento. “Desde a criação do programa, no início do primeiro mandato do governador João Azevêdo, a ideia já era trabalhar em todas as áreas geográficas do estado que têm vocação para ser ecossistema de inovação”, conta Francilene Garcia. “É natural que o nosso ambiente também possa convergir com iniciativas onde o Governo do Estado atue num ecossistema mais antigo como é o caso de Campina Grande. E acompanhe o nascimento de outros ecossiste-

mas em outras regiões do interior do estado, como é o caso de Sousa”.

Ela lembra que o programa desde o nascedouro já tem como missão agregar novas iniciativas e consolidar iniciativas existentes. “E, mais do que tudo, olhar de forma mais sistemática para as iniciativas do empreendedorismo inovador no nosso estado, o diálogo dessas iniciativas e das ICTs com as áreas estratégicas vocacionadas”.

O edital Conectando Startups, segundo ela, é uma demonstração dessa postura institucional. “O edital, pela primeira vez no estado, trouxe uma chamada de subvenção econômica para empresas em duas cadeias

importantes: a educação e o turismo sustentável”, conta. “Essas *startups* têm uma presença mais densa em João Pessoa e Campina Grande, mas elas estão espalhadas pelo estado. E mais do que isso; o resultado do apoio que nós estamos dando nesse edital a essas empresas será importante para a evolução nas áreas da educação e turismo em qualquer região do estado”.

“Então o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação tem essa missão de somar, agregar ao conjunto de instituições que já vêm atuando e trazer muito provavelmente algumas iniciativas inovadoras ainda inexistentes no estado”, continua ela.

Ecossistema forte em setores específicos da economia de Sousa

Para Claudio Furtado, o papel do Estado é o de ser um catalizador para fazer a ação acontecer. “Com financiamento, com apoio, criando ambientes de inovação para que esse ecossistema possa ser desenvolvido”, explica. “A ideia do governo é justamente essa: servir como cola do *reding*’ – como diz o Marcos Suassuna, nessa tradução que faz de *networking*’ – para que essa conexão ocorra”.

Suassuna apresentou essa série de encontros de modulação em João Pessoa, Campina Grande e em Sousa

■
Suassuna apresentou essa série de encontros de modulação em João Pessoa, Campina Grande e em Sousa

rentes. Há problemas diferentes para serem resolvidos, e também inovação em áreas diferentes”, conta Furtado. “Em Sousa, você vê um ecossistema forte em alguns setores específicos da economia. Há Tecnologia da Informação (TI), claro, mas tem uma indústria alimentícia muito forte, um polo turístico forte por causa do Vale dos Dinosaurios, o bioma caatinga e as energias renováveis. E a presença dos mesmos órgãos que a gente já mencionou. Cada um dando uma contribuição dentro do seu perfil”.

Ele afirma que outros polos devem surgir no estado. “Outros *hubs* em outras áreas devem surgir e devem ser trabalhados e implantados com o passar do tempo”, diz.

ILHAS DE CALOR

Arborização versus urbanização

Capital possui mais de 30% de área com cobertura vegetal. Especialistas criticam desequilíbrio do verde entre bairros

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Mesmo sendo detentora de títulos como “Cidade das Acácias” e possuir um Jardim Botânico incrustado em pleno coração da cidade, João Pessoa é uma capital que ainda apresenta vias públicas que são verdadeiros corredores de asfalto e concreto. Alguns dos exemplos estão nas avenidas Flávio Ribeiro Coutinho (Retão de Manaíra), Josefa Taveira, Cruz das Armas, e na Rua Walfredo Macedo Brandão (principal dos Bancários). Segundo especialistas da área ambiental, o problema está na má distribuição de árvores no perímetro urbano, prática que precisa ser revista para que os benefícios da arborização sejam aproveitados de forma igualitária.

O professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Joel Silva dos Santos, concorda que João Pessoa é considerada uma das cidades mais verdes do país, no entanto, há uma distribuição desigual da arborização nos bairros. “Temos uma boa relação do número de árvores por habitante, mas há uma má distribuição do verde. Temos umas áreas arborizadas e outras com infraestrutura cinza”, destacou.

Segundo ele, há a necessidade de um planejamento mais equilibrado e sustentável. Um dos motivos é o próprio contexto mundial, em que a cada ano os termômetros marcam uma temperatura mais elevada em todo o globo. As árvores têm influência nesse processo de sensação térmica. “O aumento das áreas verdes vai tornar essas cidades mais resilientes a possíveis mudanças climáticas. Além disso, a arborização melhora a qualidade do ar, de ruídos, ameniza as altas temperaturas e possibilita ambientes de socialização”, frisou.

Joel Santos explicou que o processo de urbanização no Brasil ocorreu sob a perspectiva de uma “infraestrutura cinza”, plena de asfalto e concreto. E com o problema do aquecimento global, países da Europa já defendem um trabalho de engenharia e arquitetura urbana bem diferente, com o olhar voltado à infraestrutura verde.

A bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas afirmou que a iniciativa de plantar espécies arbóreas nas zonas urbanas é indispensável para a qualidade de vida da população e o equilíbrio ecológico. Entre os benefícios para os cidadãos ela citou a purificação do ambiente por meio da reciclagem de gases que ocorre via mecanismos fotossintéticos e também pela fixação de poeira e gases tóxicos presentes no ar.

O verde distribuído pelas ruas melhora o micro-

clima, pois retém a umidade do solo e do ar por meio do sombreamento. Isso evita que os raios solares incidam diretamente sobre as pessoas. “Ainda influencia no balanço hídrico, favorecendo infiltração da água no solo, provocando uma evapotranspiração mais lenta, podendo formar os lençóis freáticos. Ainda controla enchentes e inundações à medida que drena as águas pluviais, evitando doenças à população veiculadas por águas contaminadas”.

Anne Falcão ressaltou que áreas arborizadas são capazes de atenuar problemas de erosão e assoreamento, que afligem a população por meio de deslizamentos e desabamento de residências. Sem falar, que as espécies arbóreas ainda servem de abrigo à fauna, propiciando uma variedade maior de espécies, consequentemente, influenciando positivamente para um maior equilíbrio das cadeias alimentares, de pragas e agentes vetores de doenças urbanas. “Vale lembrar que a arborização traz bem-estar físico e psíquico ao homem, por deixar o ambiente mais agradável visualmente”, concluiu Anne.

O professor Joel Santos enfocou que as áreas não arborizadas trariam, portanto, reflexos negativos em vários aspectos da vida animal e humana. Esses impactos vão desde a poluição do ar, o aumento da temperatura, maior efeito de impermeabilização do solo, bem como perda da biodiversidade e desconforto visual. “Então, a gente só tem a perder com a ausência dessas áreas verdes. Sem elas, a gente também não teria ambientes adequados de convivência entre as pessoas. São vários impactos negativos”, enfocou Santos.

Déficit

João Pessoa possui uma distribuição desigual de arborização nos bairros, segundo o professor do Departamento de Geociências da UFPB, Joel Santos



Falta de árvores tem sido registrada também nos principais corredores



Fotos: Evandro Pereira

João Pessoa tem cerca de 200 mil árvores viárias

O engenheiro agrônomo e diretor de Controle Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam), Anderson Fontes, destacou que João Pessoa é considerada uma cidade “bastante verde”, já que mais de 30% de seu território tem cobertura vegetal, destacando-se as unidades de conservação, praças e parques. Nesse contexto estão as árvores urbanas viárias. “Que são as espécies presentes nas calçadas, praças e canteiros centrais”, afirmou. Segundo ele, a estimativa é de que estejam distribuídas nas cerca de oito mil ruas da capital, aproximadamente, 200 mil árvores viárias de pequeno, médio e grande porte.

“Não temos ainda um inventário geral quantitativo, mas um pré-inventário que foi realizado aponta para em torno de 2% das ruas do município. E a gente vê que temos um limite bom de árvores”, enfocou. Ele afirmou que a prefeitura tem ações de incentivo ao plantio de mudas nas vias públicas como o “Rua Verde”.

Nas ruas em que o passeio público não comporta árvores, por causa do padrão das calçadas, como a Josefa Taveira e a principal dos Bancários, Anderson Fontes citou que está se discutindo com os moradores a plantação de espécies arbóreas no recuo da casa ou área de jardinagem. “Seria uma árvore de médio porte que tenha condições de se desenvolver e socializar essa questão ecológica e ambiental.”

Um fato relevante, segundo ele, é que no trabalho da gestão municipal há uma orientação do tipo adequado da espécie a ser plantada no espaço público, uma vez que algumas podem danificar o calçamento, os imó-

veis e trazer danos à rede elétrica. “A prefeitura tem esse padrão, desenvolve técnicas, metodologias de plantio correto, a começar do plantio de mudas para os 76 bairros do município. Sabemos a muda mais adequada para cada zona da cidade considerando a incidência solar, ventilação e solo da área.”

Ele explicou que durante o processo de crescimento de João Pessoa, não houve uma preocupação com o planejamento arbóreo. Somente a partir da década de 1940 houve uma maior preocupação de se tentar disciplinar o tipo de árvore adequado a cada área pública. Um exemplo foi o planejamento de uma das principais avenidas da cidade, como a Epitácio Pessoa.

Nos anos subsequentes, segundo Anderson Fontes, vieram alguns modismos de se adotar mudas inadequadas à área urbana. Na década de 1970, surgiu a prática de se permitir plantar árvores frutíferas como jambeiros nas calçadas. Nos anos 1990, Anderson contou que intensificou-se o plantio de árvores de crescimento mais rápido, como a “Ficus benjamina”, no entanto, nem todas elas eram apropriadas às áreas pavimentadas.

Nos anos 2000, com a criação da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e com o Código Municipal do Meio Ambiente, foi posto em prática, de forma mais efetiva, o planejamento arbóreo. Então, as pessoas foram cultivando nas vias públicas espécies que não danificavam imóveis, calçadas, nem traziam impacto à rede elétrica. “Não se planta hoje ‘o plantar por plantar’, mas árvores que tragam benefício para o cidadão”, declarou Anderson Fontes.



Foto: Arquivo pessoal

Não se planta hoje ‘o plantar por plantar’, mas árvores que tragam benefício

Anderson Fontes



Foto: Arquivo pessoal

Observamos, durante pesquisa, a existência de ilhas de calor em João Pessoa

Anne Falcão



Foto: Arquivo pessoal

A remoção de cobertura vegetal impacta em altas temperaturas

Joel Santos

Ilhas de calor podem provocar variação de até 6°C entre bairros de JP

Além de impactar na qualidade do ar, na biodiversidade animal, saúde do homem e erosão do solo, a falta de arborização nos centros urbanos formam as chamadas “ilhas de calor”. Segundo o professor do Departamento de Geociências da UFPB, Joel Silva dos Santos, a literatura clássica define esse fenômeno como sendo “as diferenças de temperatura entre as áreas urbanas e rurais”. No entanto, há as chamadas ilhas de calor “intraurbanas”. Estas têm relação direta com a carência de espécies arbóreas dentro das zonas urbanizadas, podendo resultar em uma variação térmica de até 6°C entre bairros de uma mesma cidade.

Essa constatação foi feita em um estudo que o professor Joel Santos realizou na UFPB em 2011. “As ilhas de calor intraurbanas consistem na formação de microclimas ou bolsões de temperaturas mais elevadas dentro da própria cidade. Nesse estudo que realizei, detectamos que os bairros mais urbanizados da capital - como Manaíra, Bessa, Cabo Branco e Bancários, apresentaram altas temperaturas devido à remoção da cobertura vegetal. Enquanto bairros com maior arborização ou próximos às reservas florestais, como a Mata do Buraquinho, apresentaram temperaturas mais amenas”, enfocou Joel.

De acordo com ele, a pesquisa mostrou uma diferença de temperatura de 5°C a 6°C na comparação entre bairros mais verdes, como os próximos da Mata do Buraquinho, e outros considerados mais “cinzas”, a exemplo de Manaíra, permeado de concreto. “Então, a ausência da cobertura vegetal potencializa essas ilhas de calor”, declarou.

A pesquisa feita por Joel Santos foi intitulada “Estudo do Clima urbano em João Pessoa/PB”. Outros projetos que ele também participou trouxeram informações que corroboraram com os dados do estudo feito em 2011. Em 2019, por exemplo, o professor Joel orientou o trabalho de doutorado da bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas intitulado “Clima Urbano e sua relação com as arboviroses de dengue, zika e chikungunya em JP”. “Nessa pesquisa, também se observou a existência das ilhas de calor na capital paraibana”, salientou Santos.

A bióloga e ecóloga Anne Falcão de Freitas comentou que esse fenômeno microclimático ocorre porque os raios solares, que atingem a superfície construída, se acumulam, tornando difícil a dissipação do calor. Dessa forma, há a elevação da temperatura do local e a formação das ilhas de calor. “Ainda é importante ressaltar que a falta de vegetação no ambiente urbano diminui a capacidade refletora dos raios solares, e reduz a quantidade de evaporação no ar e, consequentemente, de vapor de água na atmosfera”, acrescentou Anne.



A partir dos cinco anos, as crianças começam a desenvolver as suas habilidades no futebol pelo Clube Recreativo Angelim

FUTEBOL EM SOUSA

Projeto impulsiona sonhos de garotos

Tiquinho, hoje no Botafogo-RJ, é produto do CRA, de Nildo Lima, que trabalha na formação de atletas para o Brasil

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

“N em nos meus melhores sonhos imaginei chegar onde cheguei. O futebol me frustrou em alguns momentos. Mas, foi através dele que consegui superar todas as adversidades inimagináveis, para ajudar a construir sonhos de outras pessoas” - O depoimento é de Nildo Lima, 45 anos, ex-atleta que alimentava o desejo de se tornar jogador profissional de futebol, mas que teve de abdicar de seus desejos, impedido pelas limitações físicas para, através de um projeto social, por meio do futebol, promover inclusão e impulsionar sonhos de jovens atletas no município de Sousa, Sertão do Estado, localizado à 430 km de João Pessoa.

O esporte é capaz de mover multidões e ligar pessoas de diferentes realidades. Nildo se aventurou na década de 90, onde foi jogador profissional de futebol e atuou vestindo a camisa do Sousa. Mas logo as lesões o impediram de seguir na carreira. Ali no final da década de 90 e início dos

anos 2000, ele saiu do interior das quatro linhas para iniciar um projeto que não mudaria apenas a sua vida, bem como, a realidade de jovens que viviam em situação de vulnerabilidade social.

O projeto intitulado de Clube Recreativo Angelim (CRA) vem, ao longo de 22 anos, funcionando como uma ferramenta que concilia esporte e educação, tendo como meta educar jovens, potencializar as suas qualidades e, posteriormente, direcioná-los para as categorias de base dos clubes de futebol do Brasil e até da Europa. Atualmente, as atividades contam com a presença de 400 atletas entre cinco e 17 anos, com aulas sendo realizadas de segunda a sábado na Arena EB7, em Sousa.

“O projeto é um sonho concretizado, tudo é oriundo de um trabalho que começou com dificuldades. Os frutos foram colhidos através de superações. Iniciamos esse trabalho há mais de 22 anos, quando eu era jogador profissional do Sousa. Tive algumas lesões que me impossibilitaram de seguir a carreira. Naquele momento, viver sem o cotidiano do futebol era algo que me deixava mal psico-

logicamente. Então, resolvi comprar bolas, coletes e tive a iniciativa de realizar um trabalho social com as crianças carentes do bairro Angelim. O nosso grande legado, ao longo desses anos, não é apenas a revelação de jovens atletas, mas sim saber que estamos contribuindo para a formação do cidadão”, revelou Nildo Lima.

E de fato, na prática, o CRA já deixa um legado capaz de evidenciá-lo como referência para jovens da região de Sousa que almejam seguir a carreira no futebol. Afinal, o projeto foi revelador de um personagem da “Terra do Vale dos Dinossauros” que vem fazendo sucesso no futebol nacional - Tiquinho Soares, atual artilheiro do Campeonato Brasileiro da Série A.

Antes de consolidar a sua carreira internacional e brilhar com a camisa 9 do Botafogo-RJ, Tiquinho já havia deixado as suas marcas no CRA, em 2001. Se no passado ele era apenas um anônimo, hoje, é referência para os jovens atletas e dono de uma amizade com Nildo Lima, que vem desde a infância.

“Nildo é muito mais que amigo, ele esteve comigo nos momentos bons e, principal-

mente, nos momentos ruins. Foi ele quem me incentivou no início de minha carreira, foi através do CRA que tive as minhas primeiras oportunidades no futebol e levo todos esses momentos em meu coração. Que Deus continue o abençoando, para que ele possa construir situações capazes de impulsionar a carreira de outros atletas”, disse Tiquinho Soares.

Apesar do sucesso de Tiquinho Soares, o caminho para se tornar jogador não é fácil e exige muito treino, dedicação e oportunidades, que nem sempre chegam para todos. O sonho de João Paulo, 10 anos, é compartilhado por todos os jovens que participam do projeto, inclusive, pelo seu pai que viaja pelo menos 136,8km de Triunfo a Sousa, movido pelo desejo de um dia vê o filho brilhar no futebol.

“Um sonho que se sonha junto pode se tornar realidade, estamos iniciando esse sonho hoje. Tenho planos de vir pelo menos uma vez durante a semana. Quem é pai sabe da satisfação de mover desafios em buscar o melhor para o filho, nada na vida se consegue sem sacrifícios”, comentou Expedito Saliomarques,

41 anos, funcionário público e pai de João Paulo.

Quem um dia já atuou no projeto, agora volta para dar continuidade a novos desejos. Thiago Dias, 20 anos, zagueiro que vai disputar o Campeonato Paraibano Sub-20 pelo Sousa, iniciou no CRA aos 17 anos e passou pelas categorias de base de grandes clubes do Nordeste. De volta ao futebol paraibano, ele quer agarrar a chance de disputar em 2024, a maior competição de futebol de base do país.

“O projeto me possibilitou a oportunidade de atuar nas categorias de base de grandes times do futebol nordestino, a exemplo do Sport-PE, Juazeirense-BA, ABC-RN e Ceará-CE. Retorno para tentar êxito na última chance que terei de buscar uma vaga para disputar a Copa São Paulo de Futebol Júnior, em 2024. A nossa maior referência como atleta é Tiquinho Soares, ele foi cria do projeto, todos aqui têm o desejo de ser um novo Tiquinho e construir uma carreira sólida no futebol”, falou.

O esporte assim como a vida dá a segunda chance para que possamos construir uma nova história. Nos sonhos dos 400 jovens que par-

ticipam do projeto CRA, alguns ficarão pelo caminho, outros serão alcançados com trajetórias diferentes, mas com uma meta em comum - vencer através do futebol. E foi dentro das quatro linhas que Nildo tentou brilhar. No entanto, foi fora delas, que ele deu os seus melhores dribles, marcou os seus mais lindos gols para conquistar o seu maior troféu e participar diretamente da idealização de sonhos de outros jovens.

“Não consegui vencer sozinho. Recordo do apoio de minha família, das pessoas que me deram um pão quando tinha fome, daquelas que me deram água quando tive sede e uma chuteira quando não tinha condições de comprar. Um jovem negro, de família humilde, que teve de enfrentar muitos problemas sociais desde a infância, que sonhou um dia ser jogador de futebol e teve de interromper a carreira por questões físicas. Mas o próprio futebol insistiu em me dar uma segunda chance. E foi através dele que consegui superar todas as adversidades para ajudar a construir sonhos de outras pessoas. Me sinto um profissional realizado”, concluiu.



João Paulo, de 10 anos, com o pai, Expedito Saliomarques, sonha em ser jogador profissional como outros garotos trabalhados por Nildo Lima, o responsável pelo descobrimento do craque Tiquinho



TIRO COM ARCO

Novo esporte para atletas deficientes

Modalidade está sendo inserida, através do Instituto dos Cegos, para pessoas com os mais diversos tipos de deficiência

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

O Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC), primeiro Centro de Referência Paradesportivo de João Pessoa, está iniciando os trabalhos com uma nova modalidade, o Tiro com Arco. O esporte paralímpico pode ser disputado por pessoas com amputações, paraplégicos e tetraplégicos, atletas com paralisia cerebral, doenças disfuncionais e progressivas como a atrofia muscular e escleroses, com disfunções nas articulações, problemas na coluna e múltiplas deficiências.

“Uma atleta chegou solicitando o espaço e trouxe outros atletas também interessados no esporte. A gente já conhecia a modalidade, estamos inserindo lá no centro e estamos montando a estrutura aos poucos, já pedimos materiais que estão pra chegar”, adiantou Fábio Vasconcelos, coordenador de esportes do ICPAC.

A atleta é Simone Matheus de Oliveira. A advogada de 43 anos, pratica o tiro com arco desde 2018. “Em 2011 entrei pras Forças Armadas (Exército) no quadro técnico temporário. Em 2013 sofri acidente em serviço, durante o estágio do Combate de Montanha com comprometimento imediato nas vértebras da coluna lombar”, explica. O esporte, em certo momento precisou ser parado por conta da saúde. “Em razão da saúde também foi que me mudei pra João Pessoa, em junho do ano passado. Em clima mais estável e com mais qualidade de vida, consegui estabilizar o quadro clínico e retomar as atividades no Programa Militar Paralímpico. Em dezembro do ano passado eu trouxe a proposta de continuidade dos treinamentos para o Centro de Referência do CPB”, detalhou.

A proposta foi aceita e Simone está focada. Pretende não só seguir firme no esporte, mas também recrutar outros praticantes. “Me preparar com cursos e fomentar a modalidade na cidade principalmente para pessoas com

Foto: Arquivo pessoal



Simone Matheus tem o comprometimento da coluna lombar, mas pratica o esporte desde 2018

deficiência que, como eu, poderão ter no esporte adaptado e bem direcionado uma complementação da reabilitação de saúde e, certamente, uma ressignificação de vida e carreira”.

As aulas no ICPAC terão a parceria do Clube Xtreme e serão ministradas pelo instrutor, educador físico e vice-presidente da Federação Paraibana de Tiro com Arco, Daniel Gomide. Os horários ainda estão sendo avaliados pelo instituto, mas os interessados já podem entrar em contato pelo (83) 99102 0610. Para quem encontrou motivação no esporte, o significado da vitória é outro, e a vontade é compartilhar. “Hoje minha medalha é permitir que outras pessoas com deficiência, que estão sem direção, tomadas pela depressão, pela angústia e achando que a vida acabou... mostrar a essas pessoas que sempre existe um novo caminho. Se não pra profissionalizar, para interagir, socializar. O esporte me tirou da depressão, abriu meus horizontes. Me mostrou que apesar das adversidades da vida, somos sempre adaptáveis”.

“

Uma atleta chegou solicitando o espaço e trouxe outros atletas também interessados no esporte e já estamos montando a estrutura

Fábio Vasconcelos

EM VÁRIAS MODALIDADES

Inscrições para a Volta Ciclística de João Pessoa continuam

A Volta Ciclística de João Pessoa|Cannondale 2023, maior festival de ciclismo do Nordeste, acontece no dia 16 de julho, no Centro de Convenções. Com a expectativa de reunir cerca de 800 participantes, o evento terá três modalidades de competição: MTB, Speed e Kids.

O maior festival de ciclismo do Nordeste é direcionado a entusiastas da modalidade esportiva e tem o objetivo de aproximar os participantes da experiência de uma competição profissional de ciclismo. Além disso, tem a proposta de envolver cada vez mais a população pessoense, fomentando o esporte e a saúde e também estimulando o turismo da cidade.

A categoria MTB, sigla para Mountain Bike, terá um percurso de 36 quilômetros. Serão três voltas, saindo do Centro de Convenções, seguindo até a Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura e Artes e voltando ao Centro de Convenções. A modalidade Speed terá 48 quilômetros no mesmo percurso. Já a categoria Kids terá duas voltas dentro do Centro de Convenções.

Quem se interessar em participar é só realizar inscrição no site da competição: www.voltaciclisticajoaoapes-

soa.com.br. Os valores de inscrição por categoria são os seguintes:

Adulto - Kit Gold - R\$ 160 (com camisa), Kit Básico - R\$ 110 (sem camisa); Kids - Kit Gold - R\$ 100 (com camisa) e Kit Básico - R\$ 40 (sem camisa). Serão premiados com troféu e possivelmente brindes dos patrocinadores os cinco primeiros (1º a 5º)

colocados da categoria Elite - Masculino/Feminino, da modalidade Speed; os cinco primeiros (1º a 5º) colocados da categoria Elite - Masculino/Feminino, da modalidade MTB. O primeiro (1º) colocado das categorias Speed/MTB - Masculina e Feminina - receberá a camisa amarela do evento e também sua inscrição para

próxima edição, tem por obrigação tirar a foto oficial do evento com a mesma vestida; e os 25 primeiros colocados das categorias Speed/MTB - Masculina e Feminina receberão uma medalha especial, formando os Top 25 de cada modalidade, sempre do 1º lugar ao 25º lugar. Na classificação das categorias por idade para

os cinco primeiros (1º a 5º) Masculino/Feminino, nas modalidades MTB e Speed.

A concentração e largadas será a partir das 6h no Centro de Convenções de João Pessoa, Rodovia PB-008, Km - Polo Turístico Cabo Branco. A categoria Speed larga às 6h, a Kids às 7h50 e a MTB às 8h10.



Foto: Divulgação/Felipe Velez

O Centro de Convenções será o ponto de partida e chegada das três categorias do grande evento de ciclismo em João Pessoa, programado para julho

ARBITRAGEM

CBF avalia mudanças como positivas

Novas orientações da Fifa garantiram ao Brasileirão acréscimos maiores e amarelos bem mais criteriosos

Agência Estado

O Campeonato Brasileiro deste ano é a primeira competição em nível nacional a adotar novos critérios de arbitragem da International Football Association Board (Ifab), da Fifa e da própria CBF. No início deste ano, a entidade estimulou que o quadro fosse mais combativo na reclamação de jogadores e comissão técnica no campo de jogo. Indicou também que a arbitragem fosse mais generosa nos acréscimos, compensando paradas para, além de atendimento médico e substituições, comemorações dos gols.

Essas novidades já eram tendência na última Copa do Mundo, disputada no Catar. A competição foi o primeiro Mundial a adotar punições com cartões vermelhos e amarelos à comissão técnica e ditou a “moda” que segue no Brasileirão deste ano: longos períodos de acréscimos ao final de cada tempo.

De acordo com levantamento do Estádio, completada a nona rodada do Campeonato Brasileiro, cerca de 13 minutos a mais são acrescidos em média ao tempo de jogo. Isso equivale a 15% do tempo total do jogo. Wilton Pereira Sampaio e Raphael Claus, árbitros brasileiros que atuaram no Catar, crescem 10 e 12 minutos, em média.

A cada súmula, disponibilizadas na íntegra no site oficial da CBF, os árbitros apontam quais foram os principais pontos que determinaram o acréscimo no tempo de jogo. Wilson Seneme, chefe da comissão de arbitragem, afirmou ao Estádio que a entidade enxerga com bons olhos esses parâmetros adotados a partir deste ano. De acordo com ele, o futebol brasileiro passa a estar alinhado com as tendências da Fifa.

“Estamos super felizes com o que os árbitros têm feito, e que é uma estratégia nossa. Posso garantir que o Brasil, juntamente com a Fifa, é um dos poucos países que coloca esse tipo de instrução na prática, ou seja, um acréscimo elevado, de acordo com a perda de tempo que os jogadores têm. Isso tem sido algo positivo no futebol brasileiro e, o mais interessante, em todas as divisões e em todas as categorias”, afirma.

Seneme esteve presente no último Mundial, in loco, por ser membro da comissão de arbitragem da entidade máxima do futebol. “Nós vimos acréscimos de seis, sete, oito, até 10 minutos, tanto na Série A do Campeonato Brasileiro quanto nos jogos da Série D, por exemplo. Isso é muito importante porque é uma instrução universal”, continua.

O tempo de jogo é uma questão importante para a Fifa e a Ifab há tempos. Neste ano, em reunião, foi



Foto: Matheus Guerra/CBF

De acordo com Wilson Seneme, diretor de árbitros da CBF, a entidade passa a estar mais alinhada com as decisões emanadas da Fifa, que foram sucesso na Copa 2022

discutida a possibilidade de acabar com os 90 minutos do tempo regulamentar e a possibilidade de o relógio parar quando a bola sair de campo, a exemplo de outras modalidades, como o basquete. As medidas não foram adotadas, mas seguem como possibilidade para o futuro.

Manoel Serapião Filho, ex-árbitro da Fifa e autor do projeto VAR, adotado pela Fifa na última década, é um dos críticos desse modelo de acréscimo adotado atualmente. “Uma coisa é contabilizar momentos de clara paralisação do jogo. Outra é medir coisas pequenas, como tempo de cobrança de tiro de meta ou lateral. Isso fere a essência do futebol e transforma o árbitro em contabilista”, afirma, ao Estádio.

O tempo de comemoração de gols passou a ser um critério para o acréscimo no tempo do jogo a partir desta temporada. Foi determinado na última reunião entre Ifab e Fifa. A partir da próxima temporada europeia, 2023/2024, os árbitros deverão ter isso em mente na adoção dos acréscimos. No Brasil, a medida já está em vigor desde o início do Brasileirão.

“Se os jogadores comemorarem dentro da própria essência do jogo, não exagerarem, não há necessidade de crescer este tempo ao final da partida”, pontua Serapião. Não é raro observar mais de 10 minutos acrescidos ao fim de cada tempo nas partidas do Brasileirão. O recorde até a nona rodada em um só tempo foi a partida entre Cruzeiro e Fluminense, em que o árbitro Flávio Rodrigues de Souza acresceu 14 minutos na segunda etapa.

Essa tendência da Fifa se mostra na média dos árbitros do Brasileirão. Paulo Cesar Zanovelli, Edina Alves e Anderson Daronco, todos com licença da CBF, são os três que mais cresceram tempo ao final de cada etapa - entre 14 e 15 minutos, em média.

Maior sintonia entre o árbitro e o VAR

Adotado pela Fifa no Mundial de 2018, o VAR foi testado pela CBF na Copa do Brasil do mesmo ano e, a partir da temporada seguinte, utilizado à exaustão no Campeonato Brasileiro. Serapião, autor do projeto que foi adotado pela entidade máxima do esporte, não previa o recurso do monitor no campo de jogo para que a arbitragem fosse capaz de revisar os lances com o recurso das câmeras de vídeo.

“A adoção do monitor criou um ‘elefante branco’ ao meu ver porque diverge do conceito de erro claro da arbitragem. O VAR passou a chamar o árbitro para rever lances em que é necessário uma interpretação, sendo que esse não é o conceito original”, afirma Serapião.

Vale ressaltar que houve uma redução no tempo que o VAR leva para realizar as checagens de vídeo. Seneme destaca a evolução da operação das cabines de vídeo. “Os avanços do VAR são muito claros e os números repre-

sentam isso. Não houve uma mudança de perfil ou de regra do jogo e, sim, pelo bom entendimento do critério de correta linha de intervenção que o VAR deve exercer sobre o jogo.”

Um dos planos da comissão de arbitragem da CBF foi designar árbitros específicos e exclusivos para a operação do VAR. Wagner Reway, por exemplo, é um dos nomes que deixou o campo de jogo para se concentrar exclusivamente no recurso de vídeo. “Antes havia uma rotatividade muito grande, o que acabava não desenvolvendo profundamente todos os árbitros. Hoje, temos um grupo reduzido, porém, muito mais especializado no trabalho de VAR e isso tem dado uma qualidade melhor neste ano”, destaca Seneme.

“Alcançamos uma interpretação melhor das jogadas. Isso faz com que essas ferramentas de treinamento com jogadores, de simulações com o VAR,

nos dê uma prática maior. Entendemos que saímos da teoria e hoje temos árbitros muito mais práticos do que teóricos.” Novos árbitros, ainda obtendo experiência no Brasileirão, foram lançados por Seneme. Ex-árbitros, ouvidos pela reportagem do Estádio, destacam como um ponto positivo da liderança de Seneme.

Até a nona rodada, 22 juízes diferentes apitaram os 90 jogos da Série A - uma média de um juiz a cada quatro partidas. Braulio da Silva Machado, árbitro Fifa, foi o que mais trabalhou neste início de Brasileirão, tendo arbitrado oito partidas. Rafael Rodrigo Klein e Raphael Claus ficam logo atrás, com sete jogos cada.



Foto: Matheus Guerra/CBF

Os árbitros estão mais atentos aos lances durante os jogos

Revisões agora são mostradas nos telões

Novidade para este ano, as revisões do árbitro de vídeo passaram a ser anunciadas nos alto-falantes e telões do estádio. É uma forma encontrada pela entidade para solucionar e clarificar a atuação do VAR e da arbitragem no País. De acordo com fontes ouvidas pela reportagem, é reflexo de uma tendência da CBF de proteger seu corpo de árbitros, desde que Leonardo Gaciba foi chefe da comissão.

“A transparência é a chave. Quanto mais nós demonstrarmos transparência para o público em geral, maior vai ser a credibilidade que iremos obter. Todos os recursos que temos utilizado, em nenhuma parte do mundo, nem mesmo na Fifa, acontece da forma como fazemos”, ressalta Seneme.

Lances polêmicos de cada rodada são revisados no programa “Papão de Arbitragem” por Seneme e postados, com a análise do chefe da comissão, nos

canais oficiais da entidade. Também são reveladas conversas entre a cabine do VAR e o árbitro de campo,

“Quando a Fifa nos permitir, queremos que as decisões sejam tomadas pelos árbitros ao vivo nos estádios”
Seneme

para entender como se deu o diálogo na revisão de lances polêmicos na partida.

“Ele tem o sentido didático de demonstrar a correta interpretação que vem da Fifa das regras do jogo, os áudios públicos. Quando a Fifa nos permitir, queremos que as decisões sejam tomadas pelos árbitros ao vivo nos estádios, com os áudios ao vivo. Tudo que for para dar mais transparência e humanizar a atividade dos árbitros, vamos fazer”, afirma Seneme.

Na maioria das vezes, há um consenso entre as partes - comissão de arbitragem e revisão do VAR. “Há uma ideia, muito clara com Gaciba, de preservar o árbitro. Nomes de peso, como os de Daronco, Claus e Wilton Pereira Sampaio, não serão punidos por erros pontuais, mas em outros casos a CBF deve chamar os árbitros para instruí-los, mas preservando seu trabalho”, destaca Serapião.

Cartões amarelos e faltas
No início do Brasileirão, os árbitros foram instruídos a serem mais punitivos com reclamações de jogadores e comissão técnica nos jogos. Dos 10 árbitros que mais apitaram partidas neste ano, Paulo Cesar Zanovelli da Silva é o que mais aplica cartões amarelos a cada partida (média de 7,6 por jogo). Em número de faltas por jogo, três árbitros ficam empatados. Bruno Arleu de Araújo, Rafael Rodrigo Klein e Braulio da Silva Machado. Destes, Braulio é o único com licença da Fifa.

O clássico entre Atlético-MG e Cruzeiro, no último dia 3, foi o que registrou o maior número de cartões (12). Sávio Pereira Sampaio ficou responsável pela arbitragem em campo. O árbitro apitou outros quatro jogos, além do clássico mineiro.

BRASILEIRO DA SÉRIE D

Sousa enfrenta o Potiguar no Marizão

Dinossauro buscar manter os 100% de aproveitamento em casa; já o Nacional joga em Ceará-Mirim contra o Globo

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Depois de ter sofrido a sua 4ª derrota como visitante na disputa do Campeonato Brasileiro da Série D, no último meio de semana para o Iguatu-CE por 2 a 1, o Sousa retoma, hoje, a briga pela permanência no grupo 3. O Dinossauro recebe o Potiguar-RN, a partir das 16h, no Estádio Marizão, em Sousa, pela sequência da rodada 9.

Apesar da derrota na última rodada, o clube ainda permanece dentro da zona do G4 com 12 pontos conquistados. O time tem na cola o próprio Potiguar-RN e o Campinense-PB, ambos com 11 pontos, e para garantir sua permanência terá que ficar entre os quatro primeiros colocados ao fim da rodada, para dar sequência aos 100% de aproveitamento jogando como mandante. O alviverde venceu todas as três partidas que disputou em casa pelo campeonato e terá uma sequência de dois jogos no Marizão, contra Potiguar-RN e Santa Cruz-PE, para consolidar a sua posição na tabela de classificação.

“A nossa equipe tem encontrado dificuldades nos jogos fora de casa, e Série D é uma competição que



O Nacional de Patos volta a jogar fora de seus domínios, depois de ter vencido o Pacajus na rodada anterior, no José Cavalcanti

exige equilíbrio. Em se tratando dos jogos como mandante temos tido um bom aproveitamento e na sequência desses próximos dois jogos no Marizão vamos buscar seis pontos para continuarmos vivos

na luta pela classificação”, pontuou o treinador Renatinho Potiguar.

Outra equipe paraibana que tem aproveitado bem o fator casa é o Nacional. O clube patoense conquistou 13 dos 15 pontos que

disputou no Estádio José Cavalcanti, em Patos, mesma pontuação que soma na competição, isso porque não conseguiu pontuar nos três jogos como visitante, mesmo assim, continua na 3ª posição do grupo 3.

Hoje, o Canário continua a sua saga rumo à conquista de três pontos fora de Patos, quando passar a medir forças com o Globo-RN, a partir das 15h30, no Estádio Barretão, em Ceará-Mirim, Região Metropolitana

de Natal-RN, pela sequência da 9ª da competição nacional. O confronto entre Sousa e Potiguar-RN, terá um árbitro brasileiro no comando do apito, Marcello Ruda Neves Ramos da Costa. Os paraibanos Wladimir Cunha Mendes e Mateus Tcharles Rodrigues Marques, nas assistências, bem como, José de Arimatéia Freire da Silva como árbitro reserva, completam o quarteto.

Em Ceará-Mirim-RN, a mineira Francielly Fernanda Lima de Castro na arbitragem central e os potiguares Francisco de Assis da Hora e Edilene Freire da Silva nas assistências, além de Tarcísio Flores da Silva, completam o quarteto de arbitragem que vai comandar o duelo entre Globo-RN e Nacional-PB.

Botafogo e Náutico-PE

O Botafogo fecha os jogos do complemento da rodada 9 do Campeonato Brasileiro da Série C, amanhã, a partir das 20h, contra o Náutico-PE, no Estádio Almeidão, em João Pessoa. O alvinegro joga para se manter na zona de classificação da segunda vitória em casa e da reabilitação depois da derrota por 1 a 0 para o Volta Redonda-RJ na última rodada.

PENSOU ESPORTE,
LEMBROU TABAJARA
105,5 FM



MARKETING EPC

PROGRAMAÇÃO

Segunda
Microfone Aberto
20 às 22h

Terça a sexta
Tabajara Esportes
13 às 14h

Transmissões de Jogos AO VIVO

Um “general” das tradições

Propagador do folclore, João Emídio de Lucena, o Tenente Lucena, se destacou por suas ações nos campos da educação, da arte, da música e do serviço social na história recente da Paraíba

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

“General” das tradições nordestinas e propagador do folclore: foi assim que João Emídio de Lucena, ou apenas Tenente Lucena, se destacou por suas ações nos campos da educação, da arte, da música e do serviço social. E após a sua morte, ele ainda é lembrado pelas suas contribuições para a história da Paraíba, em especial para a cidade de João Pessoa.

Seu reconhecimento é resultado da sua busca pelas raízes históricas das manifestações artísticas da região Nordeste do Brasil, voltado a proteger e valorizar as culturas, em especial as tradições da cultura paraibana. Tenente Lucena é conhecido como um dos maiores folcloristas do país.

De acordo com a filha Iguatemy Lucena, ele incentivava os jovens a se dedicarem às tradições populares. “Foi a sua entrega ao estudo e divulgação do folclore que lhe rendeu o título de ‘general das tradições nordestinas’, dado pelo grande folclorista do Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo”, destaca.

João Emídio de Lucena nasceu em Campo Grande, Distrito do município de Itabaiana, no dia 6 de abril de 1912. Em São João do Sabugi, vilarejo do Rio Grande do Norte, passou sua infância, cresceu e partiu para a cidade de João Pessoa. Além dos seus pais, Josias Tobias de Lucena e Maria Eulália de Oliveira, a família contava com os irmãos Felismina, Ademar, José Emídio e Arnaud.

João Emídio frequentou a Escola Senador José Bernardo, em São João do Sabugi, onde concluiu o primário e, conforme Iguatemy, “guardando para sempre a lembrança da mestra Laura Saraiva de Moura, personalidade daquela escola do interior”. No ano de 1928, ingressou na Filarmônica Honório Maciel, em São João do Sabugi e deu início à sua vida de músico, incorporando a música como uma prática que o acompanharia para sempre.

Em 1933, chegou a João Pessoa e se apresentou voluntariamente ao 22º Batalhão de Caçadores (2º BC – hoje 15º Batalhão de Infantaria), onde realizou treinamentos preparatórios e passou a servir ao Exército na condição de músico militar. Em 1957 foi transferido para a reserva como segundo-tenente e passou a se dedicar intensamente às atividades culturais.

Devido às diferentes



Ilustração: Tônio

■ Tenente Lucena incentivava os jovens a se dedicarem às tradições populares e promoveu a criação de bandas filarmônicas

graduações que alcançou na hierarquia do Exército, João Emídio ficou conhecido primeiramente como Sargento Lucena e depois como Tenente Lucena, no entanto havia quem o chamasse apenas de João ou de Lucena.

Além das suas contribuições à cultura e ao folclore, Tenente Lucena tomou posse no cargo de diretor da Penitenciária Modelo, em João Pessoa, no dia 12 de dezembro de 1967, atendendo ao convite do então governador da Paraíba, João Agripino. Ainda na capital paraibana, ele teve participação na

criação da colônia de férias realizada pelo Grupamento de Engenharia, com a primeira edição em 1970 e repetida por vários anos consecutivos, devido ao êxito alcançado e a demanda dos pais para a continuidade do evento.

“Nos vários espaços sociais em que atuou, Tenente Lucena foi um militar, um músico e um educador de espírito aberto e moderno, que fez da música uma ferramenta, um meio, um objetivo, um método e um recurso para promover ações sociais, culturais e educacionais em toda a Paraíba”, destaca Iguatemy Lucena.

Após uma vida dedicada à cultura popular e ao folclore, Tenente Lucena morreu no dia 10 de julho de 1985, no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), em João Pessoa, com problemas de insuficiência cardíaca. Seu corpo foi velado com honras militares na capela do Hospital Santa Isabel e contou com homenagem dos escoteiros e amigos do folclore. Ele foi sepultado no Cemitério Senhor da Boa Sentença, na capital, no túmulo de número 134 que, por coincidência, indicava a mesma numeração da sua casa, no Bairro de Jaguaribe.

Vínculos comunitários sólidos e confiáveis marcaram sua história

Conforme Iguatemy Lucena, seu pai foi capaz de harmonizar seus sentimentos e sua prática ao estabelecer vínculos comunitários sólidos e confiáveis, atuando em prol dos “menores abandonados”, crianças órfãs e filhos de leprosos; de presidiários e deficientes, além de se dedicar ao movimento escoteiro, à formação de corais e bandas de música, ao folclore e à cultura popular. Em seu livro ‘Tenente Lucena: Legado de um educador social’, Iguatemy aponta que seu pai tinha uma maneira própria de se

relacionar e acolher as pessoas, de buscar soluções para reparar injustiças e decidir em prol dos interesses coletivos. Entre seus trabalhos sociais está a criação de uma banda de música cujos músicos eram surdos. Ele descobriu que isso seria possível ao ver uma apresentação da Tribo Indígena Papo Amarelo, de Cruz das Armas.

Ele percebeu que os três primeiros integrantes do grupo dançavam ritmicamente à frente do batuque da agremiação. Ele resolveu conversar e descobriu que eram surdos e acompanhavam o ritmo pela pulsação das batidas do batuque.

Iguatemy destaca ainda o pioneirismo do trabalho musical desenvolvido por Lucena junto aos internos da Colônia Juliano Moreira, iniciativa que antecedeu aos primeiros movimentos da chamada Luta

Manicomial, cujo objetivo era a defesa dos direitos humanos e o restauro da cidadania de homens e mulheres diagnosticados com transtornos mentais (os “loucos” ou “doidos”).

Outro local beneficiado foi o Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha, em João Pessoa. “Foi lá que ele desenvolveu o ensino da música e do canto, projetando os grupos artísticos formados pelos deficientes visuais, levando-os para fora do ambiente do Instituto e inserindo-os nas festividades e comemorações da sociedade local, da qual eles próprios eram excluídos”.

Ele ainda foi diretor do Pin-dobal, para onde eram levados crianças e adolescentes infratores. Nesse espaço, afastou aqueles que praticavam castigos violentos contra os jovens e implantou uma série de atividades, como o canto coral.

Lucena era um entusiasta e defensor do ensino da música

Tenente Lucena participou de diversas atividades no campo cultural e foi reconhecido por ser um entusiasta do ensino da música e defensor do papel do músico no desenvolvimento artístico e cultural. João Emídio era primo-segundo do sanfoneiro Sivuca.

Ele integrou o grupo de fundadores da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB) e, segundo Iguatemy, o pai tinha especial talento para perceber sons, formas e notas musicais. Em 1964, o então prefeito de João Pessoa, Domingos Mendonça Neto, convidou Lucena para constituir uma banda de música da cidade de João Pessoa. Assim, ele formou a Banda 5 de Agosto e foi o seu primeiro regente.

De 1965 a 1979, foi o presidente do Conselho Regional dos Músicos do Brasil na Paraíba, abraçando a causa dos músicos locais, os empoderando em relação a seus direitos profissionais. Até hoje ele é reconhecido o seu trabalho junto ao Coral do Abrigo Jesus de Nazaré, na década de 1950, na capital.

“Admirador do maestro Villa Lobos, Tenente Lucena tinha como uma das ações educativas preferidas os grupos de canto orfeônico, sendo ele responsável por criar esse tipo de atividade artística e atuar, como regente, junto a diversas instituições educacionais na Paraíba e em Pernambuco”.

Ele se aprofundou na compreensão das diversas

Atuação

Foi presidente do Conselho Regional dos Músicos do Brasil na Paraíba, quando abraçou a causa dos músicos locais na defesa aos seus direitos profissionais

expressões culturais tradicionais: nau catarineta, mamulengueiros, xaxado, coco de roda, entre outras manifestações folclóricas. Assim, em 1969, ele criou com os alunos do Sesc-PB o Grupo de Pesquisa e Demonstrações Folclóricas, que hoje leva o nome do seu fundador:

Por meio do Grupo de Pesquisas Folclóricas Terra Seca, fundado em 1978, preservou as tradições, usos e artes do povo nordestino, pesquisou e recriou danças populares, em contribuição ao folclore. Tenente Lucena ainda atuou nos filmes paraibanos ‘O salário da morte’, ‘Bagaceira’, ‘Fogo Morto’ e ‘A Canga’.

Ele também recebeu o título de Notório Saber da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), passando a integrar o corpo de professores universitários, lotado no Núcleo de Pesquisas Populares da UFPB (Nupo), onde promovia interface entre pesquisa-

dores e grupos de cultura popular do Nordeste.

Em julho de 1936, Lucena casou-se com Neusa Holanda de Lucena, com quem viveu por 49 anos. A criatividade do casal se revelou na escolha dos nomes dos filhos: Piragibe, Palmari, Potengi (ex-vereador), Neusa Maria, Perilo, Poty (que também foi músico), Periguari, Iguatemy Maria (que escreveu o livro sobre a história do pai) e Ierecê Maria.

Os filhos tinham nomes indígenas como forma de homenagear e reconhecer a cultura e a ancestralidade indígena. O casal teve 26 netos, 36 bisnetos e um trineto. Tenente Lucena é avô do atual vereador pessoense Thiago Lucena (PRTB). Para os familiares, o principal ensinamento foi ter o pensamento no próximo. Neusa Holanda morreu no dia 11 de setembro de 2011, aos 95 anos. “Assim como Tenente Lucena, ela continua sendo uma referência para as novas gerações da família”, lembra Iguatemy, que hoje mora em Portugal.

A presença do Tenente Lucena na cena cultural paraibana até hoje é lembrada em eventos e iniciativas artísticas. Algumas homenagens estão marcadas nos nomes do Centro Cultural de Mangabeira e de uma escola da rede municipal de ensino, no Bairro dos Ipês. No bairro Valentina Figueiredo tem um grupo com seu nome. Foi o patrono da Cadeira 10 da Academia de Letras dos Militares Estaduais da Paraíba (Almep).

Abelardo Jurema Paraibano ajudou a promover a Orquestra Tabajara no país



Como jornalista, Abelardo Jurema atuou no Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco e Diário da Tarde; e foi redator do Jornal A União, além de diretor da Rádio Tabajara

Hilton Gouvêa
tranjougouveia7@gmail.com

O jornalista, advogado, político e escritor paraibano Abelardo de Araújo Jurema nasceu em Itabaiana, em 15 de fevereiro de 1914, e morreu em João Pessoa, no dia 9 de fevereiro de 1999, aos 85 anos de idade. Seus pais se chamavam Geminiano Jurema Filho e Amália de Araújo Jurema. Mudou-se para Recife ainda criança, acompanhando a família. Graduado pela Faculdade de Direito de Recife, em 1938, tornou-se advogado solicitado por clientela de renome.

Casou-se com Maria Evanise Pessoa Jurema - Dona Vaninha -, sobrinha-neta de Epitácio Pessoa, presidente do Brasil de 1919 a 1922, e sobrinha de João Pessoa, governador da Paraíba, de 1928 a 1930. Abelardo e sua mulher tiveram oito filhos. Aos 23 anos de idade, foi professor de literatura do Liceu Paraibano e, mais tarde, expressou seu dom literário através da publicação de nove livros.

Como jornalista, atuou em diversas empresas de comunicação. Em destaque tem-se o Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco e Diário da Tarde. Entre os cargos importantes, ele assumiu na Paraíba a função de redator do jornal A União e de diretor da Rádio Tabajara, onde conseguiu oferecer apoio artístico estratégico às apresentações da Orquestra Tabajara, comandada pelo maestro Severino Araújo.

Apesar de atuar como jornalista, foi como político que a sua carreira alcançou prestígio. Entre os seus primeiros cargos públicos de destaque está a sua nomeação para prefeito de Itabaiana (1937-1938) e de João Pessoa (1946-1947). Em outubro de 1950, ele foi eleito suplente do senador Rui Carneiro e, mais tarde, teve duas oportunidades de ocupar o cargo. A primeira de 1953 a 1954 e a segunda no ano de 1957.

Ainda em 1950, mudou-se para a capital federal, na época, o Rio de Janeiro. Adquiriu respeito nacional ao assumir o posto de senador e, posteriormente, foi eleito duas vezes deputado federal pelo PSD, nas eleições de 1958 e 1962. A partir de 1959, por meio da demonstração dos seus trabalhos, assumiu liderança na Câmara Federal representando o governo de Juscelino Kubitschek e participando também no processo político da construção de Brasília.

No governo de Jânio Quadros (1961), Abelardo Jurema aderiu à oposição política até João

Goulart assumir a presidência. Em 1963, se licenciou do mandato de deputado e se tornou ministro da Justiça na fase da presidência de João Goulart (1961-1964). No ministério, entre seus projetos de evidência, tem-se a criação do Comissariado de Defesa da Economia Popular (Codel), cuja função era fiscalizar o congelamento de aluguéis e preços dos alimentos.

Durante o momento de instabilidade na presidência, em razão da pressão militar, Abelardo Jurema desempenhou ação mediadora a favor da legalidade constitucional. Em dezembro de 1963, ele denunciou uma conspiração para a derrubada de João Goulart.

Com a tomada do poder pelos militares e através da imposição do Ato Institucional em 1º de abril de 1964, Abelardo de Araújo Jurema foi preso no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, quando se preparava junto com outros ministros para embarcar numa viagem a Brasília.

Ele teve seu cargo de ministro e seu mandato de deputado cassados, além da suspensão dos seus direitos políticos e trabalhistas. Como consequência, sofreu quatro anos de exílio na cidade de Lima, no Peru, onde precisou da ajuda de amigos para se sustentar até conseguir trabalho como comerciante. Seu retorno ao Brasil ocorreu em 1974.

Mesmo após seu regresso, Abelardo Jurema continuou sofrendo restrições políticas até o decreto de 28 de agosto de 1979, do então presidente e último ditador João Batista Figueiredo, que assinou a anistia aos brasileiros penalizados por questões políticas.

Abelardo tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e recebeu o título de Professor Honoris Causa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 14 de janeiro de 1982, assumiu a Cadeira 23 da Academia Paraibana de Letras (APL). Como autor, escreveu as obras 'Sexta-feira 13 - Os últimos dias do governo Goulart', 'Exílio', 'Entre os Andes e a Revolução', 'Juscelino & Jango - PTB & PSB' e 'Presença da Paraíba no Brasil, 102 dias no Senado e 102 dias no exílio'.

No ano de 2009 foi criado o projeto de lei do deputado federal Rômulo Gouveia, já falecido, para a criação na Paraíba da Rodovia Ministro Abelardo Jurema, a PB-008. Em 2014, o Tribunal de Justiça da Paraíba promoveu uma homenagem ao ex-ministro.

Nem mais nem menos dentro ou fora do poder

O homem de terno azul-cinza destacou-se no meio da multidão que, em 22 de agosto de 1977, esperava o corpo do senador paraibano Ruy Carneiro, no Aeroporto Castro Pinto. Era Abelardo Jurema, ex-ministro da Justiça no governo de João Goulart - Jango -, o famoso gaúcho que deixara o Brasil meses antes, deposto do poder como presidente da República, a fim de exilar-se em Lima, no Peru.

Abelardo perguntava: "Onde será o velório em Câmara Ardente?". Informado pelo "cônsul" Raimundo Onofre, foi lhe passado que seria no salão da antecâmara da Assembleia Legislativa da Paraíba. Tudo bem. Então Abelardo voltava à carga de cobranças que lhes eram peculiares: "Basileu, onde estão os incensos?". Basileu Gomes apontou para os embrulhos em cima do ataúde e Jurema se deu por satisfeito. Quando o féretro voltou para o local da exposição, o ambiente rescindia a flores e a incensos. A visita post mortem já estava super organizada.

Abelardinho, o jornalista colonista social, músico e escritor que observa a tudo e era filho de Abelardo pai, comentava, com amigos e familiares, o caráter espiritual de seu genitor, em várias passagens da sua vida terrena. "Ele sonhava com um Brasil perfeito: quando ministro da Justiça do governo de João Goulart usou seus poderes na imprensa e na iniciativa oficial para criar o Conselho de Defesa da Economia Popular, o Codel, e, assim, fiscalizar o congelamento do preço de alimentos e dos aluguéis. Denunciou, por outro lado, uma conspiração que, em 1963, pretendia derrubar o governo de Jango, que, mesmo assim, de forma covarde, caíra meses mais tarde", destaca o jornalista e colonista social



Os dois Abelardo Jurema: o pai, ex-ministro e também jornalista, e o filho, colonista social

Abelardo Jurema.

"E assim foi angariando inimigos por não participar de revoltas em atendimento a planos infames, que só visavam desestabilizar um governo sério, firmado no objetivo de melhorar o padrão de vida dos brasileiros desafortunados".

Abelardo de Araújo Jurema teve participação muito importante na história da Rádio Tabajara, que dirigiu durante cinco anos, exatamente no período mais dramático da Segunda Guerra Mundial,

de 1940 a 1945, quando seus comentários, sob o título de 'O Teatro da Guerra', com narração do locutor Orlando Vasconcelos, ultrapassaram as fronteiras do país e eram retransmitidos pela BBC de Londres, fato registrado em livro pelo historiador José Octávio de Arruda Melo.

"Quando a sirene da imprensa oficial tocava, a Tabajara entrava no ar com os comentários de Abelardo, analisando as batalhas mais recentes da Europa, norte da África e extremo oriente, e os line-

mentos políticos do conflito", escreve o historiador. "Foi também na gestão de Abelardo Jurema que a Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, ganhou asas e passou a se apresentar pelo Brasil afora".

O jornalista Abelardo Jurema destaca: "E foi o próprio Severino Araújo, antes de uma apresentação no ginásio do Cabo Branco, que me confidenciou: 'Se não fosse o seu pai, eu e meu grupo jamais teríamos conseguido viajar ao Rio de Janeiro para conquistar o país. Foi ele quem garantiu as passagens para a nossa aventura'".

Abelardo Jurema destaca que "os camoristas do poder" usavam ele e seus irmãos como "peças de marketing" para promover seus negócios, confiantes na influência do seu pai. "Eu e João Luíze estudávamos num colégio classe média de Botafogo, pertencente a uma figura austera, soturna, que emprestava uma aparência de pingüim ao seu indefectível terno preto. Com papai no poder, Seu Oscar mandava me chamar à sua sala na diretoria e me apresentava aos virtuais pais ricos de muitas famílias; e argumentava, orgulhoso: 'Este daí é o filho do ministro da Justiça'".

Meses após o exílio de papai, em Lima, ele não me deixava mais entrar na escola, sem fazer o pagamento das mensalidades atrasadas". Eu sentava no meio-fio, triste, procurando um jeito para explicar a mamãe porque não podia mais assistir aulas".

Ao sepultar seu pai em Itabaiana, Abelardo filho pediu ao jornalista Sebastião Nery para pôr sua placa post mortem na parede externa do jazigo, com a seguinte frase: "No poder, sem querer ser mais do que homem; no exílio, sem querer ser um centímetro menor do que um homem".

Angélica Lúcio

Quatro perfis no Instagram que ajudam a destravar minha criatividade

Produzir conteúdo (texto, vídeo, foto, áudio e toda essa miscelânea de informações que envolve nosso universo) exige conhecimento, técnica e criatividade. Para sair da mesmice que costuma fazer sombra sobre nossas ideias (ou a falta delas), é sempre bom estarmos acompanhados de quem nos faz sorrir - ou pensar adiante.

Costumo fazer isso assistindo a séries despretensiosas nas plataformas de streaming ou acompanhando perfis de moda e arte no Instagram. Gosto de observar cores, estilos, formas e gestuais. Em alguns casos, as trilhas sonoras escolhidas também me fispam: não porque têm a ver comigo, mas pelo que acrescentam de informação que eu desconhecia, ou que havia esquecido mesmo. Conheça quatro deles.

Repete Roupa (@repeteroupa) - Sempre acompanhada (ou quase) da cadela Matilda nos vídeos, a professora Mel (Melody Brasil Erler Von Erlea) mostra em suas postagens produções muito criativas que usa para dar aula, ir para a balada, ou passear por aí. Chemises de algodão preta com enormes botas douradas, camisa de seda com botinha toda salpicada de flores, co-



Foto: Instagram

tumos personalizados, megapantalonas, peças de couro, malha, moletoms, jeans... e muito mais formam o criativo universo de Mel. Tudo garimpado em brechós. Tudo com a "vibe" da sustentabilidade como

algo real e possível. A cada novo vídeo que assisto, também curto com Matilda o som da vez que Mel escolheu para acompanhar sua produção do dia.

Yayo Ikusama (@yayoikusama_) - A renomada artista plástica (e escritora) japonesa de 94 anos é uma explosão de irreverência na minha linha do tempo. Seu universo criativo, e muito instagramável, é repleto de bolinhas e cores, muitas cores. Kusama é hoje a artista mulher mais vendida no mundo, mas lidou com muitas rasteiras masculinas (inclusive apropriação de suas ideias) e demônios domésticos (para citar o escritor paraibano Tiago Germano) até chegar a esse patamar. Acompanhar as postagens no perfil de Kusama é me permitir sair do quadrinho de notícias e releases.

Todo dia um print (@tododiaumprint) - Durante muito tempo, ouvi dizer que não se misturava estampas nas roupas. Blusa de listras com calça de florzinhas? Jamais! Mas isso ficou lá atrás. Hoje, pessoas comuns e marcas famosas já fazem arte com ousadas e deliciosas misturas. No perfil 'Todo dia um print', Anna Caldas, de São Paulo, mostra que dá para combinar descombinando. Tudo com muita leveza e

que até inspira os mais tímidos a colocar um pezinho nessa aventura.

Museu de Arte de São Paulo (@masp) - 'Diverso, inclusivo e plural'. Como anunciado na "bio" do Instagram, é assim o perfil e o próprio Masp. Aprendo muito com as postagens que vejo, fico com vontade de conhecer as peças de pertinho e me permito viajar para além das atividades comeginhas. Só o fato de seguir o perfil do Masp já amplia muito meu conhecimento sobre arte: a de ontem e a de hoje.

Acredito que alimentar os olhos e a mente com conteúdo artístico, seja da moda, seja do universo das artes plásticas, é uma forma de revitalizar nosso cotidiano. Aprender técnicas de produção de conteúdo, todos nós conseguimos. Mas o diferencial, o que fará nosso trabalho especial, é o repertório cultural que ganhamos ao longo do tempo. E observar/apreciar/apreender formas criativas contribui muito para isso.

(* * *)

Estarei de férias nas próximas semanas. Espero encontrar vocês aqui no dia 9 de julho. Até lá!

Tocando em Frente



Astrud Gilberto - 'The Girl from Ipanema'

Embora "baiana da gema", como se costuma dizer no Nordeste, sotopolitana, portanto, nascida Astrud Evangelina Weinert, em Salvador (1940), ela era tida como carioca, talvez porque, já na primeira infância (1948), a família - composta por mãe brasileira, musicista afeita ao bandolim, e pai alemão, professor de línguas e literatura - tenha se transferido para o Rio de Janeiro ou até - quem sabe? - por ter sido alcunhada, erradamente, de "garota de Ipanema" cognome que, mais comumente, lhe foi outorgado nos Estados Unidos, onde ela quase sempre era chamada de the girl from Ipanema. Assim, aliás, era mais apropriadamente havida como uma artista norte-americana. Tanto é que lá ela era mais conhecida e festejada do que por aqui. Afinal, foi lá que ela deu sequência definitiva à sua atividade de artista/interprete internacional, a partir, evidentemente, da gravação da mítica canção "The Girl from Ipanema", elaborada, em nosso vernáculo, em 1962, pela dupla Tom Jobim e Vinícius de Moraes, introdutores do estilo Bossa-Nova, criado pelo impagável João Gilberto (a título de curiosidade e a este propósito, reza a lenda que a verdadeira garota de Ipanema era a socialite Helô Pinheiro - Rio, 1945 -, apresentadora de tevê, ex-modelo e hoje empresária carioca).

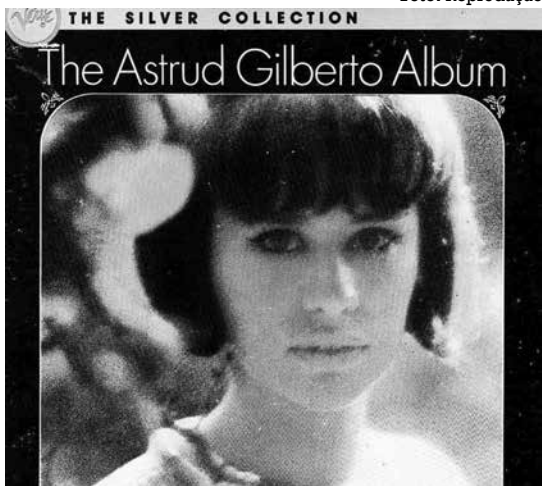


Foto: Reprodução

Seria redundante dizer que a música, que ganhou interpretações as mais variadas possíveis, foi, na interpretação de Astrud (gravação de 1963, lançada em 1964, no álbum 'Gets/Gilberto'), a mais vendida no mercado fonográfico norte-americano, chegando, inclusive, a conquistar quatro prêmios.

Apesar de ambos serem baianos, foi só no Rio que, por intermédio da amiga comum Nara Leão, que Astrud e João Gilberto se conheceram e logo estariam casados (de 1959 a 1964). Foi ele quem, durante a convivência, a incentivou a mostrar o seu dote vocálico, a partir de uma participação dela, quando do lançamento do segundo álbum dele 'O Amor,

o Sorriso e a Flor' (1960), fazendo-a vencer o medo de "subir a um palco" para enfrentar um público, que ocorreu justamente no show 'Noite do Sorriso, do Amor e da Flor', acontecido na Faculdade de Arquitetura da UFRJ, de que também participaram artistas já àquela época consagrados, como a própria Nara, Nana e Dori Caymmi, Johnny Alf, Elza Soares, Sylvinha Telles, Sérgio Ricardo, Trio Irakitan, Os Cariocas, todos sob a direção de Ronaldo Bôscoli. Claro! Foi então um bom início de carreira.

Em 1963, o casal vai para os Estados Unidos, quando participa de icônico álbum 'Stan/Gilberto' que abre as portas do mundo para a nossa Bossa-Nova.

A incursão definitiva de Astrud no universo musical da Bossa-Nova ocorreu quando ela participou das sessões de ensaio para a gravação do citado álbum de Stan Getz e João Gilberto, com participação dela na faixa 'The Girl from Ipanema', na versão de Norman Gimbel.

Em 1964, o casal se separa, e ela passa a atuar, por curto espaço de tempo, como crooner do saxofonista Stan Getz, com um repertório que ia dos standards jazzísticos americanos a canções da BN.

Desligada musicalmente de Getz, Astrud enveredou em uma carreira solo, que vai de

1965 a 2002, com incursão por outras canções do cancionário europeu, já que Astrud dominava várias línguas (inglês, alemão, francês espanhol e italiano), certamente herança de hábitos paternos. Depois dessa fase, ela resolveu "dar um tempo na carreira artística" e, em um segundo casamento, estabeleceu-se com a família na Filadélfia, na Pensilvânia-EUA, onde veio a falecer neste mês de junho de 2023, deixando dois filhos: Marcelo Gilberto (1960) e Greg Lasorsa (do segundo matrimônio).

Apenas retornando ao Brasil "de passagem", em 1966, apresentou-se em curta temporada no Teatro Record/SP. Mesmo assim, é considerada uma das mais importantes intérpretes da MPB (concentração nos hits da Bossa-Nova), que ela divulgou pelo universo musical. Sua composição mais conhecida é 'Live Today', que foi premiada até em um Festival de Música de Tóquio-Japão.

Constam de sua discografia dezoito álbuns-solo, além de participação em várias coletâneas e singles, tendo conquistado prêmios de grande monta, com destaque para o Grammy Award de Música do ano de 1965.

Seu álbum mais emblemático é o 'The Astrud Gilberto Album' (da Verve, 1965), em que ela interpreta, em inglês e português, vários consagrados hits de nossa Bossa-Nova.

SONS DO PASSADO

Inteligência artificial faz línguas mortas reviverem

Empresa recria 23 idiomas ancestrais para tentar mostrar como elas “ecoavam”

Da Redação

Os idiomas evoluem tão rapidamente que é difícil imaginar como as pessoas falavam há 200 anos, quanto mais há 500 ou mil anos. Mas a Inteligência Artificial (IA) veio agora dar uma ajuda para se ouvir idiomas ancestrais, e em alguns casos de línguas mortas. A sonoridade de um idioma muda à medida em que a língua evolui e, segundo os linguistas, não é fácil imaginar o som próprio de um idioma que ninguém fala ou ouve há séculos.

Mesmo quando se vê filmes sobre civilizações antigas, os personagens geralmente falam numa língua semelhante às atuais, dando uma falsa ideia da forma como falavam as pessoas da época. A Ecuator AI, tecnologia inovadora desenvolvida pela Equa, segundo registra o Site Zap, recriou 23 idiomas ancestrais para tentar mostrar como “ecoavam” as pessoas em civilizações antigas.

A Equa disponibilizou no canal Equator, no YouTube, vários vídeos que recriam figuras históricas, mostrando não apenas o aspecto que tinham, mas também a forma como soavam ao falar. O trabalho foi resumido em dois vídeos pelo Site Zap, no qual as frases de cada personagem são geradas por IA, simulando a forma de falar das pessoas que viveram numa dada era.

No primeiro vídeo estão as seguintes línguas: nórdico antigo, maia, latim, chinês médio, inglês antigo, japonês antigo, eslavo eclesiástico antigo, proto-cel-

ta, egípcio antigo, ryukyuan, grego antigo, fenício, hitita, quéchua e acadiana. No segundo vídeo estão as seguintes linguagens ancestrais: proto-indo-europeu, sabaico, sânscrito, aramaico (a língua de Jesus Cristo), sumério, chinês arcaico ge'ez (etíope clássico) e gótico.



Tecnologia inovadora desenvolvida por uma empresa mostra em vídeos a recriação de figuras históricas falando em suas línguas nativas

Aponte seu celular para os QR Codes para assistir aos vídeos que “ressuscitam” línguas antigas

Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: favor (1) = com + casal (1) = par + te (1) = ti + queixo (2) = mento – Solução: quarto (5) = compartimento. Charada de hoje: Deus (2) navega (2) em busca da proposição científica sem comprovação evidente (4).

Tiras

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!

Personagem emblemático

Lampião, o “Rei do Cangaço”, é uma das mais importantes figuras da história do Brasil, em especial para os nordestinos. Nascido Virgulino Ferreira da Silva, em Serra Talhada, no Sertão de Pernambuco, no dia 4 de junho de 1898, Lampião é – gostando ou não dele – uma personagem emblemática do Sertão do Nordeste.



Disputas violentas por terra

Maior líder do cangaço, liderava os cangaceiros que lutavam contra a opressão dos coronéis no Nordeste do país, no final do século 19. A miséria assolava a região, as secas eram duradouras, tornando o alimento escasso. As disputas por terra eram violentas e a ordem era controlada por coronéis e seus bandos, já que a lei não valia no Sertão.

Trabalho como artesão

Virgulino era alfabetizado e até os 21 anos de idade trabalhou como artesão, além de ajudar na pequena fazenda dos pais, cuidando dos animais. Até que seu pai foi assassinado pela polícia por conta de uma briga por terras, que envolvia roubo de animais, e sua mãe também acaba morrendo por conta dos problemas causados pelas desavenças com os donos de terras vizinhas e as mudanças de casa da família Ferreira. Isso influenciou sua entrada no cangaço, na busca por vingança, junto com dois de seus irmãos.

Contra a ditadura dos coronéis

Lampião liderou o bando contra a ditadura dos coronéis por mais de 20 anos. Ao lado de Maria Bonita (primeira mulher a integrar o bando), roubava de ricos e enfrentava a polícia, espalhando o medo por onde passava. Com um bando formado, os justiceiros invadiam as fazendas, saqueavam os comerciantes e distribuíam para os mais pobres uma parte do que recolhiam.

Considerado herói popular

Alguns encaravam os cangaceiros como um grupo de bandidos. Outros os adoravam por lutarem contra a opressão: eles eram os únicos que conseguiam fazer frente ao domínio dos coronéis, o que lhes garantiu o apoio das pessoas mais humildes, já que os policiais trabalhavam para os latifundiários. Por parte das autoridades, Lampião simbolizava a brutalidade, uma doença que precisava ser cortada. Para uma parte da população sertaneja, ele encarnou valores como a bravura, o heroísmo e o senso da honra. Virou um herói popular.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – orelha; 2 – olho; 3 – língua; 4 – dente; 5 – rabo; 6 – raio; 7 – casaca; 8 – fumaça; 9 – casaca

“Mentira verde” que cresce

A sustentabilidade buscada por parte dos consumidores como um estilo de vida está sendo vítima da ação desonesta do mercado, que engana as pessoas por meio de comunicações ilusórias

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Nas últimas décadas uma série de termos em inglês vem se popularizando no vocabulário e no cotidiano dos brasileiros. Geralmente essas expressões representam ideias ou conceitos que vêm de fora e são incorporados no dia a dia, sobretudo em ambientes corporativos ou em áreas relacionadas ao marketing. Muitas dessas palavras, como *briefing* ou *budget* (que, em português, significam resumo e orçamento, respectivamente), têm suas equivalentes na Língua Portuguesa. Outras delas, no entanto, expressam ideias mais complexas e, por isso mesmo, não têm uma tradução exata. É o que acontece com o termo *greenwashing*, utilizado para resumir um conceito muito maior e mais complexo que a simples tradução “lavagem verde”.

Ao que tudo indica, a pandemia de Covid-19 despertou no consumidor o senso de coletividade. Nesse contexto, as responsabilidades social e ambiental das empresas passaram a ser, para grande parte das pessoas, fator decisivo na hora de realizar uma compra. É que esses consumidores perceberam que a responsabilidade do que acontece no mercado e das tendências que eles seguem são, também, suas. Afinal, o mercado é um reflexo da vontade de quem compra nele.

A última pesquisa global sobre o tema, realizada em junho de 2021 pela PricewaterhouseCoopers (PwC) revelou que a pandemia desempenhou importante papel nesse sentido. A Global Consumer Insights Pulse indica que nos últimos anos a procura por negócios ambientalmente engajados cresceu consideravelmente. Hoje, pelo menos, 57% dos consumidores brasileiros escolhem intencionalmente produtos sem embalagens ou com embalagens sustentáveis, por exemplo. Além disso, 58% das pessoas preferem escolher produtos cuja origem é rastreável e “transparente”. Ou seja, produtos identificados por etiquetas ou códigos com todo o histórico daquela mercadoria, desde a origem da matéria-prima até o percurso realizado antes de chegar nas mãos do comprador.

Na prática, são diversos conceitos entrelaçados. Isso acontece, porque, acima de uma tendência de consumo, a sustentabilidade é um estilo de vida. E é em função desse estilo de vida que o *greenwashing* surge como uma perigosa estratégia de marketing para ludibriar clientes que estão em busca de produtos mais sustentáveis. De forma geral, a “lavagem verde” é uma ação desonesta de mercado, que engana as pessoas através de comunicações ilusórias.



Imagem: Freepik



Foto: Arquivo pessoal

“É um ato de divulgação falsa de sustentabilidade. É um processo em que a indústria engana a sociedade e as gestões públicas pela venda de um produto ou serviço sustentável que, na prática, não está alinhado com o meio ambiente

Ruan Navarro



Foto: Pixabay

Greenwashing mascara os impactos ambientais de grandes marcas

A emergência do debate a respeito do impacto socioambiental causado pelo comportamento de algumas empresas, sobretudo as de maior impacto no mercado, tem levado o *greenwashing* a importantes espaços de debate em todo o mundo. No ano passado, por exemplo, a 27ª Conferência das Partes (COP 27) aconteceu entre os dias 6 e 20 de novembro, no Egito, e o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, chamou a atenção para a importância do tema e enfatizou que a política de tratamento com empresas que praticam *greenwashing* deve ser de tolerância zero.

Representante do movimento Greenpeace em João Pessoa, o biólogo e ativista ambiental Ruan Navarro, explica que o *greenwashing* nada mais é que uma “mentira verde”. Para ele, o termo reflete uma realidade muito preocupante que vem crescendo diante das novas demandas sociais. “O *greenwashing* é um ato de divulgação falsa de sustentabilidade. É um pro-

cesso em que a indústria engana a sociedade civil e as gestões públicas pela venda de um produto ou serviço sustentável que, na prática, não está alinhado com o meio ambiente”, diz.

De acordo com Ruan, no *greenwashing*, empreendimentos, produtos ou marcas alegam ter origem sustentável sem necessariamente a terem e é por isso que é importante observar o avanço desse costume, já que, para participarem de acordos comerciais, contratos com o setor público e propostas de negócios, as empresas tendem a oferecer um serviço alinhado à emergência socioambiental. “Dentro das metas e acordos de emissão de zero carbono, essas promessas se mostram como um risco muito severo nos avanços de políticas ambientais e até mesmo no cumprimento dessas metas. Quando vemos um acordo sendo fechado, um acordo com uma empresa que promete algo sustentável e que aquele território está com uma meta de emissão zero de carbono, sabemos que isso vai gerar um déficit na prática da meta. O alcance dessa meta será prejudicado”, observa.

A ideia em torno do *greenwashing* começou a se popularizar no início dos anos de 1990, após o termo *greenwash* ser utilizado em um artigo de 1989 da revista New Scientist. O termo foi cunhado em alusão a outro conceito muito popular na época, o *brainwashing* (em português, lavagem cerebral).

DEMANDA ATUAL

Crise climática não está no futuro

Movimentos ambientais alertam para o fato de que os problemas relacionados ao clima são reais, atuais e palpáveis

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

A ativista climática e urbanista Alice Piva afirma que o *greenwashing* e as demais práticas industriais são uma demanda atual. Ela, que coordena os projetos de acesso à informação do Instituto Internacional Arayara e é representante do Fridays for Future Brasil e América Latina, explica que a intenção dos movimentos ambientais é fazer com que a crise climática seja real, atual e palpável. “Ela não está no futuro. Ela não vai chegar. Ela é um problema do agora”, adverte.

Segundo Alice, a causa do problema é a forma com que a sociedade produz (com práticas extrativistas) e consome. E o *greenwashing*, muitas vezes, está relacionado ao fato de que a sociedade tende a observar apenas um recorte do problema. “São mudanças muito pequenas e uma cadeia produtiva imensa. Ajuda, sim, mas não impacta. As empresas se descomprometem em agir de uma forma mais holística, e esta é a última década para salvar o mundo, isso gera uma urgência muito grande. Estamos muito longe disso. É um trabalho hercúleo”, analisa.

Alice Piva afirma que ainda hoje existem muitas pessoas acreditando que a crise climática é natural. Segundo a ativista, ela não é. “Há estudos que comprovam que ela é causada por motores antrópicos, ou seja, devido à atuação do ser humano. Nossa intenção é disseminar o impacto e a relevância da pauta climática para todos, através de escalas e perspectivas diferentes”, explica.

E a ativista incentiva que a população reflita sobre essas condições, porque a ideia promovida por muitas empresas é de que os fins justificam os meios. Assim: qualquer ação, nesse contexto, levará em condição a ética?

“Eu acho que o *greenwashing* está presente em tudo, não só no meio empresarial (mas principalmente nele, é claro). O próprio mercado tenta fazer a ação climática ser algo rentável. São ações completamente relapsas ou cruéis com a vida”, observa Alice Piva. Assim, é possível levar em consideração, por exemplo, empresas que se dizem veganas, mas utilizam em suas composições o óleo de palma, cuja produção tem sido nociva para o meio ambiente e está associada à morte de florestas tropicais, principalmente na Malásia e na Indonésia.

“O *greenwashing* expõe a hipocrisia de se dizer sustentável. Hoje em dia ninguém

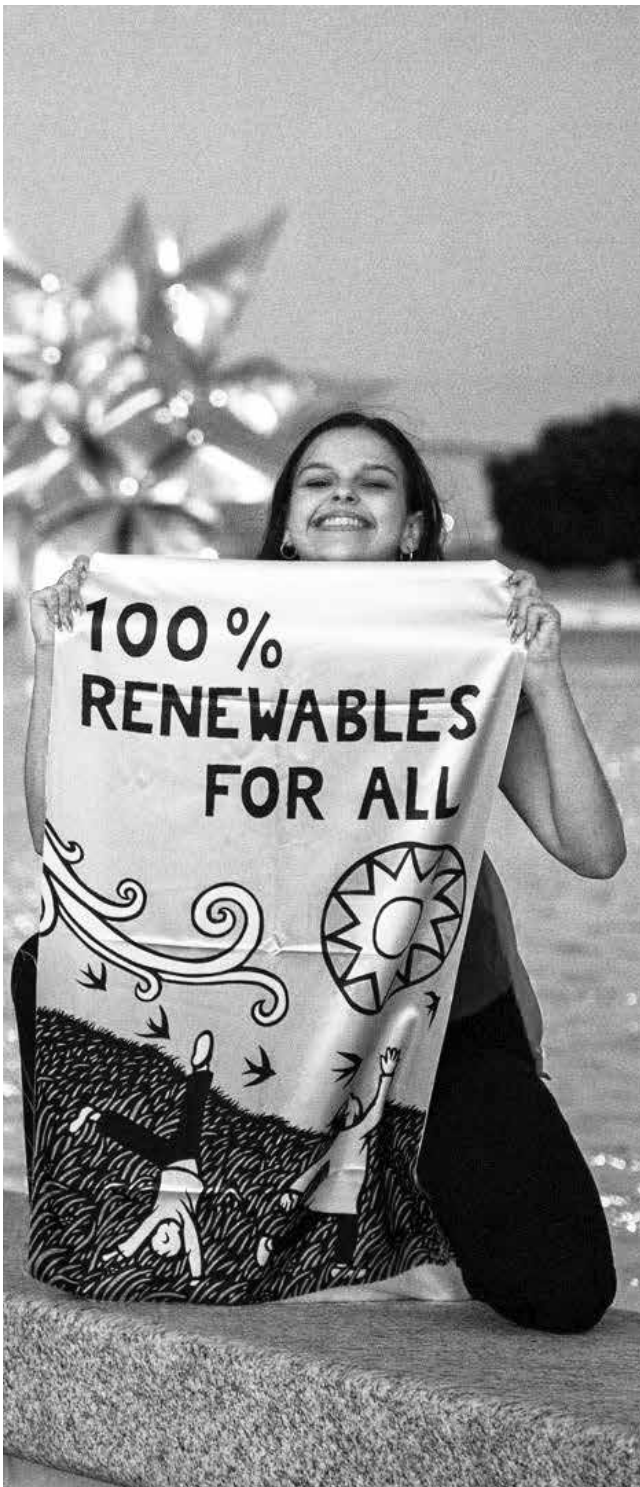


Foto: Arquivo pessoal

Alice Piva é ativista climática na Paraíba e urbanista

é sustentável. Não é possível ser cem por cento sustentável, ainda que você queira e tente muito isso. O *greenwashing* é um grande vespeiro”, avalia.

Os impactos da indústria no meio ambiente têm sido a contaminação da água, a destruição da vida marinha, o aquecimento global, a destruição da fauna e flora e a poluição do ar. E o que tem feito a Confederação Nacional da Indústria? Para a CNI, o cuidado com o meio ambiente deve ser um compromisso assumido por todo o setor industrial. No entanto, a entidade reconhece que, dentro dos padrões adotados hoje, a preservação do meio ambiente é, na verdade, um desafio a ser solucionado.

“Economia de baixo carbono e economia circular são conceitos que devem ser adotados por empresas que querem ser mais competitivas e sustentáveis”, informa a entidade que, para entre 2018 e 2022, aplicou o Mapa Estratégico da Indústria na tentativa de estimular a competitividade, a inovação e a sustentabilidade.

O Mapa Estratégico da Indústria estimou os principais desafios a serem superados no Brasil dentro dos últimos cinco anos e tinha a intenção de funcionar como uma agen-

“
As empresas se descomprometem em agir de uma forma mais holística, e esta é a última década para salvar o mundo, isso gera uma urgência muito grande. Estamos muito longe disso. É um trabalho hercúleo

Alice Piva

da para o desenvolvimento de novas competências e a realização de mudanças nas estruturas da lógica industrial nacional. E um dos pilares elevados pelo mapa foram, justa-

mente, os recursos naturais e o meio ambiente. Nesse contexto, os temas prioritários do pilar ambiental foram a economia de baixo carbono, o licenciamento ambiental, o saneamento básico e o uso de recursos naturais.

O objetivo principal do Mapa no quesito ambiental era aumentar a eficiência da

indústria no uso de recursos naturais e a macrometá da CNI é melhorar a produtividade da indústria no uso de energia em 10% (de 91,1 para 100,2). No fim dos cinco anos projetados pelo Mapa, no entanto, a CNI obteve um resultado divergente da meta, com uma produtividade de 90,1.

Na realidade, os resultados de todas as metas foram divergentes da expectativa. Apenas os resultados referentes à proporção de plásticos reciclados em relação à produção total de plásticos e o nível de prestação de serviços de coleta de esgoto convergiram para as metas estipuladas pela CNI.

Aplicativo ajuda o consumidor a identificar a “maquiagem verde”

Como o *greenwashing* não está condicionado apenas ao posicionamento da empresa, é possível identificá-lo também em produtos que passam uma “imagem verde”, mas não o são. Parte dessas empresas atrai os consumidores através de embalagens chamativas, que prometem entregar um produto mais saudável. A maquiagem verde desses produtos é elaborada para confundir o consumidor.

O ativista socioambiental e coordenador do grupo de voluntários do Greenpeace João Pessoa, Ruan Navarro, alerta para o perigo desse tipo de pegadinha. “Exemplos práticos a respeito do *greenwashing* são os rótulos. Muitos vêm com uma mensagem bem simples: ‘amigo da natureza’ ou ‘produto sustentável’..., mas ninguém explica qual a origem ou a aplicabilidade dessa sustentabilidade”, diz. A observação de Ruan é para o fato de que esses rótulos não explicam como o termo “amigo da natureza” pode ser associado ao que foi feito até aquele produto chegar a uma prateleira para ser consumido. Ou seja, são produtos “amigos da natureza” que, de fato, não deixam nítido para o consumidor

como essa relação de amizade se desenvolve.

Nesse caso, não basta dizer que “esta embalagem é de origem reciclada”, é importante dizer ou, no mínimo, oferecer subsídios para que o consumidor saiba como, onde e quem reciclou o material que deu origem à embalagem. Assim, cabe à sociedade civil, enquanto consumidora, estar atenta ao que está consumindo para saber se tais serviços ou produtos são, de fato, sustentáveis ou apenas uma propaganda enganosa.

E o ativista alerta: “É bom ficarmos sempre muito atentos com esses rótulos, porque eles podem ser coloridos, podem remeter à cor verde e aí a gente chega no supermercado disposto a diminuir nossa pegada ecológica, vê aquela embalagem mais chamativa, com alguns selos com simbologias de produtos recicláveis e, no fim, não é nada daquilo”.

Em geral, além de serem escusos quanto às práticas sustentáveis, os alimentos vendidos através de *greenwashing* contêm dados nutricionais insatisfatórios e listas de ingredientes não essenciais, com excessos de aditivos, gordura saturadas e açúcares.

Basta circular pelas gôndolas de um supermercado para perceber rótulos de sucos supostamente naturais com os dizeres “10,0% de fruta”, uma clara tentativa de induzir o cliente ao erro. Foi o que aconteceu com a analista de recursos humanos Viviane Nascimento ao tentar comprar uma bebida. “Eu precisava levar um suco para uma confraternização no trabalho. Li ‘100% de fruta’ na embalagem e comprei achando que era natural. Só fui perceber o erro quando um colega tomou um gole e disse que era ruim”, conta.

Para combater a prática, o aplicativo Desrotulando ensina as pessoas a lerem os rótulos dos mais variados alimentos. O objetivo do aplicativo é ajudar o consumidor a escolher produtos mais saudáveis de maneira simples e rápida. Basta que o usuário escaneie o código de barras do produto que deseja comprar e veja a avaliação nutricional de especialistas, assim é possível encontrar alternativas que estejam de acordo com as metas individuais de cada usuário, conforme duas perguntas feitas durante o cadastro no aplicativo.

Outras ideias perigosas e o ESG na contramão do greenwashing

Uma ramificação do *greenwashing* com desdobramentos ligados às causas sociais é o *socialwashing*. Identificado pelos mesmos sinais que o conceito anterior, o *socialwashing* é mais uma das práticas de mercado que cresceu na pandemia.

A sociedade deve estar atenta. Isto porque o *socialwashing* é interpretado como um marketing filantrópico em que, embora a empresa sugira que desenvolve numerosas ações sociais, o incentivo, o aporte financeiro ou a constância com que ele chega aos movimentos sociais é mínimo.

Existem outros tipos de

lavagem mercadológicas igualmente preocupantes. É o caso do *bluwashing* (em que as marcas utilizam propositalmente itens visuais semelhantes aos da ONU para confundir quem está vendo), do *rainbow-washing* (voltado à associação irresponsável aos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU) e do *pinkwashing* (recorte do *socialwashing* voltado à população LGBTQIAP+).

Em contrapartida a esses movimentos, surgem iniciativas de comprometimento ambiental dentro de parte das empresas. É o caso do ESG (sigla utilizada para resumir

Ambiental, Social e Governança, do inglês Environmental, Social and Governance), que promove a responsabilidade socioambiental, que estimula o gerenciamento de risco e crises. Conceito que sugere o controle comprometido de metas, resultados e caminhos para resultados de modo mais justo, responsável e sustentável.

É esta prática que induz as empresas a se preocuparem com ações como a emissão de gases poluentes e o descarte dos resíduos excedentes de sua produção. O ESG se estende às práticas sociais e à filantropia.

Consenso pede para que se observe a política ambiental

Quando o assunto é *greenwashing*, uma situação é consenso entre os ativistas: é necessário observar a política ambiental. Ruan Navarro, do Greenpeace, orienta que, em geral, a população dedique um tempo a observar as práticas de *greenwashing* e se atente às ações governamentais. “Precisamos nos atentar

a como nossos governos estão atrelando suas demandas das pautas ambientais, das políticas socioambientais com os acordo que são fechados em nível internacional e internamente no nosso país para que a gente fique atento se realmente essas metas estão sendo batidas e que a gente também exerça o papel

de fiscais, que a gente realmente observe se as marcas estão realmente envolvidas com as práticas de sustentabilidade ou se elas se enquadram na prática do *greenwashing*”, sugere.

Alice Piva concorda e acredita que muitas das decisões da população não são, de fato, suas. “Não é uma de-

cisão nossa pegar um carro quando a gente tem um sistema de transporte público que não funciona, por exemplo. E é preciso observar, também, que eu tomo algumas decisões que geram impacto, sim, mas é algo muito menor que o impacto de uma empresa, sobretudo as de padrão global”, considera, ao afirmar que a

sustentabilidade vai contra muitos paradigmas necessários à sobrevivência hoje.

“A mudança está chegando, mas o quanto dela nos aproxima do que é, de fato, ser sustentável? Será que essas ações são o suficiente? Ou são uma forma de mascarar a realidade? O meu grande temor é o suposto enfrentamen-

to da crise climática ser usado como carta branca pelas empresas para ações como o *greenwashing*. A sustentabilidade tem sido utilizada para justificar algumas coisas injustificáveis, como é o caso do *greenwashing*. Não é uma suposição. Nós vemos isso acontecer”, alerta a ativista climática.

PROCESSOS JUDICIAIS

Número baixo de ações dificulta punições

Falta de legislação específica e pouca difusão do tema greenwashing levam consumidores a desconhecem a prática abusiva

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

A falta de uma legislação específica e pouca difusão do tema *greenwashing* faz com que os consumidores tenham pouco ou nenhum conhecimento sobre a prática abusiva. A soma desses fatores resulta em um número inexpressivo de ações judiciais contra empresas que cometem a “maquiagem verde”.

O presidente da Comissão de Direito do Consumidor da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), Giovanni Faraco, avalia que o tema é relativamente novo e pouco difundido no Brasil, diferente do que acontece em outros países. Ele destaca a importância do campo governamental agir na confecção de regras para que as empresas sofram consequências jurídicas por meio de órgãos reguladores caso se utilizem dessa prática.

“O mercado de consumo como um todo ainda não se atentou aos cuidados e ações que pode tomar de forma efetiva na luta contra essa prática, que possui caráter abusivo. Portanto, há uma quantidade ínfima de ações em âmbito nacional que debruçam sobre esse tema, consequentemente, ainda não há nenhum posicionamento jurídico pacificado”, pontua o advogado.

O *greenwashing* se trata basicamente de uma estratégia de marketing ao promover discursos, ações, propagandas e produtos (na composição ou embalagem) banhados de suposta sustentabilidade, criando estratégias para parecer ter responsabilidade ambiental, mas que de fato não passa de ações que ludibriam o mercado de consumo como um todo, sejam os próprios con-

sumidores, investidores ou parceiros empresariais. Ou seja, possui natureza de publicidade enganosa.

O jurista explica que o consumidor que se sentir lesado pode abrir reclamação perante o Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), que é responsável pela regulamentação publicitária nacional, visando coibir a banalização da propaganda sobre temas inerentes à sustentabilidade e a diminuição da propaganda enganosa. Por não ser um órgão fiscalizador, é necessário que o consumidor acione o Conar.

O advogado recomenda ainda que seja feita a abertura de reclamação no Procon do estado ou município. “Não satisfazendo o consumidor, em último caso recomendamos a busca por um advogado especialista em Direito do Consumidor para judicializar a demanda”, orienta.

Para as empresas, o maior risco que uma empresa pode sofrer ao praticar o *greenwashing* é a perda da credibilidade na atuação do segmento sustentável, perante as figuras que integram o sistema de consumo, principalmente o próprio consumidor. Além de poder sofrer com possível descredenciamento de certificação sustentável – não a eximindo de responder judicialmente por essas atitudes.

“Vale informar que algumas empresas possuem selos próprios em suas embalagens ou atuações, aparentando se tratar de empresa pró-planeta, o que, obviamente, não transmite a confiabilidade necessária. No mercado existem selos que são reconhecidos através de critérios técnicos autenticadores que cancelam as práticas verdes empresariais”, alerta Faraco.

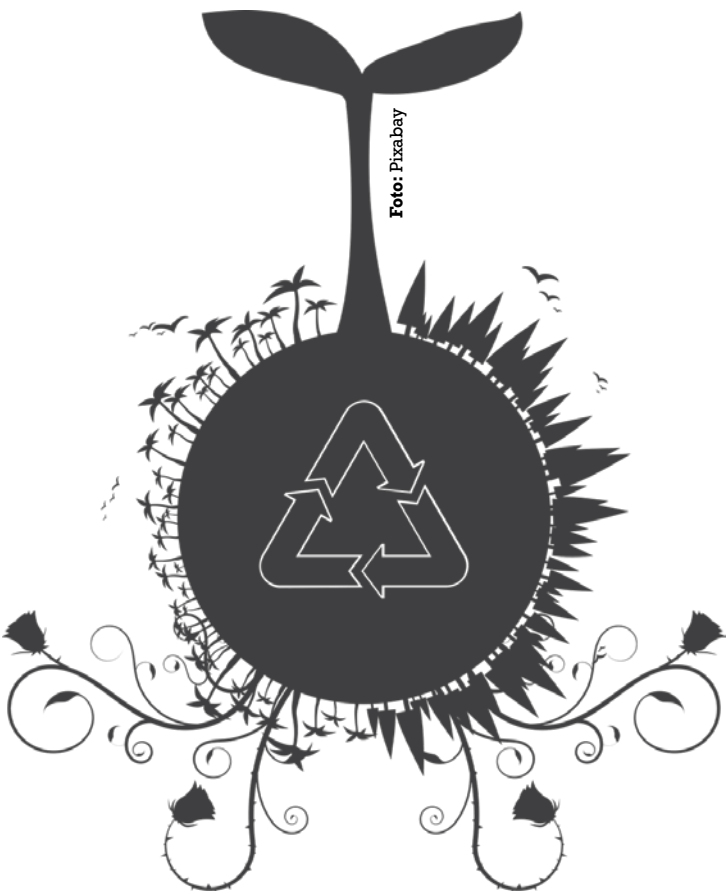


Foto: Pixabay



Foto: Arquivo Pessoal

Prática da propaganda enganosa e baixa informação da população

Casos de *greenwashing* acontecem todos os dias, seja no Brasil ou especificamente na Paraíba. Ao enganar o consumidor informando ter práticas sustentáveis, as empresas incorrem no crime de propaganda enganosa. A prática atrai responsabilidade jurídica em desfavor das companhias que o cometem, gerando processos judiciais, apesar do número ser considerado pequeno, conforme juristas.

“Existem vários riscos envolvidos na prática do *greenwashing*, a perda da confiança dos clientes, acarretando uma crise de imagem. Além disso, é muito comum que empresas envolvidas com *greenwashing* percam parcerias estratégicas e investi-

mentos, tendo em vista que empresas ou investidores comprometidos com a sustentabilidade não desejam ter sua marca associada a práticas como essas”, afirma Rafael Marques Nóbrega, advogado especialista em Direito Empresarial, Governança e Compliance.

Ele reforça que o *greenwashing* é considerado uma prática comercial abusiva e a legislação atribui ser direito do consumidor a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva ou métodos comerciais coercitivos e desleais.

“A prática do *greenwashing* é mais comum do que podemos imaginar e, sim, existem casos na Paraíba e em todo o território nacional. A

própria população e companhias concorrentes que adotam boas práticas sustentáveis podem denunciar e contribuir com a fiscalização daqueles que praticam o *greenwashing*”, orienta o advogado.

“

O mercado de consumo como um todo ainda não atentou para os cuidados e ações que pode tomar de forma efetiva na luta contra essa prática, que possui caráter abusivo

Giovanni Faraco



Foto: Pixabay

Projetos de lei emperram no Congresso Nacional

Atualmente está em análise na Câmara dos Deputados a proposta de autoria do deputado federal Zé Silva (Solidariedade-MG) para estabelecer classificação com diferentes “tons de verde” ou “tons de vermelho”, conforme uma atividade seja mais benéfica ou prejudicial ao meio ambiente.

Ele argumenta que a definição de uma taxonomia para atividades econômicas sustentáveis é importante para criar critérios objetivos para identificar quais atividades econômicas são sustentáveis; estimular o direcionamento de recursos públicos e privados para atividades econômicas sustentáveis; e proteger investidores contra o *greenwashing*.

No sistema da Câmara dos Deputados consta que o primeiro projeto de lei sobre o tema começou a tramitar no ano de 2012. A proposta buscava instituir uma classificação para as atividades econômicas sustentáveis com o objetivo de proteger os investidores do *greenwashing* e garantir punições para as empresas que o praticassem. O projeto, de autoria do então deputado federal Márcio Macêdo, em 2015 foi arquivado pela Mesa Diretora com base no regimento interno e não chegou a se tornar lei.

Márcio Costa Macêdo é um biólogo filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). É o atual ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República. Ele foi deputado federal por Sergipe de 2011 a 2014.

“O projeto de lei proposto tem o objetivo de iniciar o debate para tal regulamentação, propondo a obrigatoriedade, para as empresas que fazem uso de marketing ambiental, da colocação de *link* nos rótulos dos produtos e no material de publicidade a eles relacionado, explicando porque seus produtos são, de fato, ambientalmente sustentáveis, bem como a caracterização dos tipos mais comuns de burla na publicidade, caracterizando-as infrações ambientais e definindo sanções administrativas para elas”, justificava o parlamentar sergipano na época.

Em 2016, Clarissa Garotinho – uma jornalista filiada ao União Brasil – retomou o tema, com um projeto de lei para proibir a utilização de selo verde em produtos, a menos que seja por meio de certificação oficial. Com base no texto, todo produto que destacar qualquer característica de benefí-

Existência

A prática do *greenwashing* é mais comum do que se pode imaginar. Existem casos na Paraíba e em todo o território nacional, e há a necessidade de se fazer denúncias

cio ambiental deveria explicá-lo. Além disso, preferencialmente, o nome fantasia dos produtos só deveria induzir o consumidor a práticas ecologicamente corretas quando o fabricante a comprovar.

“Com a adoção dessas práticas acreditamos que o consumidor passará a obter informações mais claras sobre as características de produtos considerados ‘ecologicamente corretos’ e poderão fazer a sua escolha de maneira mais consciente”, disse a deputada, convocando seus pares a aprovarem seu projeto, porém sem sucesso. A proposta foi arquivada no ano de 2019 e desarquivada no mesmo ano para ser pensada ao projeto que institui a Política Nacional de Estímulo à Produção e ao Consumo Sustentáveis, ainda em tramitação na Câmara dos Deputados.

Exemplos de práticas abusivas de *greenwashing* de empresas ou instituições: faz comunicação da marca cuja embalagem, design ou marketing cria o entendimento de que o produto ou o serviço seria ecologicamente correto, mas não comprova de que maneira faz isso; a empresa se diz integralmente sustentável, porém tem apenas alguns produtos nessa linha, não a totalidade; utilização de embalagens de produtos que informam não usar determinado produto nocivo à natureza, mas que de fato utilizam ou não utilizam, porém o item já seria naturalmente proibido pela legislação; possui projeto ambiental ou social, mas na operação comete impactos negativos na seara sustentável; e apoia ou possui programas ambientais, mas não apoia legislações que beneficiariam esse tema.

GREENWASHING

Estratégias nocivas à sociedade

Organizações omitem ou falsificam informações sobre produtos e serviços que não são ambientalmente sustentáveis

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Estratégias de *greenwashing* são nocivas à sociedade por omitirem ou falsificarem informações sobre produtos e serviços que não são de fato ambientalmente sustentáveis, demonstrando desrespeito à causa coletiva, além de comumente esconderem uma atuação indevida por parte da organização. A avaliação é da professora Maria Lívia Pacheco, doutora em Ciência da Informação, do Curso de Relações Públicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

As empresas com investimentos reais em *greenwashing* utilizam recursos refinados, desde programas computacionais para burlar dados até material de comunicação de alto nível, como vídeos institucionais bem produzidos, campanhas com forte apelo emocional e até mesmo vinculações a grandes organizações sociais. A exemplo disso, é possível encontrar empresas aderindo superficialmente aos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, criando uma narrativa socialmente aceita para alavancar seus negócios.

“Apesar de potencialmente muito lucrativa, a estratégia de *greenwashing* representa um enorme risco para as organizações que aderem a essa prática, pois, uma vez que a verdade vem à tona, os impactos são múltiplos, tanto do ponto de vista das sanções legais aplicadas por órgãos reguladores quanto aos danos à sua imagem e reputação, muitas vezes irreparáveis, ocasionando um esvaziamento parcial e até mesmo total da credibilidade antes atribuída à marca”, pontua Maria Lívia Pacheco.

Como resultado da prática de *greenwashing*, grandes organizações enfrentam crises profundas, não apenas em nível de sua imagem, mas principalmente em função da retirada de investimentos, fato esse que pode comprometer a continuidade de suas operações.

Ela considera que em um cenário mercadológico extremamente competitivo, as organizações buscam estratégias para conquistar e manter um lugar de apreço na sociedade. Para além da comercialização de produtos e serviços, é preciso ocupar no imaginário coletivo uma imagem de empresa socialmente responsável, que desenvolve suas atividades atendendo premissas legais cabíveis e realizando seu papel para o desenvolvimento social.

“Organizações que realmente atuam com responsabilidade social – incluindo-se a responsabilidade socioambiental, sabem que comunicar à sociedade as suas qualidades é uma excelente estratégia de mercado, e assim buscam explorar por variados meios e instrumentos de comunicação o valor de suas ações e de formas de atuação que agregam reconhecimento social”, explica.

Banalização e deturpações dos fatos

O cerne do problema das estratégias de comunicação voltadas para conquistar públicos, segundo a professora Maria Lívia, consiste nas deturpações entre a realidade dos fatos e uma outra realidade criada midiaticamente para forjar uma imagem e influenciar a criação de uma reputação que não condiz com a verdadeira identidade organizacional.

Ela ressalta ainda que essas práticas não são recentes, pois a propaganda enganosa possui largo histórico de atuação, porém, a partir das mudanças no cenário mercadológico atual, é maior a cobrança dos públicos quanto à atuação das organizações. Para ela, um dos fatores preponderantes para

essa transformação é o amplo acesso à informação e a possibilidade de debate público coletivo, como observado nas redes sociais digitais. “As pessoas identificam nesses lugares uma possibilidade de serem ouvidas por muitos, e assim, utilizam das redes para denunciar práticas comerciais abusivas, desrespeitosas e ilegais”, destaca.

A professora recomenda aos consumidores ficarem atentos à coerência dos discursos utilizados pelas empresas, buscando investigar com mais afinco as informações utilizadas como aporte para a divulgação de sua atuação sustentável. É preciso observar se selos de qualidade, como “selo ver-

de”, “eco-friendly”, “carbono zero”, “cruelty free” e outros similares, são emitidos por órgãos responsáveis e se são compatíveis com os produtos oferecidos.

“É comum que rótulos e propagandas deem ênfase a substâncias e materiais não utilizados na fabricação do referido produto como sendo um grande diferencial, quando na verdade existe uma proibição legal do seu uso. O uso das cores verdes, de elementos da natureza e demais artifícios imagéticos que ativam a memória coletiva do que é reconhecidamente visto como “reciclável, reutilizável e sustentável” também é um recurso recorrente das marcas de gêneros diver-

sos, como alimentação, saúde e beleza”, alerta.

Maria Lívia Pacheco conclui ressaltando que não cabe exclusivamente aos consumidores e aos cidadãos em geral a responsabilidade de vigilância da prática de *greenwashing*. Para ela, órgãos reguladores das áreas envolvidas, entidades da sociedade civil, governos, entre outros, devem exercer uma frente de ação mais robusta contra essa prática, que, além de enganosa do ponto de vista mercadológico, ainda contribui negativamente para um dos maiores desafios globais, negligenciando os problemas ambientais e banalizando a causa como um todo.



Foto: Ortilio Antônio

“Apesar de potencialmente muito lucrativa, a estratégia de *greenwashing* representa um enorme risco para as organizações que aderem a essa prática, (...) a verdade vem à tona e os impactos [negativos] são múltiplos

Maria Lívia Pacheco



Na Paraíba, um caso de *greenwashing* envolve a construção de um prédio à beira-mar envolto em polêmicas que provocou a reação da população e ação de órgãos fiscalizadores. Apesar da construtora responsável pela obra frisar em seu *site* a responsabilidade com o meio ambiente, a edificação causaria grande impacto. O Ministério Público então pediu que o muro de contenção construído no local fosse demolido.

Mestre em Administração e elaborando tese de doutorado na área de *greenwashing*, João Victor Barroso



Foto: Evandro Pereira

explica que a identificação da prática de *greenwashing* depende de um prévio conhecimento sobre sustentabilidade. “Os consumidores conseguem se proteger tendo acesso à informação. Com a popularização das redes sociais, as empresas costumam fazer essas práticas e os influenciadores, as pessoas que têm acesso à informação, estão cada vez mais se inteirando e confirmando se realmente aquilo acontece, se é de verdade”, diz.

Os sete pecados do *greenwashing*, segundo o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), começa com o item “sem provas”, ou seja, é um apelo ambiental que não pode ser comprovado por informações facilmente acessíveis ou por uma certificação de terceiros confiável.

No item “troca oculta”, há apelo de que um produto é “verde” com base em

um conjunto restrito de atributos, sem atenção a outras questões ambientais importantes. O papel, por exemplo, não é necessariamente ambientalmente preferível apenas porque vem de uma floresta colhida de forma sustentável. Outras questões ambientais importantes no processo de fabricação de papel, como as emissões de gases de efeito estufa, ou o uso de cloro no branqueamento podem ser igualmente importantes.

Na “vagueza e imprecisão”, o apelo é tão mal definido ou amplo que seu significado real é provavelmente mal entendido pelo consumidor. “Todo-natural” é um exemplo. Arsênio, urânio, mercúrio e formaldeído são naturais. “Todo-natural” não é necessariamente “verde”.

No item “relevância” há o apelo ambiental que pode ser verdadeiro, mas não é

importante ou não ajuda os consumidores que procuram produtos ambientalmente preferíveis. O “CFC-free” é um exemplo comum, uma vez que é uma alegação frequente, apesar de os CFC serem proibidos por lei.

No “menor dos males”, o apelo pode ser verdade dentro da categoria de produto, mas isso pode distrair o consumidor dos impactos ambientais maiores da categoria como um todo. Os cigarros orgânicos poderiam ser um exemplo desse pecado, assim como o veículo utilitário esportivo de baixo consumo de combustível.

Já o item “lorota”, há reivindicações ambientais que são simplesmente falsas, e no “adorando falsos rótulos”, o produto que, por meio de palavras ou imagens, dá a impressão de endosso de terceiros que não existe. Em outras palavras, etiquetas falsas.



Imagens: Pixabay

“Com a popularização das redes sociais, as empresas costumam fazer essas práticas e os influenciadores, as pessoas que têm acesso à informação, estão cada vez mais se inteirando e confirmando se realmente aquilo [sustentabilidade] acontece, se é de verdade

João Vitor Barroso